



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
BACHARELADO EM LÍNGUA FRANCESA

ORLANDO RUFINO MARTINS

“RUA DE BERNE, 39”:

Tradução comentada e enquerizada do romance de Max Lobe

Salvador

2022

ORLANDO RUFINO MARTINS

“RUA DE BERNE, 39”:

Tradução comentada e enquerizada do romance de Max Lobe

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Letras – Língua Estrangeira, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Letras – Língua Estrangeira Moderna.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Bicalho.

Salvador

2022

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo realizar a tradução comentada para o português do Brasil de alguns dos capítulos do romance “39 rue de Berne”, de Max Lobe (2013), tendo como público-alvo o leitor e a leitora adulta brasileira. Possui como base teórica os aportes da Teoria Queer, articulada com estudos pós-coloniais e outras teorias que discutem o papel do tradutor. Para tanto, estabelecemos, inicialmente, uma reflexão sobre as teorias que serviram de escopo ao presente trabalho, quais sejam Miskolci (2012), Carrascosa (2017), Venuti (2019), e Matos (2014), o que permitiu, em um momento posterior, a seleção dos capítulos do romance que se mostraram interessantes para a discussão teórica. Para efetuar a tradução dos capítulos escolhidos e as discussões estabelecidas nos comentários nos apoiamos em contribuições teóricas adicionais, as quais conferem cruzamentos entre os Estudos da Tradução e Teoria Queer, em especial, as de Burton (2010), Weißegger (2011), Spurlin (2018), Baer (2021) e Démont (2018). Essas leituras e cruzamentos me possibilitariam entender ou mesmo desvelar nuances e sentidos que envolvem as temáticas da obra, como homossexualidade, diáspora, racismo, entre outras.

RESUMÉ

Cette recherche a pour but de faire la traduction commentée vers le portugais du Brésil de quelques chapitres du roman « 39 rue de Berne », écrit par Max Lobe (2013), en ayant comme public-cible le lecteur et la lectrice adulte brésilienne. Elle a pour base théorique les contributions de la Théorie Queer, articulée aux études post-coloniaux et à d'autres théories qui discutent le rôle du traducteur. Pour atteindre à ce but nous avons d'abord établi une réflexion sur les théories qui étaient à la base de cette recherche, à savoir Miskolci (2012), Bhabha (1998), Carrascosa (2017), Venuti (2019), et Matos (2014). Ce corpus théorique nous a permis de sélectionner les chapitres qui se sont révélés intéressants pour la discussion théorique. Pour réaliser la traduction des chapitres choisis et inclure les discussions établies dans les commentaires nous nous sommes appuyés sur des contributions additionnelles qui mettent en œuvre des croisements entre les Études de la Traduction et la Théorie Queer, spécialement, celles de Burton (2010), Weißegger (2011), Spurlin (2018), Baer (2021) e Démont (2018). Ces lectures et croisements se sont présentés comme des outils méthodologiques qui me permettraient de comprendre ou de dévoiler des nuances et des sens autour des thématiques de l'œuvre, comme l'homosexualité, la diaspora, le racisme, entre autres.

NOTA DO TRADUTOR

Publicado em 2013, o segundo da autoria de Max Lobe, “39 rue de Berne” é um romance que transita entre as fronteiras da África e da Europa sob a narração de Dipita, um rapaz de origem camaronesa nascido na Suíça. Tanto os fatos que precederam o nascimento do personagem quanto a sua história construída em solo europeu constroem um enredo de múltiplas temáticas sociais.

Esboçando uma ordem cronológica dos fatos, posso dizer que o romance apresenta a história da mãe do narrador, Mbila, que se vê obrigada a sair de Camarões pela ingerência de seu irmão, Démoney, em um contexto de forte instabilidade política, econômica e social no país. Com documentação falsa e pela interferência de “benfeitores”, a garota é enviada para a França, onde encara duramente a verdadeira razão de sua ida: prostituir-se para pagar a dívida que nunca havia contraído. Após anos de trabalho, Mbila se instala na rua de Berne, nº 39, em Genebra, onde constrói a sua vida e dá à luz Dipita, quem narra todo o romance, passado e presente das tramas que o atravessam.

No entanto, é preciso alertar ao leitor e à leitora, a narrativa foge da linearidade temporal dos acontecimentos e é por meio dessa fórmula que Dipita apresenta suas inquietações sobre o passado violento de sua mãe, os laços afetivos que possui em relação a seus tios e à sua terra natal e as contradições, os problemas e delitos de uma Europa que se distancia dos sonhos de uma vida melhor. Mas é no íntimo do narrador que constatamos outra importante temática do romance: Dipita é homossexual e isso lhe causa muito sofrimento. As angústias sobre sua sexualidade têm considerável influência de sua família de origem, em especial de seu tio, que considera a homossexualidade uma maldição herdada dos brancos. Com efeito, no país de Démoney ainda se vislumbra uma forte repressão penal a gays¹, além de ser espaço de constantes discriminações contra pessoas homossexuais².

Dividido entre tais contextos - de origem fortemente conservadora, de violências sofridas por sua mãe e de busca pela afirmação de sua identidade em seu país natal, onde se

¹ Em Camarões, pelo menos desde 1972 a homossexualidade é considerada crime, previsto no Código Penal do país (Loi nº 2016/007), passível de prisão de 6 meses a 5 anos, além de multa de 20.000 a 200.000 francos (REPUBLIQUE DU CAMEROUN, 2016, p. 133).

² De acordo com o relatório “Homofobia de Estado”, elaborado em 2020 pela The International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association (ILGA), foram relatados quase 1.800 casos de detenções, extorsões e violência praticadas por autoridades camaronesas devido a orientação sexual (MENDOS et al., 2020, p. 120).

vislumbram avanços nos direitos homoafetivos³ - Dipita desenvolve constantemente traços de culpabilidade, pois se vê incapaz de extirpar de si a própria essência, tão condenada por seu tio, e que pode ser a causa de suas infelicidades. Por outro lado, o único conforto encontrado por Dipita se dá por meio de “um universo feminino” (LOBE, 2013), representado pela mãe e pelas wolowoss, colegas de ocupação de sua mãe, universo esse que o conduz em seu ambíguo e conflituoso processo de autodescoberta.

Traçado até aqui esse recorte sintético do romance, é possível que o leitor e a leitora busquem relações entre o enredo literário e a vida do autor, a fim de compreender certas nuances de sua escrita e principalmente estabelecer liames autobiográficos, sobretudo se tiver feito uma pesquisa prévia sobre quem ele é. De qualquer sorte, pode-se afirmar que as temáticas escolhidas para o autor nesse seu segundo romance, publicado em 2013 pela Éditions ZOE, compõem os elementos pelos quais se interessa e apresenta ao longo de sua obra.

Max Lobe nasceu em Duala, Camarões, mas passou a morar na Suíça em 2004, aos 18 anos, a fim de ingressar nos estudos de jornalismo e comunicação e posteriormente num mestrado em política e administração pública. Incluindo “39 rue de Berne, ele já escreveu seis romances⁴ e obteve alguns prêmios literários⁵ por sua obra, a qual se destaca por tratar de temáticas relacionadas ao contexto africano, como imigração, guerra civil, diferenças culturais e sexualidade.

Lobe é abertamente homossexual e um defensor convicto deste tema, tendo já declarado que “[u]ma literatura que aspira certa universalidade deve poder falar de sentimentos, de sexo... As histórias de amor existem por todos os lados, entre pessoas do mesmo sexo, como entre heterossexuais⁶” (JUOMPAN-YAKAM, 2018, p. 1). E, mais recentemente, com a criação de sua página pessoal na internet, constatei que o autor se identifica como pessoa queer ou, mais especificamente, como “Black African Queer – BlaQy” (MAX LOBE BLOG, 2021). Independentemente do momento de sua afirmação identitária, é notório que o autor imprime

³ Segundo informa Romy (2020), desde 1942 a homossexualidade deixou de ser crime na Suíça, e a partir de 2007 é permitida a união civil (*partenariat enregistré*) entre pessoas do mesmo sexo, tornando-se o primeiro país cuja população em sua maioria (58%) aprovava os casais homossexuais. No entanto, a autora ressalva que ainda há muitas conquistas a serem alcançadas, devido principalmente aos constantes casos de discriminação.

⁴ Pela editora Éditions des Sauvages, foi publicado “L’Enfant du miracle” (2011). Pela Editions ZOE, foram publicados “39 rue de Berne” (2013), “La Trinité bantoue” (2014), “Confidences” (2016), “Loin de Douala” (2018) e “La Promesse de Sa Phall’Excellence” (2021). No início de 2022, o terceiro romance do autor ganhou uma tradução para o Brasil, pela Editora Âyiné, sob o título “A Trindade Bantu”, traduzido por Lucas Neves.

⁵ Em 2009, o Prix de la Sorge; em 2014 o Prix du roman des Romands; em 2014 e 2017, o Prix Ahmadou-Kourouma. Além disso, o romance “39 rue de Berne”, objeto da presente pesquisa, foi selecionado para o Prix des cinq continents de la francophonie de 2013, meses após a sua publicação (MOUSSAVOU, 2020).

⁶ São nossas todas as traduções quando o tradutor não for mencionado: “[u]ne littérature qui aspire à une certaine universalité doit pouvoir parler de sentiments, de sexe... Les histoires d’amour existent partout, entre personnes de même sexe comme entre hétérosexuels” (JUOMPAN-YAKAM, 2018, p. 1).

uma sensibilidade quanto à homossexualidade em seu primeiro romance, o que se mostrou como tema essencial para ser entendido e que conduziu à definição do aporte teórico utilizado para o desenvolvimento desta pesquisa.

Com efeito, o drama vivenciado pelo narrador criado por Max Lobe, em “39 rue de Berne”, retrata uma violência interna que atinge um dos pilares mais íntimos e secretos das pessoas: a sexualidade. Conforme assinala Miskolci (2012), é nesse espaço, visto que plenamente particular, que a sociedade tenta impor uma normalização, de modo que tudo o que lhe é estranho ou diferente torna-se repugnante ou abjeto socialmente. E é por esse “estranhamento”, em especial, que se interessa os pressupostos teóricos que compõem a Teoria Queer, porque é a partir da ideia de abjeção que entendemos “a dinâmica coletiva que gera a injúria e a violência contra aqueles e aquelas que explicitam a instabilidade dos gêneros”, pessoas essas que, “das formas as mais diversas, encarnam a diferença, o que não se anula na familiaridade do óbvio ou na reconfortante mesmice em que descansa o olhar cotidiano” (MISKOLCI, 2012, p. 41).

Portanto, delineadas essas perspectivas, a presente pesquisa tem como objetivo realizar a tradução comentada para o português do Brasil de três capítulos do livro “39 rue de Berne”, de Max Lobe (2013), tendo como público-alvo o leitor e a leitora adulta brasileira. Especificamente, a pesquisa buscou refletir sobre o processo tradutório e as teorias que lhe serviram de escopo, para, em seguida, traduzir os capítulos selecionados a partir das teorias escolhidas e, por fim, descrever as escolhas tradutórias e comentá-las com base nas escolhas teóricas propostas e no público ao qual se destina. A opção por resumos, sem comentários analíticos do tradutor, partir do interesse em manter o texto dos capítulos não traduzidos sem interferências interpretativas do tradutor, apenas com o relato sintético daquelas partes obra.

Em relação à escolha do livro, considero, inicialmente, que ela derivou de uma motivação para traduzir uma obra que trate de um contexto não inserido em centros de produção literária francófona que são frequentemente objeto de pesquisas, tais como França e Canadá. Busquei, igualmente, uma obra cuja temática permitisse certa aproximação com o contexto sociocultural brasileiro, de modo que a tradução pudesse exercer uma intermediação entre as culturas em contato. Além disso, a motivação de traduzir um livro que retrata uma temática LGBTQIA+ pela voz de um escritor que representa e defende essa comunidade originou-se não apenas da aproximação do tradutor/leitor com a obra, mas também da necessidade de reverberar produções literárias que ainda são classificadas como “minoritárias” ou marginais na cultura estrangeira, mas que se mostram necessárias, para compensar desigualdades e exclusões na

cultura doméstica, causadas por estereótipos sociais, determinações canônicas ou preconceitos linguísticos (VENUTI, 2019).

Entendo que a obra de Max Lobe pode permitir ao leitor e à leitora brasileira conhecer um autor de um país francófono ainda pouco lido no Brasil, que trata, ao mesmo tempo, dos desafios da diáspora e das riquezas culturais de cada espaço cultural descrito, o que pode ser interessante para a desconstrução de imaginários, principalmente quando se considera as invisibilizações históricas do continente africano.

Nesse sentido, a pesquisa buscou, inicialmente, uma reflexão sobre as teorias que serviram de escopo, para a seleção dos capítulos do livro de Max Lobe que se mostraram interessantes para a discussão teórica, tendo em vista especialmente a limitação de tempo para tradução do texto integral. Assim, acabei selecionando três capítulos centrais da obra, o IX, X e XI, por entender que eles apresentam de forma focalizada as problemáticas que Dipita enfrenta acerca de sua sexualidade e, ainda, porque neles as questões sobre sexualidade são mais visíveis e poderiam viabilizar as discussões teóricas propostas por uma tradução sob o viés queer de modo mais nítido. Apresento os capítulos não traduzidos como prólogo e epílogo da obra, portanto meus resumos dessas partes do texto literário, como forma de trazer para a leitura os contextos anterior e posterior aos capítulos objeto da tradução, porque se fazem importantes para uma compreensão mais abrangente de todo o enredo da narrativa.

Os principais comentários, por sua vez, são apresentados como notas ao final dos três capítulos (seção “Notas e Comentários”), quando elas se mostraram importantes para a discussão sobre as justificativas das escolhas tradutórias ainda no âmbito do texto traduzido. Seguindo o caráter de “estranhamento” e descoberta, sugiro que a leitura deles ocorra após a conclusão da leitura dos capítulos, mas fica a critério da leitora e do leitor a possibilidade de consulta concomitante.

Boa leitura.

Rua de Berne, 39

PRÓLOGO

Sempre que sua mãe, Mbila, passava férias em Camarões, Dipita visitava seu tio Démoney. Este, aos cinquenta anos, levantava-se cedo em Ngodi-Akwa para saudar seu Deus Sol, com um ndongo ndongo, um talo de palmeira, para escovar seus dentes. O irmão de Mbila tinha sido inspetor de impostos, mas, por forte influência política, estava desempregado. Dipita conta que quando Bilolo, esposa de seu tio, comentava o contexto político da região era logo repreendida pelo marido, quem dizia que ela tinha que se “ocupar apenas com o que está cozinhando em seus caldeirões”, na cozinha, lugar de mulheres. Muito rígido, chorou apenas quando conversava com sua divindade, em língua bassa, cena flagrada uma vez por Dipita. Entre as conversas, o tio alertava ao sobrinho que nunca deixasse se levar pelas coisas “do Branco”, que chora “como uma mulher” e que, quando não o faz, “vai fazer coisas erradas com um outro homem.” Dipita, que narra todo o romance de dentro de uma cela de Champ-Dollon, em Genebra, diz que chora do jeito que seu tio não queria e que tinha se tornado “assim”, como os brancos de que ele falava.

Démoney herdou o espírito rebelde de seu pai Pâ Ndoumbè, morto no confronto de guerrilheiros com os colonos. Sua mãe, Mâ Antoinette, morreu dias depois do marido, picada por uma serpente. Além de Démoney, o casal deixou Mbila, de quem o irmão cuidou como sua primeira filha. Quando adulto, o tio de Dipita combatia o regime, a ditadura pós-colonial, o partido único, a injustiça etc. No contexto político camaronês em que vivia, as autoridades políticas em Ngodi-Akwa mantinham uma espécie de ostracismo com os opositores, como Démoney, mantendo-os nem na prisão, nem em postos altos, para silenciá-los. Referiam-se às pessoas como “cotas”, amigos, mas quando essa proximidade aumentava, eles as exterminavam. Démoney tinha o hábito de se reunir com camaradas da resistência na cidade, para discutir sobre política e trocar informações, mas os outros reclamavam que o homem era apenas de palavras, sem ações, um mougou, sem coragem. Em sua defesa, Démoney reclamava que o “tratavam como mulher”, e argumentava que eles eram poucos para uma revolta armada.

Todos esses fatos foram contados por Mbila a seu filho. Relembrando-se do passado, ela contava como tudo mudou após a eleição fraudulenta do então presidente Biya. A população resistiu, mas a repressão dos militares foi tão forte que muitos foram mortos nas ruas, sem justificativa, criando as chamadas “cidades mortas”. No entanto, a imagem ditatorial de Biya foi tão impregnada na mente da população que o chamavam de “Papai Biya”, mas Démoney e seus camaradas usavam o apelido “Barbie do Eliseu”, uma alusão à influência de Paris. Quando

ouviu a menção à boneca no relato, Dipita lembrou-se do dia em que pediu uma Barbie a sua mãe, que a negou oferecendo em troca um boneco de Dragon Ball Z.

Mbila contava, ainda, que depois de dois anos de trabalho Démoney foi aposentado, o que lhe deu uma renda mensal bem pequena que, segundo ele, era “magra como um aidético”, num período em que muitos morriam pela doença, sobretudo os jovens. Ao contar esse fato, Mbila disse que isso ocorria porque eles faziam “coisas erradas” e que a SIDA era uma “Síndrome Inventada (pelos Brancos) para Desencorajar os Amores”, explicação que Dipita reproduziu anos depois na escola, na Suíça, gerando muitos risos.

Démoney afirmava que com uma rede de pessoas é possível se tornar alguém. Seguindo essa fórmula, ele combinou com os chamados “Filantropos” que Mbila fosse para a Europa, supostamente para salvá-la da miséria do país. Como exemplo, o homem contava a história de Amougou Atangana, conterrânea que fora à Europa e permitiu que a família construísse um casarão em Ékélé, o que trouxe uma rede elétrica à cidade. Aos treze anos, Mbila começava a ter mudanças no corpo e passou a ser importunada pelos colegas, que a chamavam de “Mamãe Mbila”, por causa do tamanho de seus seios. A garota desmotivou-se a ir para a escola, o que agradou Démoney, para entregá-la aos “Filantropos-Benfeitores”, como ele os chamava.

Dipita, na prisão, lembra-se também de seu primo, Pitou, que se parecia muito com o amigo latino Saarinen. Sua tia, Bilolo, como também fazia seu primo, o chamam de nkana, Branco. Sua tia fazia os bolinhos de banana selvagem para vender no mercado de Ngodi-Akwa, onde era muito respeitada entre os vendedores e associados, ou “Asso”. Já Démoney, em casa, mantinha seu dinheiro guardado embaixo do colchão, seu “banco”. Na prisão, Dipita compara essa realidade com os grandes bancos da Suíça, completamente diferentes, e lembra-se do desejo de sua mãe de que ele se tornasse banqueiro, para andar com terno e gravata e ter carros. Démoney afirmava que ela tinha razão, e que era preciso que a família tivesse pelo menos um médico, um banqueiro e um pastor. Para Dipita, isso era uma grande responsabilidade.

Mbila contava que tinha 16 anos quando partiu para a França. Viu quando seu irmão entregou um envelope bege em troca de um livreto verde escuro. Ele lhe entregou o documento, informando que se tratava de um passaporte. Nele, as informações estavam corretas, com exceção da data de nascimento, com cinco anos a mais, para que ela pudesse sair de Camarões, onde a maioridade ocorria aos 21 anos. Na prisão, Dipita pensa em como seria sua vida com cinco anos a mais e que poderia fazer muitas coisas erradas, como seu primo, de apenas 13 anos, fazia com as meninas. Contudo, ele, aos 8 anos, dizia não ter pensamentos maldosos e gostar de brincar com suas amigas Elvira Loira e Romana Morena, que brigavam para decidir

quem era sua esposa para cuidar das bonecas. Ele, preocupado apenas em pentear as Barbies, dizia que essas não gostavam de brigas e por isso devia ir embora com o amigo latino.

Dipita contemplava a beleza e o rosto “tipicamente bantu” da mãe. Entre cosméticos, gestuais e perucas, o narrador achava que os falsos cabelos lhe proporcionavam a “doce aparência ocidental” que ela sempre procurava, sem abandonar os gestos de princesa bantu. Vaidosa, Mbila mantinha um cuidado de sua beleza com muitos cosméticos. Dipita, na ausência da mãe, utilizava alguns deles, como batons e esmaltes, além das perucas. Ele se considerava seu associado e analista de comunicação, não mais uma criança, já que sua mãe o pedia para mandar recado a seus clientes ou credores, mesmo estando em casa. Também se intitulava o psicólogo de sua mãe, pois a ouvia e respondia apenas com “uhum” e acenos de cabeça.

Ela lhe contou como foi o dia em que foi entregue aos dois Filantropos, como se fosse uma “mercadoria ambulante”. Um desses homens lhe disse que eram “infinitamente gratos ao senhor Démoney por tudo que ele fez” e que por isso ela ganhou um visto para entrar na França como dançarina. Ela sorriu pela possibilidade de dançar internacionalmente, agradeceu ao tio, mas logo após teve a sensação de estar diante de um sequestro, pela forma estava saindo de seu país, sem se despedir de ninguém. Somente no dia seguinte, quando chegou na Europa, ela ligou para avisar à família, notícia que todos da cidade souberam. Em solo europeu, ela fez parte dos grupos M’veng e Assassinas de Bikutsi⁷ ou de Bi-Zizi⁸, cujos espetáculos atraíam homens que lhes davam muito dinheiro. Para fazer parte desses grupos era preciso ter 21 anos.

Na França, Mbila percebia que duas semanas de shows não seriam suficientes para juntar dinheiro. Pensou em voltar, mas isso seria inconcebível para seu tio. Diante da ordem dos Filantropos-Benfeitores de que deveria respeitar e fazer tudo o que os membros do M’veng pediam, ela entregou sua virgindade a Oyono Bivondo, líder vocal do grupo, por quem ela também estava apaixonada. Ao fim de um show, ela encontrou Amougou Atangana que lhe contou que, pela ação do grupo, seria necessário se preparar para reembolsar aquilo que eles tinham gastado, trabalhando pelo menos durante dois anos, já que provavelmente seu tio havia aceitado a viagem a crédito. Relatando que havia passado pela mesma experiência, Amagou acrescentou que Mbila seria enviada à Suíça, onde os clientes são “menos chatos”, para depois

⁷ Em tradução livre, “batemos o chão”, é um gênero musical tradicional de Camarões, originário das regiões das etnias fang, bulu e beti, do centro e do sul do país. Relacionado à figura feminina, originou-se dos encontros exclusivos de mulheres, num contexto patriarcal e machista, ocasiões em que se reuniam para cantar e dançar como uma terapia por suas frustrações, decepções e suas alegrias. Hoje, é considerado um símbolo da emancipação e sexualidade das mulheres e, embora tenha ganhado a mundialização desde os anos 1980, tem tido dificuldade para atrair as novas gerações em razão das influências musicais estrangeiras no país (AFP, 2020; ABONDO, 2019).

⁸ “Zizi” é um termo usado em Camarões para referir-se ao órgão genital masculino. Devido aos movimentos das mulheres na dança, o trocadilho enfatiza a excitação dos homens nos shows.

decidir se ficaria lá ou na França. Então sugeriu que, antes de ir, Mbila procurasse seu primeiro cliente naquele dia. Foi assim que Mbila percebeu no que estava metida e chorou. Ao refletir sobre o que fazer, decidiu que a solução mais plausível seria ficar e aceitar a triste situação que viveria. Mbila nunca perdoou seu irmão pelo que aconteceu. Anos depois, ao ouvir o relato da mãe, Dipita ficou enfurecido com Oyono.

Refletindo sobre esses acontecimentos na prisão, Dipita decide que ainda vai fazer muita coisa quando sair, como ver seu tio, pois, apesar das questões imperdoáveis de sua mãe, não vai condená-lo por uma mesma conduta, algo que ele entende bem estando preso.

Em seu relato, Mbila contou que pagou durante dois anos por um crime que nunca cometeu. Nunca reclamou ou denunciou, pois nem teria boas condições para tanto.

Depois de anos como wolowoss, numa noite, na rua de Berne, Oyono apareceu para Mbila, falou-lhe que ela estava “livre” por ter pagado a dívida e lhe entregou o passaporte de Camarões. Emocionada, Mbila abriu seu passaporte, viu seu nascimento ainda com cinco anos a mais e chorou, lembrando-se das palavras impositivas de seu irmão e dos momentos difíceis dos anos de exploração, dos diversos tipos de clientes, das violências, do risco à saúde, dos momentos de pânico por causa da polícia. Dipita chorou ao ouvir sua mãe, se sentiu mal por saber que ela “foi uma escrava sexual” e preferia que ela tivesse sido uma “versão clássica, mais simples”.

Mbila continuou contando que após ter recebido o passaporte, percebeu que ainda não estava livre, pois o documento não lhe dava nenhum direito. Ela continuava sendo uma clandestina e não podia voltar para casa. Então Oyono lhe deu uma outra “boa notícia”, a de que, por ela ser uma garota tão corajosa, que nunca os traiu, e da qual nenhum cliente havia reclamado, havia uma solução: fazer um trâmite para se casar com um dos parceiros deles, Bertrand Rappard. Mbila questionou, mas Oyono a tranquilizou dizendo que aquilo a tornaria regular no país. Sentindo-se “mais leve”, ela tombou do banco em que estava sentada e Oyono a segurou, mostrando-se como “o ombro, a consolação e a segurança de que ela precisava”. Mesmo em dúvida quanto ao caráter dele, quem lhe havia trazido tanto mal, ela “parecia restar submissa a ele”, motivo pelo qual não recusou suas investidas e, no quarto andar da rua de Berne, 39, apartamento que ele lhe emprestara e onde ela morava, ela engravidou.

IX

Nunca conheci meu pai.

Eu tinha uma mãe. Isso era mais do que suficiente para mim. Aliás, ao meu redor, a maior parte dos meus coleguinhas da escola não tinham pai. Por que me preocupar, então? Minhas amigas Elvira Loira e Romana Morena só tinham suas mães e suas bonecas Barbie. Meu amigo latino, Saarinen, também só tinha a mãe dele, Belén. A noção de paternidade não representava nada para mim, a não ser uma simples curiosidade.

Aos vinte e três anos – ou mais precisamente aos dezoito anos – minha mãe estava grávida de Oyono Bivondo e casada com Bertrand Rappard. Este senhor nunca encontrou sua esposa de fachada durante a gravidez dela. Contentou-se em se casar com ela e receber seu mbongo (*). Foi assim ele se tornou meu pai, como os divertimentos, sem mesmo ter informação sobre minha existência. É por isso que meu nome é Dipita Rappard!

Nunca encontrei meu genitor, Oyono. Enfim, uma vez... mas isso é uma outra história. Vou voltar a esse ponto mais adiante. E, francamente, depois de tudo que mamãe me contou sobre ele, devo dizer que nunca tive vontade de olhar para a cara dele. Ele não me inspirava nada mais do que desprezo, ainda que nos olhos de mamãe sempre existisse uma pitada de ndolo cada vez que falava sobre ele. Parecia dividida entre amor e ódio, entre desejo e repugnância. Minha mãe parecia presa a seu charme, mas eu o detestava sem nunca tê-lo conhecido.

Para mim, se fosse necessário ter um pai, teria sido o falso marido de minha mãe, Bertrand Rappard. Porém, só conheci esse senhor Rappard¹ – como eu o chamava com um certo desapego – bem mais tarde, na minha adolescência.

Já tinha dezesseis anos quando minha mãe me apresentou a seu ex-marido. Se digo seu “ex-marido”, é porque eles não estavam mais juntos há muito tempo. A propósito, eles nunca estiveram juntos de verdade. Oficialmente, eles foram casados e a união durou cinco anos. Depois eles se divorciaram quando minha mãe se naturalizou.

Negócio fechado.

Esse era o métier do senhor Rappard: receber dinheiro, “muito dinheiro” até, como salientava minha mãe, em troca de casamentos fraudulentos. O senhor Rappard só servia para isso em sua parceria com Oyono Bivondo, meu genitor. Servia apenas para doar documentos às garotas “traficadas” e exploradas que se distinguiam por sua submissão e resistência. Não pensem que esse cara era idiota. Na verdade, acredito que ele era bem ardiloso! Ele buscava

alternar seus casamentos pelo menos a cada três anos para não chamar a atenção da fiscalização, que deveria se questionar mil vezes sobre a vida desse homem pelo tanto que ele usava seu tempo se casando, divorciando, se casando novamente, depois se divorciando mais uma vez... Ele jamais trabalhou na vida, enfim... ele se casava e essa era sua profissão: ele era “casador” (*).

- Dipita! Dipita! Minha mãe me gritou como se eu estivesse a vários quilômetros dela.

Imediatamente deixei meu notebook Acer sobre a pequena escrivaninha do meu quarto, o único móvel que tinha para revisar minhas atividades quando a rua de Berne estava em calmaria. A propósito, nosso apartamento – com três cômodos e meio – era tão pequeno que mesmo os passos abafados de um gato na cozinha podiam ser escutados facilmente do quarto de Mbila ou do meu. Acontecia a mesma coisa quando os vizinhos faziam as coisas erradas deles, quando não era minha mãe no exercício de suas funções. O antigo imóvel em que morávamos parecia feito de papelão.

Não precisei dar três passos para encontrar minha mãe na entrada do nosso apartamento. Ali, eu a vi acompanhada de um homem. Um homem de altura e corpulência medianas. Um pouco barrigudo, mas não muito. Apenas uma pancinha. O homem estava em uma camisa xadrez azul céu sob medida, calça jeans e um casaco de veludo, e calçava mocassins pretos. Ele estava simples e elegante. Certamente já tinha chegado há algum tempo à casa dos 40. Um bigode bem cuidado cortejava seu lábio superior, mas sem ocultá-lo. Cabelos curtos e grisalhos sobre a testa lhe davam um ar de George Clooney. Parecia sexy. Falando a verdade, ele não era tão ruim assim comparado aos caras esquisitos que apareciam em nossa casa para consultas de outro tipo.

O homem também não tinha nada a ver com os negros sempre impecáveis, de modos enigmáticos, com olhar bem dissimulado por trás de grandes óculos de sol, mesmo nas noites mais escuras de inverno, que se trancavam com Mbila no quarto durante longas horas para discutir.

- Dipita, disse minha mãe, esse é o senhor Rappard.

- Bom dia, senhor.

Ele me estendeu a mão. Eu fiz o mesmo. O aperto de mão foi cortês e breve. Mbila nos convidou para tomar chá na sala.

Me sentei em meu pufe pera. Observei por um tempo aquele sujeito de quem havia ouvido falar muitas vezes. Perguntei-me o que ele vinha buscar em nossa casa depois de tanto tempo ausente. Será que veio pedir mais dinheiro a Mbila? Será que veio fazer chantagem? Prestei atenção em seus modos, em sua forma de falar. Charlotte, a cabeleireira, sempre dizia

que são pequenas coisas como essas que permitem detectar bem rápido os canalhas-gigolôs. Ali, porém, ao observá-lo, o sujeito me pareceu simpático, talvez não milionário, mas financeiramente estável. Disse a mim mesmo que Mbila e eu teríamos todo interesse em nos reconectarmos a ele. Ele poderia ajudar minha mãe a pagar meus estudos em design. Poderia ajudar meu tio e amigo no país. Ele não permitiu que Mbila ficasse na Suíça? “E se ele finalmente tirasse minha mãe da prostituição?”, pensei. Se ela abandonasse sua condição², eu correria o risco de perder todas as minhas funções: analista de comunicação, associado, parceiro e até psicólogo! Comecei a temer o retorno de um sujeito desse em nossa vida, para mamãe e para mim. Mas não havia nada a temer; tive essa leitura pelos gestos de Princesa Bantu de Mbila: ela se movia lentamente em sua cadeira de balanço enquanto fumava um baseado.

O encontro foi cordial. Voltei para meu quarto pouco depois, deixando minha mãe e seu convidado. Despedi-me do senhor Rappard com um aceno. Nunca mais o vi novamente.

Cresci no universo absolutamente feminino de minha mãe: estrelas, belezas, ostentação e principalmente fofocas. Ô, universo apaixonante! Eu estava tão apaixonado por ele que tinha desistido da ideia de ser banqueiro, como havia prometido a meu tio. Agora pensava em seguir meus estudos em um ramo tradicionalmente reservado à comunidade dita feminina: a costura. A partir dali, queria ser um costureiro. Meu amigo Saarinen me repreendia constantemente por causa dessa denominação. Segundo ele, tinha que dizer “designer” e não “costureiRA”. (*)

“Você não vai mesmo virar uma costureiRA”, dizia indignado e me olhando como se tivesse *vergonhas* por mim. “CostureiraZINHA, argumentava, é muito menininha idiota de esquina que não soube fazer nada da vida a não ser furar os dedos com um monte de agulhas. Já designer, assim, é mais viril, mais determinado, mais culto. É até burguês! Um designer soa como Yves Saint-Laurent, Giorgio Armani e por aí vai. Nada a ver com as costureiraZINHAS da esquina.³” Como eu concordava plenamente com ele, dizia: “Sim, Saarinen, você tem razão, quero ser um designer!” (*)

Um universo feminino. Apenas mulheres⁴. Belas mulheres que, como minha mãe, estavam preocupadas com sua aparência física, a beleza de suas vestimentas, a escolha de seu par de scarpins ou a exclusividade de seus penteados. Com exceção de Charlotte, a cabeleireira nigeriana, todas as mulheres que frequentavam nosso apartamento eram wolowoss da rua de Berne e arredores. Elas trabalhavam em turnos; algumas pela manhã, outras à tarde e à noite, outras pela madrugada. Os horários de trabalho garantiam a alternância. Cada garota deveria trabalhar de madrugada, pelo menos uma vez por semana, pois⁵ era o momento em que mais havia clientes. Todos aqueles carinhas tímidos imbecis e virgens, todos aqueles homens casados

e discretos, todos aqueles homens cuja vontade de fazer coisas erradas só se manifestavam de madrugada... todos, irrompiam na rua de Berne depois da meia-noite.

Da janela de meu quarto, eu assistia, ainda criança, às rixas entre as garotas na rua. Uma delas dizia, com um sotaque hispânico bem penetrante: “Es mi cliente, eu que lo vi primeiro.” Uma outra, negra, respondeu de forma destemida (*): “Não me importa! Você pode ter visto ele antes, mas ele veio em minha direção primeiro. É essa a diferença, minha pobre chola!” (*) Como as duas mulheres não se entendiam, elas começaram a puxar o cliente. Espantado, o homem escapou de fininho em seu passante e desapareceu com medo de perder em discórdia. E as duas mulheres, atrás, brigavam como duas leões para comer primeiro sua presa⁶(*). Eu gargalhava até doer a barriga. E na manhã seguinte, quando contava tudo a meus colegas de sala, eles não entendiam nada; eles roncavam todas as noites a partir das 21h. Os pais deles, ou mais provavelmente as mães, os colocavam na cama bem cedo. Enquanto eu, às vezes, me deitava à uma hora ou mesmo às duas horas da manhã.

Foi então que, para resolver essas enormes rivalidades entre as garotas da rua de Berne, minha mãe e algumas senhoras da rua decidiram criar um movimento associativo: a Associação das Garotas dos Pâquis, na forma abreviada, AGP.

O AGP tinha sede, evidentemente, no quarto andar do nº 39, na rua de Berne. Mamãe e suas amigas gostariam que ele estivesse no bairro das Nações, em Genebra, onde fica o grande prédio da ONU e de outras organizações internacionais. Mas elas sempre podiam sonhar acordadas. Aquela AGP era apenas uma simples associação, sem regulamento propriamente dito. A presidência neutra era garantida por Charlotte. Belén era a organizadora principal. Fora isso, as garotas da AGP não tinham nenhum objetivo preciso, a não ser o de se reencontrar de vez em quando para beber algo e contar suas experiências profissionais.

Essas lindas mulheres, todas elas eu conhecia (*). Aliás, elas participaram de uma maneira ou de outra da minha educação. Eu as considerava, todas, minhas mães, já que em nossa casa, em Camarões, a mãe é aquela que cria, apesar de meu primo Pitou-Tagarela teimar em diferenciar as noções de genitor e pai.

Minhas mães encontravam-se muitas vezes, e até muito frequentemente, em nossa pequena sala, ao redor de uma vodca, de um chá preto, de uma cerveja branca, de um grosso baseado ou simplesmente de um fino cigarro. Elas compartilhavam, ali, suas coisas de wolowoss. As mais experientes ensinavam às mais jovens como escapar das blitz policiais, da violência de certos clientes cultos⁷ em estupidez. Quanto a mim⁸, eu amava sobretudo quando elas falavam de coisas de sexo: como fazer gozar à vontade um homem excessivamente incansável? Como limpar o derrière para saciar os desejos dos que também gostam de se

divertir⁹ com a portinha dos fundos? Como salivar bastante em um boquete a ponto de deixar o cliente inconsciente, em coma? Quais posições poderiam ser feitas para aumentar o prazer de um cliente? Como e por que evitar atingir o orgasmo com um cliente? Minhas orelhinhas simultaneamente de associado e de psicólogo deleitavam-se alegremente com belas dicas.

Eu passava muito tempo com minhas mães da AGP, sempre sentado em meu pufe pera, escutando suas tagarelices e aquelas coisas de wolowoss. Quando não estava com as prostitutas, com certeza estava com minhas amigas de Barbie, Elvira Loira e Romana Morena – sem nenhuma ideia maldosa na cabeça, claro. Não havia absolutamente nenhum homem em meu universo, com exceção de Saarinen, talvez.

X

Da janela de minha cela, a qual também chamo de meu quarto, contemplo as cores do outono que brilham do lado de fora como fogos de artifício. A rotina sazonal deseja que as folhas mortas caiam pesadamente, umas após as outras, antes de se acumularem sobre o solo úmido. E é exatamente o caso. Folhas mortas de outono forram o solo ao redor da fortaleza da penitenciária e no pátio cimentado. Ao longe, na planície de Champ-Dollon, brilha um cenário matizado em amarelo-verde-vermelho. Quando olho esse coquetel de cores, encontro um pouco de esperança. Esperança de mudança, esperança de liberdade, esperança de reconstruir uma nova vida depois da prisão.

Um suave vento fresco sopra lá fora e balança as folhas mortas que jazem, órfãs, sobre o chão cinza do pátio de cimento. Tenho vontade de me deixar embalar por esse vento. Quero que me leve com ele, longe, longe, longe, fora desse meio em que me encontro. Quero que esse vento leve me transporte como num táxi coletivo até a África, em Camarões, onde poderei rever meu titio e dizer-lhe que mesmo que eu tenha cometido um erro¹⁰ grave, não mudei. Ainda sou o Dipitazinho, seu nkanazinho¹¹, a quem ele falava como se fala a um filho, a um futuro herdeiro. Quero dizer que ainda sou seu nkanazinho que talvez não vá mais se tornar um bancário como tínhamos concordado, mas, um dia, designer. Além disso, *um* designer, de todo modo, não é menos elogioso do que um banqueiro, não é mesmo?

Quero dizer a ele que ainda sou seu Dipita, seu menino ajuizado a quem ele pode contar o segredo de seu banco sem um centavo; sou o menino que não deixa escapar nenhum segredo da barriga, nem por um arrotto. Quero dizer-lhe que eu não choro, ou até mesmo que não choro nunca. Isso será, sim, uma mentira, mas esse tipo de mentira é permitido. Foi mamãe que me ensinou isso quando eu era o analista de comunicação dela. Então eu diria a titio que não choro nunca, apesar de eu ter me tornado *desse jeito*, como ele nunca gostaria que eu fosse. Ainda me lembro muito bem das suas palavras, que continuam ressoando em minhas orelhas: “Meu filho, não seja nunca como esses homens brancos que choram como mulherzinha ou que fazem coisas erradas com outros homens.” Penso constantemente nessas palavras tão fortes, nessas recomendações tão claras que ainda assim acabei transgredindo. Cada vez que penso nisso, sinto um grande aperto no peito. Eu teria dado tudo para tirar *isso* de minha pele, só para agradar a meu tio.

Quero dizer a meu titio que não esqueci o mais importante: a família. Quero dizer que penso nele, na titia que queima os dedos fritando os bolinhos de banana todas as manhãs.

Também penso em meu primo Pitou-Tagarela, mesmo que ele me chateie com seus lances bizarros de desvio de comportamento e tal. Quero dizer que penso em todos eles, sem parar, todos os dias. Quero contar tudo isso a meu titio para reconquistar sua confiança e ter uma segunda chance. Não é isso o que o supervisor de formação de nossa prisão diz a todo momento, que “estar preso não é o fim da vida”? Então, por que eu não poderia recomeçar tudo do zero e manter a promessa de ajudar minha família na África?

De minha cela eu vejo pássaros voando ao longe nos céus ensolarados desse outono ameno. Queria pedir a eles que transmitissem minha mensagem ao meu tão querido tio a milhares de quilômetros dali. Eu queria falar com o Deus Sol como fazia tão bem meu amado titio. Queria pedir-lhe que me ajudasse. Então fecho meus olhos e envio-lhe uma prece: “Oh, Deus Celeste! Oh, astro divino! Oh, Deus de titio! Dê-me a coragem de cumprir minha pena em paz. Dê-me a coragem de pensar em um futuro que seja um pouco melhor. Oh, Deus celeste! Oh, astro divino! Oh, Deus de meu tio! Não tape os ouvidos para minhas súplicas.”

Depois dessa prece breve, aperto com força minha mandíbula para não deixar escapar uma lágrima sequer. Eu não quero chorar. Ao menos nesse momento, preciso me manter fiel a esta promessa: nunca chorar. Nunca chorar como esses homens brancos... Mas impossível. É mais forte do que eu. Choro copiosamente.

E para secar minhas lágrimas mergulho meu espírito em uma certa evasão. Lanço meu olhar no pátio cinzento da prisão. Vejo o círculo relvado que fica no centro. Esse pátio apagado da prisão de Champ-Dollon contrasta profundamente com as vívidas cores outonais que existem mais além. Um vento passa outra vez e faz as folhas mortas darem reviravoltas como em um redemoinho. Imagino-me no lugar dessas folhas, leve, muito leve, levado, levado pelo vento...

Numa noite, quando revisava minhas atividades em meu quartinho, com os olhos fixados na tela do velho notebook Acer, minha mãe entrou.

- Tudo bem, meu anjo?

Sorri para minha mãe. Ela se aproximou de mim e tentou ler algumas palavras dos slides que eu revisava. Ela leu, não sem dificuldade, o título que aparecia na tela: “A e-las-ti-ci-da-de da de-man-da em re-la-ção ao pre-ço.”

-Êêê Dipita, meu filho! exclamou batendo as mãos. Agora você fica fazendo as coisas complicadas dos brancos. As elasticidades disso, as elasticidades daquilo.

- Não, pare com isso! Não é uma coisa de brancos. A elasticidade da demanda em relação ao preço é apenas a variação da demanda em relação ao preço...

- Stop! Stop! Stop! Vá pra lá com essas coisas de brancos.

- Não! Não é complicado. É bem simples, até. Isso pode te ajudar a sacar as coisas do trabalho.

- Ah, é, meu filho?

- Se você aumentar seus preços, você vai perder um monte de clientes, e se você abaixar os preços, então todos esses homens vão atrás de você e não das outras. Só isso!

- Só isso? Mas isso eu já sabia. Como os brancos gostam de complicar as coisas simples com essas palavras cabeludas. Elasticidade aqui, elasticidade dali. Eles querem que a gente fique elástico ou o quê? Vou te dizer uma coisa, Dipita: nunca vou abaixar meus preços. Pelo contrário, só posso aumentar eles, porque se eu abaixar meus preços os clientes vão pensar que eu não sou de boa qualidade. Não é mesmo?

- É isso mesmo! Você é um bem de luxo, mamãe!

- Uau! Dipita! Você tá me dizendo que eu sou um produto de luxo, como os vestidos Yves Saint-Laurent ou Gucci?

- Exatamente.

- Eu, Mbila, virei um produto de luxo! Acho que vou falar isso amanhã de noite no início da nossa reunião da AGP.

Minha mãe esboçou alguns passos de Bikutsi, enquanto mexia seu caldo de galinha. Dei risada. Uma voz suave e rouca nos interrompeu:

- Olha só, titia Mbila, a senhora não me disse que dançava tão bem.

Levantei os olhos em direção à porta do meu quarto e avistei um rapaz loiro, alto, os olhos cianos, os lábios carnudos, ombros largos e quadrados, majestosamente talhados. Bolinho de Banana do céu! Fiquei desorientado, e meu coração começou a bater tão forte em meu tórax que achei que ele estava dançando Bi-Zizi. Eu jamais tinha visto um boy tão lindo como ele na minha vida. Eu acabava de conhecer o amor à primeira vista.

Minha mãe tinha parado de dançar. Ela recolocou sua minissaia no lugar, limpou a garganta e disse:

- Realmente, Dipita, você me deixou confusa com essas suas histórias elásticas e seus produtos de luxo. Venha, deixa eu te apresentar o William. Ele é filho do senhor Rappard.

Depois ela se virou para aquela linda carinha loira e lhe disse:

- William, esse é Dipita, meu filho.

Então o senhor Rappard tinha um filho? Até ali eu tinha certeza de que esse senhor só servia para se casar e divorciar. Então, com quem ele pode ter tido um rapaz tão bonito? Aquele era seu pai biológico ou, ao contrário, seu pai adotivo, como para mim? Então eu tinha um irmão? Um irmão completamente branco e loiro?

William me estendeu a mão. Eu lhe estendi a minha, trêmula e suada.

- Olá, Dipita, me disse sorrindo.

- O-o-o-lá Wi-i-il-li-i-am, balbuciei, completamente aturdido com sua beleza.

- William estava entediado na casa da mãe dele, minha cota, em Bernex, então eu sugeri que ele viesse passar a noite aqui em casa, com você. Tenho certeza que vocês vão se dar muito bem. Tô com pressa. Tenho que correr para o trabalho. Esta noite vou ficar na casa de minha amiga Charlotte; ela está viajando e me pediu para dar vida ao apartamento dela. Então vou ficar lá. Assim eu não incomodo vocês com meus clientes e vocês vão poder ficar tranquilos e estudar os elásticos e os produtos de luxo. Muito bem, garotos, tô indo. Juízo.

Minha mãe se foi assim, me deixando com meu irmão, um garoto cujo charme me dava K.O. Quanto a mim, eu queria gritar a Mbila: “Não!!! Não me deixe com ele! Por favor, não nos deixe sozinhos! Não!” Mas Mbila já estava na rua de Berne caçando seus clientes. E eu estava cara a cara com William.

Ele parecia bem mais à vontade que eu. Sorria para mim sem parar, talvez pensando que isso me deixaria menos nervoso, menos estressado. Mas era exatamente o contrário que acontecia; ele só fazia adicionar fogo em meu coração já completamente incendiado. O que lhe dizer? Por onde começar? Sobre o que falar com ele sem deixar escapar nem um pouquinho dos meus sentimentos? Evocar nossa filiação improvável? Isso seria invasivo demais para um começo. Falar do trabalho de minha mãe? Pode ser, mas não com um desconhecido. Não me restava nada além de ficar com minha timidez.

- Sua mãe disse que você estuda os elásticos e os produtos de luxo? Me perguntou, certamente para garantir uma transição menos brutal.

- Não. Não são os elásticos e produtos de luxo. Eu só tava explicando a noção de elasticidade da demanda em relação ao preço.

- Ah! Mas isso é uma coisa bem diferente.

- Exatamente. Você conhece?

- Claro, claro que conheço. Tô estudando em um curso técnico em comércio. Tô aprendendo essas noções básicas de economia.

- Você tem quantos anos?

- Tenho dezoito, e você?

- Dezessete.

William se calou. Virei meu olhar para meus slides, fingindo uma grande concentração, enquanto tudo em minha cabeça estava embaralhado. Willian olhou meu quarto com atenção.

Seu olhar percorreu as paredes e encontrou nelas um assunto para lançar uma nova conversa: meus croquis de designer.

- Você que desenhou?

- Sim.

- Nossa, mas tá muito bom!

- Obrigado!

- Eu não ia conseguir desenhar vestidos tão lindos nesses bonecos. Se você continuar assim, você vai ser costureiro e famoso.

- Não, um costureiro, não, um de-si-gner.

- Ok, designer. Você pode se tornar um Yves Saint-Laurent e ganhar muito dinheiro.

- Uhum.

- Só lembre de mim quando você ficar famoso. Com meu diploma em comércio, eu podia te ajudar nas suas estratégias de marketing e de vendas.

- Ok.

Não adicionei nenhuma palavra. Fiquei imóvel na minha cadeira com rodinha. Só Deus Sol sabia o que era maquinado em meu corpo. Era como um carrossel de sentimentos: medo, vergonha, angústia, vontade, dor, e obviamente o ndolo, o amor.

Willian reclamou do calor do nosso pequeno apartamento. Imediatamente, ele desabotoou sua camiseta e deitou-se em minha cama. Grrr! Grrr! Eu ordenava a meus olhos para que restassem grudados na tela do computador. Meus olhos me desobedeceram arrogantemente para descobrir o torso atlético do boy que estava ali comigo, pobre Dipita, em meu próprio quarto, sobre minha cama. Willian tinha um corpo definido de um trabalhador braçal, como os Asso de titia Bilolo. Ele tinha um abdome trabalhado, barras de chocolate como eu via todas as manhãs nos programas de televenda. Willian poderia até ser manequim nesses programas que, bem cedo, nos lembram que é preciso comer para existir. A máxima era simples: consumo, logo existo.

- Ei, Wi-i-il-li-i-iam, quer um chá?

- Sim, quero muito, respondeu com entusiasmo.

Sem dúvida ele estava contente por finalmente me ouvir falar. Ele devia estar feliz em me ouvir fazer uma pergunta, em me ver ficar deliberadamente a serviço dele. Eu também estava contente, mas por outros motivos: ia finalmente me afastar dele por alguns segundos. Ufa! Sair de fininho para a cozinha me possibilitaria desacelerar meus batimentos cardíacos e implorar ao Deus Sol, Alá, Jesus e à Virgem Maria, ou mesmo a Buda em pessoa para que me ajudassem a acalmar minha respiração. Só um pouquinho de calma.

Que transtorno preparar essas xícaras de chá! Uma verdadeira tortura! Eu tremia feito vara verde. Queimei os dedos milhares de vezes. Gritei vários “Ai!” que preocuparam William: “Tudo bem, Dipita?”. E eu respondia: “Sim, tudo ótimo! Fique tranquilo!”

Para me acalmar, abri a janela da cozinha e mergulhei minha cabeça na barulheira da rua de Berne. Carros disputavam a estreita pista a ponto de reivindicar uma parte da calçada dos pedestres. “Biii! Biii! Biii! Sai da minha frente, idiota miserável! – mas aqui é a calçada, imbecil!”; buzinas ecoavam trazendo ainda mais ritmo a essa rua já barulhenta o suficiente; as kebabérias assavam ainda mais carne de porco para satisfazer seus clientes igualmente esfomeados e idiotas; os pequenos comerciantes cingaleses ainda vendiam álcool, muito álcool até, apesar da proibição de vendê-lo depois das nove horas da noite (“ah, foda-se!”); bares recebiam seus clientes ora riquinhos metidos, com os narizes bem empinados, ora farsantes infelizes sem nenhum mbongo; uma fila de rapazes magrebinos queimavam os pulmões, com um cigarro ou um baseado entre o indicador e o polegar: assim, desse jeito, fica mais macho, mais viril; homens e mulheres, com os rostos esticados, ficavam impacientes com as lavanderias pagas; os dealers – oh! Já ia me esquecer desses sujeitos! – calculavam seus clientes como um felino a sua presa; e, claro, as wolowoss, empoderadas no topo de seus saltos altíssimos à la Lady Gaga, outras sentadas em seus banquinhos, esperavam bem tranquilinhas seus clientes. Vendo esse ambiente turbulento em que eu tinha crescido de forma serena, encontrei meu fôlego naturalmente. Voltei a respirar normalmente. Eu estava ali, como um peixinho vermelho em seu aquário. Estava em meu meio natural, em meu biótopo, na rua de Berne. Mas por quanto tempo?

Voltei às duas xícaras de chá que eu tinha preparado com dificuldade e que começavam a esfriar. Peguei as duas, inspirei profundamente e me empenhei em voltar a meu quarto onde devia encarar William e seu charme. Eu não tinha dado nem um passo em direção a meu quarto e William se colocou em minha frente, na porta da cozinha, sorrindo, com meu notebook Acer nos braços e me disse:

- Ei, Dipita, você é gay?

Existem perguntas surpresas que, quando a gente faz, parecem um golpe do ndongo ndongo do titio Démoney na cabeça. Pan! Pan! Desconcertado e desorientado, deixei cair as duas xícaras de chá que segurava nas mãos. Elas se espatifaram no chão num baque estrondoso. Um caco de porcelana me feriu bem de leve no pé direito. “Ai!

- Tudo bem, Dipita? – Sim, tudo bem! Não se preocupe!” Mentiroso!

Que diabo me fez esquecer meu perfil GayRomeo aberto em meu notebook? Só uma burca bem grossa poderia esconder todas *as* vergonhas que cobriam meu rosto e meu corpo inteiro naquele momento.

Romeo.com é um site de encontros para homens. Eu dedicava uma boa parte do tempo teclando com alguns depros da região da Suíça francesa e além dela, de toda a Suíça e da vizinha França. Para mim, era uma forma de me socializar, pelo menos virtualmente, com outras pessoas *assim* como eu. Era uma forma de não me sentir sozinho no mundo com uma diferença que me parecia enorme. Sempre me lembrava das palavras de meu tio Démoney: “Meu filho, nunca seja como esses homens brancos...” Mas mesmo as palavras super rígidas de titio não chegavam a me desencorajar de vadiar nesse site que eu chamava também “O Supermercado”. Dava esse nome porque nele encontramos de tudo: os magros, os gordos, os pervertidos, os jovens, os velhos, os cadáveres ambulantes, os bonitos, os feios, os monstros, os prontos para consumo, como também os produtos vencidos etc.

As palavras de titio tinham me condenado e alijado tanto que me senti menos sozinho quando descobri a existência do Supermercado. Senti-me ainda menos sozinho quando percebi que por ali rondavam muitos boys super machões dos Pâquis que eu via andar na minha rua todos os dias.

Menos sozinho, sentia-me confiante entre os meus, protegido pela clandestinidade de nosso universo virtual, orgulhoso de entender, com o tempo, que talvez eu não fosse exatamente do jeitinho que titio pensava.

Eu me divertia teclando o dia todo no Supermercado. Conhecia cada vez mais a linguagem dos depros de lá. Os “casuais” para dizer sexo sem compromisso, os “Dot” para se referir aos dotados, os “Atv” para Ativos, os “Pas” para Passivos, os “Sub”, para submissos, os “Bare”, para barebacking, hum, de comida crua, os skatistas, para os caras que amam cheirar meias sujas, as “pics” para fotos, e por aí vai.

As conversas no Supermercado eram simples e curtas: “oi. – oi. – blz? – blz e vc? – blz. – o q curte? – um pouco de td e vc? – casual – lgl, vc é dot? – ss, e vc? – normal. Vc é atv ou pas?...”

Eu nunca chegava nos finalmentes. Tinha muito medo porque não tinha a permissão para estar nesse tipo de site. Eu só tinha 17 anos. Preocupado em ser discreto, me limitava aos chats, sem nunca revelar minha identidade nem meu rosto. Meu perfil não tinha nenhuma pic.

Lembro-me do amigo invisível que encontrei no Supermercado. Seu nick era BoyGato, e o meu MeninoCurioso. Eu compartilhava muita coisa com BoyGato. Falávamos de nossos dias na escola, de nossos professores chatos, de nossos desejos para o futuro, de nossa vontade

de conhecer o grande amor, de nossos pais ausentes, mas nunca de nossa profissão. Falávamos de nossas vontades matinais de fazer aquelas coisas, de nossos sonhos considerados “séries cor-de-rosa”, de nossas poluições noturnas, de nossas punhetas no chuveiro, de nosso medo da sodomia.

Apesar de tudo isso, nunca mandei uma selfie a BoyGato. A mesma coisa no caso dele. Éramos amigos, até apaixonados, sem nunca termos visto um ao outro: era isso o que eu amava no Supermercado, essa possibilidade de compartilhar meus medos, minhas alegrias e meus desejos com os outros sem nunca me revelar para eles.

Todo o tempo eu pensava em BoyGato, meu amado imaginário. Eu o imaginava bonito, jovem, enfim, como indicava o seu nick. Eu o imaginava de acordo com os dados inscritos em seu perfil: 1m87, 80 kg, caucasiano, porte atlético. Às vezes me perguntava se BoyGato era realmente gato e jovem, se não se tratava, na verdade, de um velhinho à procura de novinhos. Mas, bem do fundo de meu coração, eu sabia que tinha um caminhão de ndolo em minha barriga para BoyGato.

Meu perfil ficava sempre aberto, ao lado dos slides dos meus cursos no PowerPoint e, claro, em minha conta do Facebook. Eu tinha uma máxima: continuar conectado, mesmo quando a gente estuda. Foi isso que me deu uma rasteira revelando o segredo daquela minha *coisa* a William.

Fui ao meu quarto para cuidar de meu micro ferimento, e William tinha ficado na cozinha para enxugar o chá que eu tinha derramado. Ele me encontrou novamente alguns minutos mais tarde. Atencioso, sentou-se perto de mim; colocou uma mão sobre meus ombros e se preocupou com meu estado: “E então, tudo bem, Dipita?”, e claro que lancei o mesmo refrão: “sim, tudo bem! Relaxe!” Olha! O mentiroso! – Quero te pedir desculpas se te ofendi. Eu não devia ter mexido no seu notebook.

- Oh, não precisa se desculpar, respondi de forma negligente.
- Eu só queria jogar, só pra te esperar tranquilamente.
- Não se preocupe. Tá tudo bem.

De novo o silêncio entre nós. Decidi não me livrar de minha ferida para não encarar William. Ele mantinha a mão sobre meu ombro. Eu me derretia como manteiga em uma frigideira bem quente. Segurei minha respiração para não deixar nada escapar. Mas meu coração era só pulos incontáveis. Como eu queria usar o ndongo ndongo de meu tio para bater nele e recolocá-lo em ordem.

- Aliás, BoyGato sou eu.

O que dizer quando a gente fica cara a cara com nosso sonho secreto? Não acreditei. Era muito lindo para ser verdade. Devia ser uma piada. “E se fosse verdade verdadeira o que estou ouvindo?” me perguntei. Meu lábio inferior tremeu como o de um febril. Seria uma armação de minha mãe? Seria fácil demais acreditar em um complô. Mas qual palavra utilizar depois de uma revelação dessa? Dizer a ele que eu já imaginava? Fácil demais, não? Dizer que ele se enganou? Talvez. E mesmo que ele tenha se enganado, como ele soube que eu teclava com um certo BoyGato no Supermercado? Será que ele descobriu fuçando minha conta? Provavelmente sim. Mas vamos deixar isso de lado, pois o mais importante em sua revelação estava bem ali: ele também era *daquele jeito!*

Lentamente, levantei novamente minha cabeça e dirigi o olhar a meu interlocutor cuja mão ainda não tinha saído de meu ombro.

- Então BoyGato é você?

William se contentou em balançar a cabeça de cima para baixo como única resposta. Tirou a mão de meu ombro. Perdeu o olhar em algum lugar. O que ele olhava? Não saberia dizer. Meus croquis de designer nas paredes do quarto? Meu notebook Acer? Minha micro ferida de que eu não queria me despegar? Ainda sentado na cama, me afastei alguns centímetros, sob o pretexto de precisar de um pouco de ar. “Tá muito quente aqui dentro”. Consegui dizer. William segurou minha mão. O que significava esse gesto? E então, onde estavam as garotas da AGP para me dizer como me comportar nesse tipo de situação? Não parecia ser uma brincadeira. Tinha algo real. Eu vivia meu sonho. Cheguei perto de William. Levantei meus olhos e encontrei seu olhar. Fiz um carinho em seu rosto. Nossos lábios se aproximaram mecanicamente como se estivessem carregados com algo gracioso. Nos beijamos, afetuosamente, apaixonadamente, selvagemmente. Beije a sua boca e ele a minha. Ele baixou rapidamente a calça e vi sua cueca slip bem deformada pelo seu negócio. Era rígido e macio assim como as bananas selvagens que minha tia Bilolo usava para fazer a massa dos bolinhos.

BoyGato, ops! William tinha do que estar orgulhoso ali embaixo. No jargão dos deposedos diria que ele é bem dotado. Eu apalpava a coisa dele enquanto ele tirava minha roupa bem apressado. Colocou suas mãos em meus ombros e me forçou, com a força de seus braços, a ficar de joelhos. Fiquei reticente num instante, pensando em meu tio Démoney e em suas recomendações. Tive a desagradável sensação de ser um traidor. Senti surgir um odor de autocondenação. Igualmente pensei no trabalho de minha mãe, uma droga de wolowoss, naqueles homens que entravam no quarto todas as noites. Pensava em minha mãe, nessa posição de submissão, de joelhos, na frente do negócio ereto de um cliente feroz, ou até mesmo violento. Eu tinha ódio dos homens, ódio do pau, ódio de minha sexualidade. A ideia de dizer “não” me

atravessou o espírito. Esse ressentimento era tão forte que eu quis morder ferozmente esse negócio duro que, me encarando, apenas aguardava minha língua. Mas o desejo crescente do fundo de minhas entranhas fez submergir todo meu ódio nascente. “Oh, meu Deus, me ouvi falar, perdoe-me pois não sei o que estou fazendo.” Inconscientemente, maquinalmente, abri bem minha boca. William a encheu com sua banana, e eu senti o gostinho dos bolinhos de tia Bilolo.

William alcunha de BoyGato colocou suas mãos em minha testa, como para me benzer, me batizar, amém. Eu me empolguei com o que ele tinha de mais saliente naquele momento. Fechei os olhos e me deixei levar, de um lado com minha plena vontade e, de outro, a contragosto. Todas as belas dicas compartilhadas numa solidariedade animada nas reuniões da AGP me vieram como uma bagunça! Onde colocar a língua? Como abrir a boca para não se asfixiar? Como produzir o máximo possível de saliva para melhor comer seu fruto? Ah, pensei, quase orgulhoso de mim, Charlotte, a cabeleireira, sempre destacava que é importante, senão indispensável, não esquecer dos ovos! William gemeu como um animal capturado quando passei minha língua lá embaixo em seus ovos. Sem me avisar, ele me pegou com força e me lançou em minha cama de solteiro. De bunda para cima, não tive tempo de lhe pedir para que me lavasse como recomendava uma dica da Associação das Garotas dos Pâquis... Firme atrás de mim, com seu imponente gabarito de atleta, levantou suavemente minha pelve até ele e... pronto, estava feito.

Gritei como um guerreiro zulu. Por que eu gritei mesmo? Era porque sofria em minha carne? Era porque eu achava que estava sendo uma wolowoss como as mulheres da AGP? Era porque via em minha imaginação o rosto de meu tio Démoney, seu ndongo ndongo de escova de dentes na boca, dizendo-me que o que eu fazia estava errado? Talvez eu gritasse por causa de todas essas razões colocadas no mesmo saco. Não sei de nada. Gritei, é isso. Foi por isso que William colocou uma mão musculosa em minha boca. Então me senti rebaixado, privado de palavras, humilhado. Flashes da história sombria de minha mãe me vieram à memória. Eu queria me recompor, me revoltar, gritar ainda mais forte como os vendedores clandestinos do mercado improvisado de Ngodi-Akwa. Mas minha carne cedeu, fraca. William se deitou contra minhas costas e senti o calor de sua presença me penetrar. “Shh! Calma”, me disse. Eu travei a boca e me deixei levar.

XI

- Então, tudo bem com seu namoradinho? Me perguntou Charlotte a cabeleireira entre gargalhadas das garotas da AGP.

Não esperava uma pergunta dessa. Como ela soube que eu tinha um boy? Como ela tinha tanta certeza disso? Dava para ver que pelo seu olhar de fofqueira que ela estava certíssima disso.

- Não sei do que você está falando, mama Charlotte, respondi.

De novo, as garotas deram gargalhadas que me deixaram desconcertado. Elas pareciam tão convictas da informação que meu aspecto surpreso e indiferente não as enganou.

- Bem, meu filho, retomou Charlotte, líder do pelotão. Você sabe, sempre te disse que nasci antes de você. E já conheço há muito tempo essas histórias da carochinha.

- Ah, Charlotte, deixe nosso bebê em paz, interrompeu Belén, a mãe de Saarinen e a animadora principal da AGP.

Belén era boliviana. Fisicamente, ela tinha um corpo considerado de wolowoss¹². Seus seios eram bem pontiagudos como para machucar alguém. Seios que ela queria sempre colocar para frente. Ela os vestia com um sutiã ou um espartilho exageradamente pequeno para seu tamanho.

As outras garotas da AGP concordaram com a intervenção de Belén. “Belén tem razão!” disse Maïmouna, uma ruandesa com forma de vespa e viciada em lápis labial preto. “Belén tem razão, prosseguiu Tran-Hui, uma tailandesa cujo corpo era tão pequeno quanto o rosto. Ou você vai direto ao ponto, ou você deixa nosso Dipitinha em paz.”

“É sempre assim nessa associação. Nunca posso terminar minhas ideias. Vocês sempre me interrompem”, Charlotte se irritou.

Um grande “Ah!” de desaprovação se ergueu e preencheu o ar poluído de nicotina. “Então fale, Charlotte!”, “fale!” gritaram as garotas da AGP. “Fale, Charlotte. A gente só quer paz”, concluiu Belén. Charlotte saboreou o voto de confiança que acabava de ser dado a ela.

Nessa atmosfera de pátio do recreio, William entrou com uma bandeja na mão. Ele trazia várias xícaras, açúcar e a chaleira oriental de minha mãe – presente de Tran-Hui, a tailandesa. Mas o que ele estava fazendo ali? Ele não tinha me avisado que me visitaria.

William depositou delicadamente a bandeja de chá sobre a mesinha de nossa pequena sala. Ele se sentou perto de Mbila, no chão, em cima do tapete. Todas as garotas olharam sorrindo para ele, depois, em coro, lançaram o olhar sobre mim, com um mesmo sorriso

provocador. Tudo era muito estranho para ser verdade. E se tudo aquilo fosse falso? E se William não fosse filho do senhor Rappard de verdade? E se fosse uma grande pegadinha das mulheres da AGP, para que eu revelasse a minha parcela do segredo que guardava bem guardadinho a sete chaves?

Charlotte pôs seu traseiro cuidadosamente na poltrona de balançar de minha mãe. Arranhou a garganta como um chefe de aldeia africana e retomou a palavra.

- Bom. Bom. Pois bem, filhinho. A gente sabe que você é homossexual. Não precisa negar, porque William revelou tudo pra Mbila, e ela já contou tudo pra gente.

- Então vocês armaram tudo isso, não foi?

- Mas do que você tá falando? Charlotte se surpreendeu.

Seu olhar de fofoqueira se transformou em um olhar infeliz, inocente. “Ei, Dipita, meu filho, a gente não pode brincar com você, principalmente com coisas como essa”, disse levantando a mão para jurar.

Tinha vontade de me sentar em algum lugar. Com os olhos, procurei meu pufe pera para desaparecer nele como tinha o hábito de fazer durante todas as reuniões do AGP. Talvez ele pudesse me consolar. Talvez ele soubesse cobrir *as* vergonhas que eu sentia. Eu queria sair daquele cômodo, me afastar, fugir, abandoná-las com suas certezas. Mas isso seria muito vil. E a estima que eu tinha por minhas mães simplesmente não me permitiria fazer isso. Não me restava nenhuma alternativa além de recuperar o fôlego e me sentar no chão.

Charlotte continuou sua fala:

- Meu filho, acredite em mim. Não tem nenhum complô nisso tudo. Sua mãe viu vocês ontem à noite, William e você...

- E então?! Lancei imediatamente. Diga, William, o que são essas histórias? Afinal, o que você tá fazendo aqui?

- Calma. Se acalme, meu filho, interveio Mbila.

- Você viu a gente pelado na minha cama, e então? Qual o seu problema?

- ...

- Sim, eu sou veado! Sim, transei com ele! Sim! É isso que vocês querem ouvir, né? Pronto, falei! Satisfeitas?

A sala estava mergulhada em um silêncio pesado. Foi a primeira vez que subi o tom diante de minhas mães. Comecei a chorar. Envergonhado, quis fugir para meu quarto, porém a voz de Charlotte freou meu passo.

- Não chore, meu filho. Não precisa se aborrecer. Agora tudo tá bem evidente pra todo mundo e, pra encerrar esse assunto, tenho que te dizer que você é livre pra ser quem você é. A

gente não te condena e nunca vai te condenar. Você pode sempre contar com a gente pra te defender, seja nos Pâquis ou em qualquer outro lugar.

A gentileza dessas palavras me tocou. Senti a fúria que nascia em mim se dissipar. A emoção me fez enrubescer. Fui às lágrimas novamente. Chorava como um bebê. Chorei como titio nunca desejaria. William se levantou e veio me ajudar. Ele me abraçou e acarinhou minhas costas. Me senti amado.

Sempre soube que cedo ou tarde minhas mães acabariam me aceitando do jeito que eu sou. Contudo, não sabia que essa aceitação aconteceria de forma tão feliz, com palavras tão bonitas. Afinal, algumas de minhas mães vinham de países onde pessoas *assim* não eram as mais amadas. Mbila, por exemplo, vinha de Camarões onde os presumidos deposedos eram presos; Charlotte vinha da Nigéria, onde essas pessoas eram apedrejadas à vontade.

Nessa confusão de emoções e abraços calorosos, eu prestava mais atenção em minha mãe. Ela estava ali, como suas irmãs da AGP, levada pelo vento de alegria que soprava com vivacidade em nossa sala. Ao ver seu sorriso radiante, alguém diria que ela estava tão feliz quanto uma mãe que acaba de saber que seu filho tem um diploma pela Universidade de Genebra, ou que foi contratado por uma grande multinacional no bairro das Nações, ou que ele se casou com uma esposa doce e bela e que eles terão uma aldeia de filhos. Mbila parecia tão feliz quanto uma mãe cujo filho foi priorizado pelas autoridades político-administrativas.

Entretanto, com o pé atrás, me perguntei por que minha mãe estava tão feliz. Por que tanta felicidade por uma história de ndolo entre dois garotos? O que havia de tão feliz ou prazeroso a ponto de comemorar como ela comemorava? Em seguida, lembrei-me que titia sempre dizia que nos momentos de felicidade é muito difícil mostrar que a gente está cheio de ódio no coração. Por isso, pensei que a felicidade de minha mãe talvez guardasse uma tristeza que as circunstâncias não lhe permitiam ver.

Mbila não queria ter netos, como qualquer outra mãe? Ela que tinha sofrido tanto pelo exagero forçado de sua idade, pelo tráfico e pela exploração sexual não queria uma descendência que atestaria sua vitória sobre a estupidez humana de que ela foi vítima? Ela que tinha sido criada por titia Bilolo seguindo as regras dos costumes de nossa terra, não queria deixar esse conhecimento a uma nora? Então, por que ela não mostrava nenhum sinal de desaprovação, ao menos de decepção, de angústia, de desvario, de perturbação? Por que ela não mostrava o mínimo de incômodo, sabe? Na verdade, não. Ela parecia claramente orgulhosa de mim. Parecia orgulhosa de ter um filho *assim*. Em seu olhar úmido e reluzente, vi que ela não estava nem aí para o disse-me-disse. Ela não se importava com as fofocas dos desocupados. Ela não dava a mínima para aqueles que sugerissem que seu filho tinha se tornado *assim* – sim,

bem¹³ *desse jeito* – por causa dela. Ela era indiferente àqueles que deixassem a língua solta, como mascar chiclete, para falar que ela tinha criado o filho como se cria uma menina, como se existissem formas diferentes de criar uma menina ou um menino. Não, Mbila parecia estar cagando para tudo isso. Ela estava orgulhosa, orgulhosa de ser minha mãe, orgulhosa de ser a mãe de seu filho único. Depso ou não, eu era seu fiel associado.

É verdade que a atmosfera festiva do cômodo não me deixava indiferente. Porém, eu não estava tão embalado por seus *zagharits*¹⁴. Com efeito, ao longo de toda minha adolescência, eu estava tão nutrido por histórias de *revelações* que acabaram em briga, em pancadaria, em brutais rupturas de familiares, em rejeições e até mesmo em suicídios, que me sentia triste por ter tanta sorte. Eu estava tão impregnado por essas histórias sombrias que achava estranho me beneficiar por uma aceitação tão natural por parte de minhas mães. Por que essa oportunidade acontecia comigo? Sentia meu coração bater entre satisfação e amargura. Principalmente amargura. Vivía a amargura de não ter conhecido represálias por causa dessa minha *coisa*. Me sentia um traidor em relação a outros adolescentes com cujas histórias infelizes, postadas nos fóruns da internet, eu tinha me inundado bastante. Achava triste não ter tido uma trajetória como a deles. Desejava que eu também conhecesse o sofrimento da rejeição, o tormento da exclusão pela família, pelos amigos, pelo seu entorno. Queria conhecer os contornos do pensamento suicida, o engenho de encenar a morte, de imaginá-la, e até mesmo de realizá-la com coragem.

Achava que a hora da *revelação* rimava inevitavelmente com o suicídio. Eu precisaria deixar tudo preparado, minuciosamente, antes de me aliviar. Pensava, por exemplo, que era necessário preparar uma tonelada de comprimidos, se possível, com muito álcool. Não muito convencido por este cenário de intoxicação, aceitava usar uma arma – a do serviço militar, por exemplo. Algumas balas na cabeça liquidariam num instante todos os meus problemas. Mas o porém era que eu não me imaginava brincando de recruta nos campos militares deles. Sempre pensei que antes de ir para lá eu ia pôr fim à minha vida. Aquilo, de verdade, não era para mim. Então, qual solução escolher para acabar com minha vida em paz depois de minha *revelação*? Uma corda? “Sim, sem dúvidas, uma corda”, dizia para mim mesmo sentado na cama. Uma corda, uma cadeira. Sempre me imaginei ali, com o pescoço esticado, preso a uma corda amarrada no lustre de bronze negro de nossa sala. No entanto, quando vislumbrava o rosto de minha mãe diante da descoberta macabra de meu corpo suspenso por uma corda como uma guirlanda na árvore de Natal, dizia para mim que valeria mais a pena encontrar uma outra opção. Não me alimentar mais, talvez? Emagrecer e me tornar anorético? “Mas a anorexia era uma doença de mina!”, eu dizia.

Assim, eu arquitetava diversos cenários: me afogar no lago Léman, me jogar nos trilhos, me jogar embaixo das rodas de um carro na estrada etc. No fundo de minha aflição, pensava em todas essas possibilidades. Mas, sobretudo, eu dizia que era preciso deixar um rastro antes de ir. Era preciso deixar uma pequena carta, por exemplo. Eu queria fazer como Dalida, minha diva¹⁵. Eu queria redigir uma carta de adeus em que eu poderia dizer a minha mãe, não, a minhas mães, o quanto eu as amava. Eu queria dizer a elas que foi por amá-las que eu preferia partir e deixá-las em paz.

Aliás, eu já tinha preparado minha carta cuidadosamente. Queria deixá-la em meu notebook Acer, em um arquivo Word. Depois desisti, achando que minha mãe não conseguiria acessá-lo: ela não sabia usar um computador. Então, munido de uma folha em branco, escrevi: “Desculpem-me, uma vida de depso é inimaginável para mim.” Dobrei a folha em quatro e a guardei debaixo de minha cama, esperando pacientemente o dia D.

Contudo, nessa manhã, escutando as gargalhadas de minha mãe e suas colegas de AGP, senti vergonha. Todos meus planos foram por água abaixo.

Para mim, era importante viver uma história turbulenta, perturbadora, para ter alguma coisa chocante para postar num fórum, algo que magoasse, para compartilhar com os outros. Para mim, essa seria a melhor forma não apenas de combater com os outros perseguidos, mas também, e principalmente, de existir. Sim, existir. Porque estava certo de que para existir com essa minha *coisa*, precisava ter uma história para contar. E uma história de vida rosa e desprovida de todo sofrimento, de todo sobressalto doloroso, semelhante àquela que me ofereciam minha mãe e as mulheres da AGP, me parecia tão entediante que fiquei decepcionado.

NOTAS E COMENTÁRIOS

1 A autoridade do “Monsieur Rappard” foi, neste caso, problematizada, em virtude da posição que ele mantém no romance: um papel, assim como os outros masculinos da narrativa, que se impõe diante das personagens e de Dipita por seus caracteres de prestígio. Generalizando-o como mais um senhor, busca-se colocar essa masculinidade em questão, retirando-se também a sua autoridade.

2 Embora a prostituição não seja mais crime na Suíça ou no Brasil (onde ainda não é regulamentado), dois discursos a cercam: o abolicionista, que enfatiza a violência sobre os corpos e a vulnerabilização das mulheres; e o pró-legalização, que defende a escolha, o direito ao próprio corpo (FERREIRA, 2018). No entanto, segundo Ferreira (2018) em um viés queer, ambas as posições, além de exigirem a defesa estatal, não fogem de discursos hegemônicos, pois o primeiro reproduz a ausência de agenciamento de mulheres e o segundo exclui, a partir de um viés branco ocidental, outros corpos que se prostituem por condições complexas (drogas, vício, imigração etc.) e silenciam dissidências, como as travestis. Por isso, saindo do binarismo, quis problematizar o termo “trabalho” (métier) usado por Dipita, uma possível escolha literal de tradução, que poderia demarcar uma perenidade em relação à condição de wolowoss de Mbila, principalmente pelas condições de inserção da personagem, sem escolha. Por outro lado, o apagamento do termo poderia significar a sua vitimização e não autodeterminação. Por isso, preferi ressaltar o caráter de “estar” prostituta, a fim de afastar reducionismos à prostituição e evitar que essa definição fosse dada pela personagem, e não por ela mesma.

3 Enfatizado o tom sexista do amigo do narrador. Além de considerar o feminino como algo pejorativo, o “designer” é uma forma de o Saarinen se esquivar do termo estilista, talvez ainda ligado à costura e ao preconceito. Seria uma dupla negação do desejo de Dipita: nem costureiro/a, nem estilista, mas designer, mais “viril”. Na prática, designer seria alguém que está ligado a um projeto por completo, envolvendo estética de divulgação, análise de mercado, ao passo que “styliste” trabalharia a parte mais criativa, de ser capaz de criar novos modelos e coleções, o que o associa normalmente à costura. No Brasil, por vezes os termos se diferenciam, noutros são tidos como sinônimos. Não me parece que o Saarinen tem noção dessa diferença profissional, mas, sim, que ele usa a língua para encontrar um termo “seguro” pela virilidade (ou pretensa neutralidade) que ele pode marcar.

4 Não se conhece, na narrativa, todas as mulheres que compõem o universo “feminino” de Dipita, se cis ou trans, por exemplo. Diante da não especificação nem da supressão dessas mulheres, entendo que o termo no romance abarca possibilidades dissidentes sem as nomear expressamente. De todo modo, é válido destacar que, ao lado da constatação de que gênero não se define pelo sexo, para Butler (2018) a ideia de feminino não se concebe de forma universal, presumida e específica, uma vez que “[s]e alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é”, pois “o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas.” (s.p.).

5 É notório o estilo do autor, de fazer frases curtas e até dividir subordinadas. Nesse caso, em particular, entendo que usar o pois (car) depois de um ponto daria muita solenidade e certo suspense à narrativa. Prefiro deixar a fluidez leitora das frases intercaladas por acreditar que isso também tornaria a cena mais direta, vulgarizada, no sentido de não criar muitas barreiras para falar sobre a situação, de sexo.

6 No texto de partida: “se bagarraient comme des poules pour un coq” (“brigavam como galinhas por um galo”, em tradução livre). Acho que essa frase pode evocar uma interpretação de caráter sexista ou, no mínimo, pejorativa em contexto brasileiro. A partir de uma pesquisa sobre o mundo animal, é possível notar seres menos desfavoráveis, como as leas. Elas, maioria em seus grupos e exímias caçadoras que conferem o alimento para o bando, seguem uma estrita hierarquia para a divisão da caça: depois do macho, comem as fêmeas mais fortes, as mais fracas e em seguida os filhotes. Mas essa divisão não ocorre sem luta: “[n]ão se pode dizer que não há agressividade na hora de dividir a comida – as leas chegam a lutar entre si pelo direito de comer primeiro” (IWAKURA, 2016). No texto, embora o objeto de disputa ainda seja um homem, com a figura das “mulheres-leas” do romance, ele deixa de ser tanto o “eixo” sexual, para ser tensionado no sentido da comida. Também mudei o ato de “choisir” (escolher) do cliente para “ir em direção”, tanto para conferir certo agenciamento da mulher, como para criar a imagem da presa que se aproximou primeiro da leoa, facilitando o “abate”.

7 Mantive nessa palavra um estranhamento, já que normalmente não há essa construção “culto em” algo. Etimologicamente, a remissão do termo é feita a cultura, o que é comum, costumes, mas nesse caso o significado estaria em tensão com a ignorância, como se essa cultura difundida fosse também de ignorância de muitas nuances

minoritárias. Culto também se liga a cultos, a reverências e adoração, como também à norma culta, de modo que essas acepções podem ser repensadas quando alocadas em tensão com “estupidez”.

8A escolha de tradução busca uma suavização à transição, como uma deferência às falas das mulheres para depois introduzir seu tema de interesse.

9 “Saciar” e “se divertir” me parecem menos centrados nos homens do que “honrar” e “utilizar”, respectivamente, possíveis traduções literais. Apesar de as frases seguintes reforçarem certa preocupação com o bem-estar do cliente, os verbos usados propõem marcar um agenciamento das garotas, de certa forma “fartas” diante de um homem “vazio”. Leio o “se divertir” como um destaque para o prazer, ao passo que o “também gostam” coloca em evidência a possibilidade de personagens e pessoas diferentes, não só os homens, poderem se divertir com o “derrière”, sem que isso necessariamente defina seu gênero ou sexualidade.

10 Sob os olhos de Démoney, que influencia muito a autculpabilização de Dipita, trata-se de algo repugnante. Quis enfatizar o quanto esse peso normativo reprime o personagem.

11 Nkana: branco, na língua bassa.

12 Pensando na performatividade do corpo, evitou-se dizer “corpo de”, já que esses podem ser diversos e não há um corpo definido ou específico para se prostituir.

13 O advérbio busca enfatizar a consciência de si mesmo, da intensidade de sua homossexualidade que não podia ser contida.

14 Gritos normalmente realizados por mulheres em comemorações em países árabes. Caracteriza-se pelos agudos bem estridentes.

15 Além de ser uma forma de usar o feminino, contrariamente a ídolo, entendo que “diva” remete muito mais às influências de mulheres que comumente fazem parte da história de pessoas LGBTQIA+.

EPÍLOGO

Uma noite, após uma chamada de vídeo com William, Dipita refletiu sobre a chance de ter mães como as dele. Pegou a carta, não teve coragem de a reler, arrependeu-se e a rasgou, sentindo-se bem por isso. Mbila arrumava-se demoradamente no cômodo ao lado. Entrou ansiosa no quarto de Dipita dizendo que precisava muito de sua ajuda para algo urgente. Na cama dela, viam-se dez trouxinhas de cocaína enroladas em plástico filme em formato cilíndrico. Incrédulo, Dipita perguntou do que se tratava e ela lhe respondeu que não era momento para questões, que já havia engolido algumas e inserido outras na vagina e no ânus, mas não conseguiria dar conta das restantes; por isso precisava que ele levasse as outras.

Nesse momento, Dipita se enojou de sua mãe e, mesmo sabendo do tráfico de drogas nos Pâquis, não imaginava que sua mãe estivesse metida nisso nem que o colocaria nesse mundo. Ele também estava confuso: queria ajudar a mãe, mas tinha medo de ser pego pela polícia. No final, o garoto buscou se acalmar para resolver logo o problema. A mãe, então, o orientou que colocasse uma metade no estômago e a outra no ânus, “ao menos nisso ter um filho veado é uma coisa boa”. Dipita não reconhecia a mãe, pensou que “um espírito a controlava, a possuía”.

Sem poder esperar mais e após lhe dar as cápsulas para engolir, a mãe o colocou na cama e iniciou o processo de inserção das demais. Chorando e sentindo-se impotente, “violentado”, ele teve vontade de recuperar a carta, de abandonar tudo e não rever a mãe. Mbila o apressava e dizia para “ser homem” e que conhecia “muitos veados como [ele] que faziam isso”. Mas, quando desceram ao térreo, Mbila pediu perdão por tudo aquilo, pelos insultos, por colocá-lo naquela situação, explicou-lhe que estava nervosa e que o amava como ele é. Dipita voltou a sentir a sensação de parceria com sua mãe e aceitou que podia ajudá-la mais uma vez.

No caminho, ouviram uma sirene. Dipita imaginou a notícia nos jornais durante semanas: uma família de traficantes, uma mãe wolowoss, um filho depso; “denominador comum: traficantes de comprimidos”. Os policiais os abordaram, inspecionaram e ao verem o passaporte de Mbila e a carteira de identidade de Dipita, os policiais ficaram sem jeito e se desculparam, saindo logo em seguida. Indignado, o garoto gritou “em qual Genebra vivemos? Genebra ainda é uma República dos Direitos Humanos? Isso não é racismo?”. Mesmo sem se acalmar, lembrou que os policiais haviam examinado dois “grandes traficantes de drogas”.

Chegando ao hotel de destino, Mbila apresentou-se com um sotaque bem genebrino, e Dipita se impressionou com a desigualdade entre o luxo dos hotéis e a pobreza de sua rua, separados por algumas centenas de metros, e a igualou às desigualdades de Ngodi-Akwa.

A entrega foi feita a Oyondo Bivondo, ocasião em que Dipita viu seu pai biológico pela primeira vez. Dipita o cumprimentou friamente e pensou que ele era como os canalhas-gigolôs citados por Charlotte. Esperou que ele o observasse para buscar traços em comum, que dissesse que sentia saudades ou mesmo perguntasse se precisava de algo. Nada disso aconteceu. Mãe e filho foram ao banheiro e tiraram as drogas do corpo, por meio de um comprimido. Depois do processo, Mbila recompôs sua beleza, bem diferente da pessoa de antes, e agradeceu a Dipita por tudo, pediu que ele esquecesse o ocorrido, prometeu que não se repetiria e esperava que ele não o fizesse também. Disse que contava com ele “para continuar tranquilamente seus estudos e se tornar elástico”.

Tempos depois, de volta ao seu relato na prisão, Dipita afirmou que não conseguia esquecer William, por isso abandonou os trabalhos de formação em marcenaria e dedicou-se a escrever sobre o amado. Algum tempo depois, decidiu retornar ao ateliê, para se distrair e ter momentos alegres, embora preferisse se manter discreto para diminuir a pena e ajudar o tio.

Nos momentos solitários de recordação, o narrador relatou que amou William como nunca tinha amado ninguém e questionou-se como alguém bonito como ele poderia tê-lo amado. Ao olhar para seus traços físicos, sentiu um grande complexo de inferioridade. Lembrou-se das qualidades de William, confirmadas pela mãe, como o caráter “humilde, respeitoso, no limite da servidão”, pois não negava ajudar na casa de Dipita. Lembrou-se dos bons momentos com o amado, como nos dias em que lhe contava contos africanos. Relatou que os dois tinham o mesmo sobrenome, Rappard, mas não eram irmãos consanguíneos. A mãe de William, Papusha, era uma russa loira “escort girl”, cuja única diferença para as wolowoss, segundo ele, era que a primeira não trabalha na rua, mas nos grandes hotéis. Dipita nunca havia dito que achava injurioso como William diferenciava as duas profissões, o que lhe dava a impressão de que o outro tinha tudo e ele, nada. Mas esse rancor era sufocado pelos sentimentos que tinha por William e pela felicidade de ser seu companheiro.

Antes da prisão, os dois tiveram bons momentos. Dipita lembrou-se que, com um ano juntos, eles eram inseparáveis. No dia do aniversário de Mbila, 4 de agosto, depois de um dia inteiro juntos, William decidiu ir para casa à noite, o que contrariou Dipita, que desejava comemorar o aniversário com o amado. Sozinho em casa, Dipita masturbou-se imaginando uma relação sexual com William e dormiu. Instantes depois, acordou com fome e decidiu ir a uma kebaberia próxima para comer. Ao chegar lá e fazer o pedido a seu amigo e dono do local,

Dipita foi ao banheiro e abriu a porta, não trancada, e deparou-se com seu amigo Saarinen e William fazendo “coisas erradas”.

Nos dias seguintes, Dipita perdeu o apetite, trancou-se no quarto, decepcionado pelo que tinha visto, de tudo o que viveu com William, como as belas palavras ditas por este, como a de que “fazia seu tipo”. Ao lembrar dessa fala, Dipita sentia que podia agradar alguém e esquecia-se dos defeitos que o atormentavam. Mas por que ele foi capaz de fazer aquilo? Então Saarinen era como os brancos de que falava o tio? Preocupada com a saúde do filho, “mais magro do que as pensões de aposentadoria antecipada” de Démoney, Mbila convocou uma reunião extraordinária da AGP. As garotas estavam indignadas com o motivo para Dipita estar daquele jeito, chegando ao ponto de sugerirem espancar William em sua casa, como uma vingança feminina. Ouvindo do quarto, Dipita se empolgou com essa vingança, porém Mbila ponderou que não estavam em Ngodi-Akwa, mas em um lugar com direitos.

Dipita guardava muito rancor, imaginava que nunca encontraria outro que o desejasse, pois sempre teve a sensação de estar em uma relação que não merecia. Afirmava para si mesmo que o Supermercado é implacável, que não gosta da diversidade de pessoas e características, como os gordos, os magros, asiáticos, e os negros. Questionou-se, então, quem o aceitaria, um rapaz negro (“Blacky”) e concluiu, como seu tio, que ser *assim* era realmente para os brancos, e que os negros ainda têm “muita dificuldade em provar o contrário”.

Finalmente saiu do quarto, quando ninguém estava em casa, conseguiu tomar chá e comer os bolinhos de banana feitos por sua mãe. Refletia sobre tudo o que tinha acontecido, perguntava-se os motivos, onde estaria William, e logo viu seu corpo quase esquelético refletido na janela e murmurou: “tenho certeza de que ele me deixou por causa disso”. Chorou, se ajoelhou, pegou uma faca que estava perto de si e pensou em usá-la para livrar-se daquilo. Pensou na mãe, nas garotas da AGP, no tio e imaginou que não estaria sofrendo se tivesse seguido os conselhos de seu tio quanto às coisas de brancos.

Alguém bateu na porta e perguntou se tinha alguém em casa. Dipita reconheceu a voz de William e iniciou um fluxo de perguntas e pensamentos, desde a ideia de que ele não poderia estar arrependido, até o orgulho de que alguém como ele sentia sua falta. Mas a imagem da traição não saía da sua mente. William entrou, e Dipita sentiu vergonha de que ele o visse naquele estado. Quando finalmente se viram, Dipita observou o corpo do amado, antes desejado e que não mais lhe pertencia. Largou a faca para afastar a pretensão de suicídio. Gritou para que William fosse atrás de Saarinen, disse que o imaginava mais educado, para estar em uma kebaberia, e que sua mãe também era uma wolowoss “puta de rua”. Desejava abater William, deixá-lo desamparado.

William abaixou a cabeça e instalou-se um silêncio na cozinha. Dipita entrou em um fluxo de pensamentos e questões: culpou-se em um momento, chorou e pensou que poderia lhe dar outra chance. Em seguida, porém, pensou que o mal já tinha sido feito, que o corpo do amado lhe pertencia, desejou que ele lhe dissesse coisas bonitas, que o amasse como antes, que começassem do zero. Mas a traição não era tão simples. William deu alguns passos em direção a Dipita e o abraçou. Dipita questionou-se, sentiu-se culpado por fazer aquilo, pensou no que as mães poderiam dizer. Perguntou-se se William poderia fazer tudo de novo. Lembrou-se de Oyono e de Mbila e irritou-se com a lembrança da relação de sua mãe e seu genitor. “Eu não queria me sentir dependente de um homem”, disse.

Irritado, exasperado e desorientado pelos sentimentos de raiva, soltou-se de William, deu-lhe um tapa, mas esse não contra-atacou. Dipita deu-lhe um outro tapa, mais brutal, mas sem reação. Em seguida, Dipita aplicou-lhe vários golpes com todas suas forças, com os punhos e joelhos, mas William não reagia, não queria se defender. Furioso, Dipita lhe empurrou, William escorregou e a cabeça atingiu o balcão da cozinha, fazendo um fio de sangue escorrer. Dipita se ajoelhou diante de William, sentiu o sangue na cabeça do amado, gritou seu nome, mas esse continuou mudo, rolou os olhos e tombou a cabeça.

Depois de lembrar dessas cenas, o narrador, no ateliê, já com 18 anos, contou que foi condenado a 5 anos de prisão pela morte de William. Refletia sobre o que fazer após sair da prisão e, vendo a realidade de seus companheiros, sentiu vontade de viver.

Após o ocorrido, suas mães da AGP foram visitá-lo, com exceção de Mbila. Belén lhe contou que sua mãe sofreu tanto que tentou se suicidar. As garotas da associação não imaginavam que a violência vivida nas ruas estaria tão perto e se perguntavam o motivo da fatalidade. Dipita também. Em um momento em que viu Bérisha, um companheiro de prisão, Dipita reviu William e por um instante imaginou que aquele momento sombrio de sua vida não tinha acontecido. Isso lhe deu forças para renovar sua vida e romper com a fatalidade.

Dipita finalmente recebeu a visita de Mbila. Ela parecia como se tivesse perdido tudo, mais magra, abatida. Um silêncio se instalou e o filho viu nos olhos da mãe o que ela não dizia: “Por quê?”. Mbila começou a chorar e ele enxergou também em seus olhos a mensagem de que tudo já havia acontecido e que ela não podia condená-lo ainda mais. Dipita começou a chorar. Sua mãe não tinha nenhuma maquiagem ou sinal de vaidade. Ela finalmente falou, exatamente aquilo que ele tinha lido em seus olhos. Ela lhe contou tudo o que aconteceu depois do ocorrido: que a mãe de William havia entrado em depressão, que ela mesma havia tentado tirar sua própria vida e pensado em voltar a Camarões, que havia adquirido fobias, pela cor vermelha e pelas

peessoas na rua, e que tivera apoio das garotas da AGP. O rapaz se solidarizou com a mãe e disse que sairia para ajudar a família, o tio. Mas soube que o tio havia falecido alguns dias antes.

Foi Mbila que lhe contou como tudo aconteceu. Com a ideia de resgatar uma imagem antiga da cidade, os governantes de Duala haviam decidido demolir as casas construídas de forma irregular, mas sem garantir alternativas de habitação à população. A população afetada resistiu, sob a liderança de Démoney, o que causou a indignação das autoridades. Démoney, com o sentimento de que não tinha mais nada a perder depois de tantas supressões na vida, começou a publicar notas semanais nos jornais da cidade, com conteúdo hostil ao governo, incluindo a menção à “Barbie do Eliseu”. Bilolo, em seu trabalho, foi alertada por um colega do mercado sobre as notas de seu marido. Sem saber do que se tratava, Bilolo ouviu a nota na qual Démoney denunciava a corrupção e convocava a população a resistir contra os tratores até que houvesse uma realocação digna e humana para todos. Bilolo foi atrás de seu marido para convencê-lo a parar de publicar, sobretudo pelo que aconteceu com as cidades mortas anos atrás. No caminho, se deparou com uma multidão em frente a sua casa e, ao conseguir atravessar a porta, encontrou o filho Pitou chorando, quem lhe disse que “eles” haviam matado seu pai.

Após contar tudo, Mbila chorou por não ter podido perdoar seu irmão, e Dipita ficou desnortado por perder as razões de viver, o que provar e a honra a salvar.

Sozinho em sua cela, sentiu-se culpado porque não pôde ajudar financeiramente seu tio ou pedir que Mbila o fizesse, o que poderia ter refreado suas críticas às autoridades. Imaginou sua tia enfrentando sozinha o futuro da família. Finalmente, Dipita decidiu que o que não pôde garantir a Démoney, seria feito com sua tia dali a cinco anos, esperando que a morte não chegasse até lá.

QUEER, CUIER, CUIR, CU: estranhamentos teóricos

Diante dos objetivos desta pesquisa, não pretendo trazer à tona, de forma extensiva e delimitada, as diversas produções intelectuais, artísticas ou conceituações que abrangem o queer, intenção essa que poderia se afastar, a propósito, do próprio queer, por sua caracterização provocadora e instável, por poder não querer se definir enquanto teoria sistematizada e estruturada (LOURO, 2012), ou mesmo por sua tendência à abertura, à perturbação, ao erro e à vulnerabilidade de interpretação, tal como se vislumbra na escrita de Butler (SALIH, 2015). No entanto, algumas considerações podem ser pinçadas dessa trama subversivamente tecida⁹.

Em relação aos seus propósitos, a Teoria Queer pode ser compreendida em torno de um “conjunto de saberes” (LOURO, 2012, p. 365) e de reflexões críticas amplas, dispersas e geograficamente variadas que discutem e problematizam a heterossexualidade “como um regime político-social que regula nossas vidas” (MISKOLCI, 2014, p. 9). Socialmente prescrita e vastamente imposta, essa ordem sexual, ou a heteronormatividade, como nomeado por Michael Warner (BENETTI, 2013), impõe desigualdades ao “naturalizar” o modelo heterossexual de modo que corpos e sexualidades dissidentes que não reproduzem tal norma ou seus modelos, são invisibilizados, estigmatizados e, sobretudo, considerados abjetos. Essa abjeção, segundo leciona Miskolci (2012, p. 22), “em termos sociais, constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável do que é a comunidade”.

A repugnância pela sexualidade teve contornos ainda mais evidentes na década de 1980, período de alta mortalidade da epidemia da Aids. Algumas décadas antes os movimentos sociais, feministas e homossexuais, bem como a desclassificação da homossexualidade como doença mental, em 1973, indicavam algum indício de mudança quanto ao modelo heteronormativo. No entanto, o auge da epidemia, por meio da ordem social dominante conservadora e moralizadora, culminou com a repatologização da homossexualidade e da dissidência de gênero, pois aquelas, aqueles e aqueles que não seguiam a norma sexual estabelecida eram consideradas fontes de contágio e, assim, ameaças para a sociedade.

Nesse período, instalou-se uma forte repressão às sexualidades, em que termos como “perversão” e “homossexualismo” foram logo evocados (PELÚCIO, 2014, p. 14), como

⁹ Para uma análise histórica detalhada da trama que compõe a genealogia da Teoria Queer e seus pensadores no Brasil, é bastante pertinente o trabalho “A bicha louca está fervendo: uma reflexão sobre a emergência da Teoria Queer no Brasil (1980-2013)”, elaborado por Benetti (2013) como Trabalho de Conclusão de Curso.

também foi instaurada uma forte visão higienista sustentada pelo discurso de autoridades sanitárias, que deram espaço a discursos de eliminação do corpo homossexual. Um caso simbólico desse contexto repressivo pôde ser visto, por exemplo, num banheiro público de São Paulo, em que foram escritas palavras de ódio: “contribua para o progresso da humanidade, mate um gay por dia” (TREVISAN, 2000, p. 450).

Diante do cenário de mortalidade, repressão e repúdio aos movimentos sociais de vanguarda, foi necessária uma resistência mais radical contra esse modelo instaurado, sobretudo nos Estados Unidos, cujo governo foi explicitamente omissivo em relação às vítimas da Aids (BENETTI, 2013).

A resposta ao poder negligente e excludente quanto à parte da população rejeitada foi dada com o surgimento de grupos civis como o *ACT UP* e a *Queer Nation* e, na academia, com a teorização de intelectuais que problematizavam a ordem cultural que se sentia ameaçada pela homossexualidade (MISKOLCI, 2012; 2014). A resistência e reação se fez, também, pela própria língua: a injúria *queer*, algo como esquisito, bicha ou abjeto em inglês, portanto discriminatória para pessoas dissidentes de gênero e de sexualidades, passa a ser o elemento comum para compor a “Nação Queer”, evidenciando que parte da (outra) nação estadunidense foi humilhada e desprezada pela instaurada ameaça de contaminação (MISKOLCI, 2012).

Importante ressaltar que, ao lado dos movimentos sociais, outro fator que impulsionou a emergência do queer, principalmente quanto aos estudos acadêmicos, foi uma releitura crítica dos chamados *gay and lesbian studies*, produzidos nos anos 1970/1980, que se dedicavam às singularidades de uma cultura homossexual, afirmando-se pelas experiências de gays e de lésbicas (OLIVEIRA, 2021). Esses sujeitos, pautados especialmente em valores de um grupo tradicional de homens e mulheres (de classe média branca e letrada), buscavam a incorporação social pela defesa da igualdade e do respeito, contrapondo-se à heterossexualidade tida como compulsória, ao passo que, por defenderem os direitos sexuais de uma “minoridade”, acabavam limitando seu escopo de atuação e confirmando a existência de um grupo hegemônico “naturalizado”, sem problematizá-la e nem dar espaço a gêneros e sexualidades dissidentes que se referiam, por exemplo, a travestis, transsexuais, entre outros (MISKOLCI, 2012; 2014; 2009; SESC SÃO PAULO, 2018 [2015]).

Nesse sentido, ao que parece, o primeiro propósito teórico que evocava o queer enquanto pensamento subversivo, crítica e politicamente constituído, e que poderia se corporificar como teoria, foi articulado na conferência de Teresa de Lauretis, em fevereiro de 1990 (posteriormente publicado em 1991), na Universidade de Columbia (BENETTI, 2013, OLIVEIRA, 2021).

Mirando os Estudos Gays e Lésbicos, a autora afirmou que a “Queer Theory” teria “dupla ênfase”¹⁰, (i) pela especulação e conceitualização dos discursos produzidos, em especial, problematizando os limites identitários e ideológicos que tais estudos, comumente polarizados, comportam; bem como (ii) pela desconstrução e problematização dos discursos existentes e silêncios construídos, para se refletir, também, as sexualidades patologizadas de forma articulada, por exemplo, com outros níveis de análise, como gênero, raça, nacionalidade, etc (DE LAURETIS, 1991, p. 4).

As construções críticas que então passaram a se denominar Teoria Queer tiveram influências de bases teóricas e ferramentas metodológicas importantes para a investigação analítica das normas sociais que envolvem as sexualidades e gêneros. Pode-se citar como primeira delas a pesquisa genealógica de viés nietzschiano empreendida por Michel Foucault em “História da Sexualidade I: A vontade de saber” (1976), na qual o filósofo se preocupou com a produção histórica das sexualidades pelas práticas discursivas em suas diversas instituições (OLIVEIRA, 2021). Na obra, Foucault critica a hipótese repressiva da sexualidade, de que esta seria proibida, mas, antes, ele afirma que são os conhecimentos e controles que se entrelaçam, num jogo de “saber-poder-prazer” (OLIVEIRA, 2021, p. 4), e passam a ditar socialmente as identidades que são “naturalizadas” pelos discursos hegemônicos. Nesse sentido, a sexualidade foi objeto de diversos campos do saber “de forma a ser descrita e, ao mesmo tempo, regulada, saneada, normalizada por meio da delimitação de suas formas em aceitáveis e perversas” (MISKOLCI, 2009, p. 153).

Outra contribuição para a Teoria Queer foi dada por Jacques Derrida, no âmbito do pós-estruturalismo, com seu livro Gramatologia (1967) e sua elaboração quanto ao conceito de complementaridade e à perspectiva da desconstrução. A partir da elaboração derridiana sobre complementaridade, na qual se entende a diferença signíca pelo jogo de ausências e presenças, entende-se que aquilo que já está fora, na verdade, já está inserido nele, bem como o aparente “natural” é histórico. Nesse sentido, “a heterossexualidade precisa da homossexualidade para sua própria definição, de forma que um homem homofóbico pode-se definir apenas em oposição àquilo que ele não é: um homem gay” (MISKOLCI, 2009, p. 153). Por sua vez, a desconstrução se daria por esse processo analítico que desvela, desordena e questiona o que está implícito nos binarismos, dado o seu caráter de crítica à metafísica ocidental e à idealização quanto a um centro ou a uma presença considerada essencial, em oposição a um outro, tomado como seu subordinado (MISKOLCI, 2009; SALIH, 2015; LOURO, 2001).

¹⁰ “double emphasis” (DE LAURETIS, 1991, p. 4).

A partir dessas construções teóricas, amalgamadas ao pós-estruturalismo, aos Estudos Culturais, ao feminismo, aos estudos étnico-raciais, bem como diante da epidemia da Aids e consequente força moralizadora contra as dissidências de gênero e sexualidade, o queer passa, então, a ser objeto de teorização inquieta quanto às “estratégias de saber e de poder” (FOUCAULT, 1988, p. 100), problematizando e analisando as normatividades que atravessam sexualidades, gênero, sujeitos e corpos. Nesse sentido, é possível destacar, de forma não exaustiva, nomes como Eve Sedgwick, David Halperin, Judith Butler, Paul B. Preciado, Michael Warner, Guy Hocquenghem, Monique Wittig, Adrienne Rich, Gayle Rubin, Félix Guattari, dentre outros intelectuais que são constantemente referenciados e lidos para a compreensão do queer.

No Brasil, embora alguns intelectuais já tivessem articulado uma “protoprática Queer” (BANDEIRA, 2019, p. 8) por meio de estudos sobre sexualidades desviantes, como Néstor Perlongher ao analisar a força moralizante e higienista que atingia os que desviavam da ordem moral e sexual (PELÚCIO, 2014), comumente afirma-se que a Teoria Queer aporta no Brasil com o artigo pioneiro de Guacira Louro (2001), no qual a teoria provocaria uma “reviravolta epistemológica”, uma vez que além de permitir “pensar a ambigüidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero” avança para também sugerir “novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação” (LOURO, 2001, p. 550). Interessada em refletir sobre a Educação, a autora sustenta, posteriormente, que o queer “entraria no currículo para *estranhá-lo*, quer dizer, para provocar mudanças mais radicais no modo de conceber o conhecimento¹¹” (LOURO, 2012, p. 367, grifo da autora).

Com sua chegada, tanto no país quanto na América Latina, por sua vez, o queer passou a pôr em prática seu tensionamento e subversão crítica sobre as normas, ao se ver diante de um termo estrangeiro. Com efeito, muitos intelectuais queer latinos sustentam que a importação direta de um conceito, elaborado em países tidos como centrais, sem o seu devido estranhamento, transgressão ou descentralização de sentido, pode se confrontar com narrativas, epistemologias e experiências do Sul e de países colonizados. Em outras palavras, passa-se a queerizar a própria Teoria Queer e a sua possibilidade de ser pretensamente homogênea enquanto “uma” teoria, diante de realidades queer que não são iguais (BAER, 2021).

¹¹ Interessante destacar, conforme Pelúcio (2014), que, embora o queer tivesse chegado ao país com um impulso que se vale de seus aportes teóricos diversos e críticos para “desafiar não somente a sexualidade binária e heterossexual, mas a matriz de pensamento que a conforma e sustenta” (p. 8), esse parece não ter sido o recebimento unânime no país, onde as referidas bases teóricas parecem ter significado uma atualização dos estudos gays e lésbicos em curso desde os anos 1980, o que, segundo a autora, acabou reforçando o que o próprio queer rejeita, a aceitação das “minorias”.

O próprio uso do termo em inglês ou sua tradução passam a ser discutidos¹². Nesse sentido, alguns exemplos são extraídos do contexto da América Latina, especialmente em países hispanófonos, em que construções como o “cuir”, “cuier” e “cuiar” (PELÚCIO, 2014) surgem menos para criar uma maior aproximação à fonética hispânica do que para evidenciar os problemas de (des)contextualização e da “história política do termo” que estão bem delimitadas em língua inglesa, mas que podem não se igualar às produções e ressignificações em solo latino-americano (SAN MARTÍN, 2011, p. 63).

Pelúcio (2014), em solo brasileiro, com base em Beatriz Preciado (2009 *apud* PELÚCIO, 2014), subverte a denominação por uma teoria antropofágica para o termo, evocando uma “teoria cu”, aproximando-se desse órgão considerado abjeto, mas que também tensiona o prazer e o escatológico. Longe de querer se impor como tradução ao queer, a autora aduz que a proposta se trata de uma produção de “cucaracha” – dos bueiros, em uma alusão à Perlongher, que teria preferido o inseto aos “inseticidas” higienistas dos anos 1980 –, por meio da “ênfase estrutural entre boca e ânus, entre ânus e produção marginal” (PELÚCIO, 2014, p. 18).

Mais do que identificar uma cartografia ou empreender uma análise genealógica, uma digressão histórica permite entender alguns dos principais elementos balizadores do queer e de suas teorizações conseqüências. Além disso, essa análise teórica permite observar algumas das provocações de sua proposta teórico-metodológica que desestabiliza normatividades, problematiza padrões e confere uma leitura mais abrangente para novas perspectivas teóricas, ao ter como objeto de análise, também, a sua própria prática construtiva.

ENQUEERIZANDO A TRADUÇÃO

A partir das desconstruções, questionamentos e aberturas que o queer proporciona como propósito teórico e disposição política, como representação do “questionamento e [d]a crítica desconstrutiva das normas, da lógica e dos arranjos sociais vigentes” (LOURO, 2012, p. 367), alguns campos de conhecimento têm se valido desses caracteres para promover interlocuções entre temáticas, sobretudo para aquelas que tenham como elemento central os gêneros e sexualidades, e sobre as quais imposições cis-heterocentradas ainda tendam a ser observadas.

¹² Sobre a tradução ou não do termo queer em contextos não anglófonos, Alós (2020) propõe uma discussão interessante, da qual sugiro a leitura.

Os Estudos de Tradução são um desses campos possíveis de entrelaçamentos, uma vez que alguns teóricos têm promovido cruzamentos entre essa área de estudos e a Teoria Queer

A aproximação do Queer e da Tradução, conforme pontua a autora francófona Robert-Foley (2018), tem sido explorada tendo em vista as diversas interferências de que os Estudos da Tradução têm sido objeto, ao passar por outras disciplinas e criar métodos mais analíticos, para além de uma delimitação circunscrita ao aparato linguístico, mas que se volta também aos entrelaçamentos culturais (SPURLIN, 2018).

Assim, é interessante a abordagem da autora quando afirma que o imbricamento entre Queer e Tradução consiste “menos [em] um objeto de estudo do que uma *ferramenta* ou uma *ótica* de leitura” (ROBERT-FOLEY, 2018, p. 4, tradução nossa¹³, grifo da autora)¹⁴. Aproximando ainda mais os dois campos, pode-se extrair das reflexões da autora que a crítica quanto aos binarismos, discutidos pelo Queer, se mostra interessante para questionar a histórica estrutura original/cópia em tradução (que reforça dependência, autoridade do autor e ideia de sentido único), além de outras dualidades que podem ser questionadas na prática:

Uma prática de tradução queere implicaria o fato de desorganizar, desnortear, cortar e recolar em desordem as correspondências tradicionalmente atreladas de língua a língua, de significado a significante, de autor a tradutor, ou seja, esses “binários perturbadores” do pensamento da tradução (ROBERT-FOLEY, 2018, p. 15)¹⁵

É válido pontuar que a maioria dos estudos encontrados que promovem o cruzamento entre a Teoria Queer e os Estudos da Tradução são provenientes de países anglófonos, sobretudo dos Estados Unidos, com algumas produções em língua francesa, motivo pelo qual a maioria das referências aqui indicadas tem sua fonte em língua inglesa. Sobre esse cenário, Robert-Foley (2018), além de criticar “a hegemonia da língua inglesa” (p. 3)¹⁶ nas obras que tratam das duas temáticas, ressalta certa concentração editorial de tais publicações naqueles países e que torna difícil, tardio e caro o acesso a elas em outras regiões, mesmo na França¹⁷.

Entre essas fontes anglófonas, Burton (2010) afirma que a prática queer na tradução se torna necessária diante das discussões identitárias, uma vez que ela, a depender de suas escolhas

¹³ Todas as traduções são nossas, quando não sinalizadas de forma contrária.

¹⁴ “moins un objet d’étude qu’un outil ou une optique de lecture” ((ROBERT-FOLEY, 2018, p. 4)

¹⁵ “Une pratique de traduction queere impliquerait le fait de bousculer, déboussole, couper et recoller en désordre les correspondances traditionnellement couplées, de langue à langue, de signifié à signifiant, d’auteur à traducteur, c’est-à-dire ces « binaires troublants » de la pensée de la traduction” (ROBERT-FOLEY, 2018, p. 15).

¹⁶ “l’hégémonie de la langue anglaise” (ROBERT-FOLEY, 2018, p. 3).

¹⁷ A relação entre Estados Unidos e França, no que se refere às produções sobre estudos de gênero e Teoria Queer, é também um objeto de discussão entre teóricos. Um caso simbólico pode ser visto na publicação de Bruno Perreau, “Queer Theory: The French Response” (2016), na qual o autor francês questiona a “unidade da epistemologia sexual ocidental”, além de analisar como essa ideia, exportada pelos EUA, foi recepcionada na França (BAER, 2021, p. 27).

e caminhos, pode reforçar preconceitos ou mesmo ser contrária a eles. Para o autor, o queer seria, então, um projeto de tradução que é “anti-homofóbico na motivação e na prática” (BURTON, 2010, p. 55)¹⁸ e que busca desestabilizar e historicizar normas de gênero, sexo e sexualidade. Valendo-se das reflexões de Eve Sedgwick, o autor acrescenta que o queer deve não apenas estar atento às dimensões de sexualidade e de gênero, mas também demanda uma “consciência de interseccionalidade”¹⁹ nas diversas formas de subjetividade (BURTON, 2010, p. 55), que compreenda raça, etnicidade, cruzamentos pós-coloniais de nacionalidades etc.

Como estratégias tradutórias, o autor afirma, inicialmente, que a tradução queer pode se valer do aporte produzido pela tradução feminista como um importante ponto de partida, do qual são citados os exemplos de Rosemary Arrojo e Lobtinière-Harwood, que desenvolvem a chamada “subversão feminina”²⁰ (BURTON, 2010, p. 56). Nessa corrente, o texto é suplementado para deixar transparecer a misoginia encontrada no autor ou em sua sociedade, processo que ocorre com a produção de um robusto aparato paratextual, como prefácio, notas de rodapé, de modo a destacar o papel do tradutor e suas influências na obra e no plano de fundo dela (BURTON, 2010). Consiste, ademais, em um “sequestro” ou apropriação (“*hijacking*”) do texto, de modo a “subverter o patriarcado da linguagem em ordem a tornar as mulheres visíveis no mundo e nas palavras, e [...] construir solidariedade entre mulheres” (BURTON, 2010, p. 57)²¹.

A partir do conceito de subversão, o autor elabora, então, a inversão, um modo de colocar o “texto contra ele mesmo” (BURTON, 2010, p. 57), de forma que as interferências paratextuais anti-opressivas da tradução podem tornar um texto explicitamente heteronormativo em um “queerizado”, por inverter as relações de poder escondidas do heterossexismo pela desestabilização das normas de sexo e gênero e pela historicização delas. O papel tradutório, portanto, se entrelaça com a possibilidade de formação de identidades, sobretudo para pessoas queer que se situam em contextos homofóbicos, e pode, a partir da inversão, se abrir para “projeção de comunidades imaginadas” (BURTON, 2010, p. 58).

No caso do romance, essa abertura proporcionada pela inversão foi aproveitada em algumas passagens e transformada em outras delas. Sabe-se que a proposta de Burton (2010) busca desvelar eventuais discursos homofóbicos na postura do autor (ou, por que não, do narrador) e de seu contexto de produção, revelado de alguma forma no texto. O autor de *39 rue*

¹⁸ “antihomophobic in motivation and practice” (BURTON, 2010, p. 55).

¹⁹ “conscious of intersectionality” (BURTON, 2010, p. 55).

²⁰ “feminine subversion” (BURTON, 2010, p. 56).

²¹ “subvert the patriarchy of language in order to make women visible in the world and in words, and at the same time, build solidarity between women” (BURTON, 2010, p. 57).

de Berne, por sua vez, como já anunciado, é abertamente homossexual e, pelo que se pôde constatar mais recentemente nesta pesquisa, também tem se identificado como pessoa queer (“Black African Queer – BlaQy²²) (MAX LOBE BLOG, 2021).

Assim, uma análise inicial da obra me levou a identificar potenciais posturas opressivas não no autor e seu contexto social, mas nos personagens homofóbicos/misóginos que, de alguma forma, foram apresentados na narrativa como reprodutores da violência de gênero e sexualidades. Com efeito, essas realidades ficcionais nos são transmitidas principalmente pelos personagens Démoney e Saarinen, respectivamente tio e amigo do narrador.

Quanto a este último, no capítulo IX, quando Dipita revela o seu interesse em ser “costureiro”, o que contrariaria o desejo de seu tio de que ele fosse banqueiro, o narrador relembra a fala de Saarinen, quem constantemente o repreende por se tratar de uma profissão muito ligada ao feminino, como ele mesmo demonstra:

“Você não vai mesmo virar uma **costureiRA**”, dizia indignado e me olhando como se tivesse vergonhas por mim. “**CostureiraZINHA**, argumentava, isso é muito **menininha idiota de esquina que não soube fazer nada da vida a não ser furar os dedos com um monte de agulhas**. Já designer, assim, é mais viril, mais determinado, mais culto. É até burguês! Um designer soa como Yves Saint-Laurent, Giorgio Armani e por aí vai. Nada a ver com as costureiraZINHAS da esquina.” (grifo nosso)

« Tu ne vas quand même pas devenir couturiÈRE », s’indignait-il, me regardant comme s’il avait des hontes pour moi. « Petite couturiÈRE, argumentait-il, ça fait trop petite nana cucul du coin de la rue qui n’a rien su faire de sa vie que de se piquer les doigts de mille aiguilles. Alors que designer, eh bien, ça, c’est plus viril, c’est plus déterminé, c’est plus éduqué. C’est même bourgeois ! Un designer, ça fait Yves Saint-Laurent, Giorgio Armani et les autres. Rien à voir avec les petites couturiÈRES du coin. » Comme j’étais entièrement d’accord avec lui, je lui disais : « Oui, Saarinen, tu as raison, moi je veux devenir un designer ! »

Nessa citação, é possível notar que o próprio autor traz evidências da misoginia de Saarinen, quando usa o termo profissional também no feminino (*couturiÈRE*) e no diminutivo (*Petite couturiÈRE*) além dos demais termos depreciativos que seguem. Com isso, a escolha tradutória, acompanhada de nota, buscou enfatizar ainda mais essa aversão ao feminino que o personagem demonstra, como forma de escancarar tal preconceito e desestabilizar o que parece “natural” para o contexto sexista que o cerca.

Ainda nesta passagem, a escolha tradutória também consistiu na não tradução do termo “designer” por “estilista”, por exemplo, uma vez que, embora este último pareça uma opção mais imediata de tradução para o termo (“designer”), em especial, pelas referências a Saint-

²² O autor se apresenta em seu blog pessoal como: “I’m Max Lobe, You can call me Maxou. As a Black African queer (BlaQy) author, I write on this blog mostly how is it like to be a Black Afro queer.” (MAX LOBE BLOG, 2021)

Laurent e Armani, o primeiro se mostra como uma opção mais interessante para os objetivos desta pesquisa.

Com efeito, no Brasil, os dois termos muitas vezes são diferenciados, mas também é comum ver a sua utilização como sinônimos, tendendo o primeiro à uma forma mais atual e abrangente para os profissionais da moda. No entanto, a manutenção da forma como a usada pelo autor deixa identificar outra camada de interpretação quanto ao preconceito do personagem: ele rejeita não apenas a opção “costureiro”, ao qual ele logo associa à forma feminina como pejorativo, mas também o “estilista”, termo existente no francês (“styliste”), uma vez que esse termo pode remeter à ideia tradicional do artista da moda, ligado à costura e reverberado pelos famosos nomes da área que não reproduziam as normas de gênero e sexualidade impostas e, assim, seriam depreciativos para a honra do personagem. Em outras palavras, desconsiderando o fato de que o Saarinen tenha noção quanto à diferença (às vezes confundida) entre os dois termos na moda, vê-se uma forma de usar a língua inglesa para encontrar um termo "seguro" pela virilidade ou pretensa neutralidade que ele pode marcar e que não estaria associado ao feminino, comumente associado à sensibilidade, à arte etc., que permeia os outros dois.

Por outro lado, uma possibilidade se verificou na tradução em relação à escrita do autor, quando não eram marcadas as vozes desses personagens identificados como defensores de uma norma sexual, mas, ao contrário, quando a palavra é transmitida pelo próprio narrador do romance. Com efeito, na narrativa é apresentada uma cena em que duas garotas (wolowoss) discutem na rua por causa de um mesmo cliente. Por não terem entrado em consenso sobre com quem ele iria ficar, o cliente sai de cena, enquanto as duas “*se bagarraient comme des poules pour un coq*”, como se observa na obra, o que poderia ser traduzido como “brigavam como duas galinhas por um galo”. No contexto brasileiro, essa expressão pode ser acompanhada de uma interpretação pejorativa ou mesmo sexista.

Com base na leitura do texto, portanto, penso que a escolha do narrador faz emergir uma possibilidade de tradução que foge ou mesmo subverte os limites do texto em francês. Nesse caso, a escolha tradutória pela inversão, proposta por Burton (2010), consistiu na evidenciação do sentido pejorativo gerado pelo texto de partida em relação às personagens mulheres, como forma de “colocar o texto contra ele mesmo”. Porém, diferentemente do que propõe aquele autor, digamos que inverti um pouco mais a própria inversão, de modo que o recurso paratextual (nota de fim) serviu para citar o trecho como foi escrito em língua francesa e acompanhado de sua explicação, enquanto foi o próprio texto “queerizado” que restou mantido no corpo traduzido do romance, a fim de deixá-lo em primeiro plano para a leitura:

Espantado, o homem escapou de fininho em seu carro e desapareceu com medo de perder em discricção. E as duas mulheres, atrás, **brigavam como duas leas pela presa.**

Essa minha estratégia de tradução parte não apenas da necessidade de torcer (“twist”) a práxis proposta por Burton (2010) e transformá-la - pelo espírito queer - em outra coisa, como ele mesmo sustenta²³, mas também leva em consideração o papel que o texto traduzido possui quanto à projeção de comunidades e a identificação leitora no contexto de chegada.

Tal sensibilidade tradutória quanto aos leitores no contexto de chegada revela-se especificamente nos Estudos de Tradução a partir do que Venuti (2019) afirma como a formação de identidades. Segundo o autor, ao mesmo tempo que a tradução é capaz de elaborar uma representação do texto estrangeiro traduzido no contexto em que será lido, ela também “forma sujeitos domésticos por possibilitar um processo de ‘espelhamento’ ou autorreconhecimento: o texto estrangeiro torna-se inteligível quando o leitor ou leitora se reconhece na tradução” e, assim, identifica “os valores domésticos que motivaram a seleção daquele texto estrangeiro em particular, e que nele estão inscritos por meio de uma estratégia discursiva específica” (VENUTI, 2019, p. 157).

Nesse sentido, a escolha tradutória realizada pressupõe que uma leitura quase literal da tradução do texto original, representada por uma disputa de fêmeas pelo macho, poderia ter uma repercussão negativa nesses espaços de autorreconhecimento na esfera doméstica, além de reproduzir uma narrativa heterocentrada. Assim, entendo que deixar em evidência a tradução escolhida e a versão original em nota permite inverter a lógica pejorativa do texto, ao passo que a interpretação leitora se mantém consciente quanto ao que foi apresentado na escrita estrangeira e poderá dela extrair suas inferências.

Um exemplo explorado no âmbito da inversão refere-se também ao sensível trecho:

Une telle disait dans un accent hispanique trop pointu : « *Es mi cliente, c’est moi qui l’ai vu avant.* » **Une autre aussi noire que sauvage**, répondait : « Je m’en fiche ! Tu l’as peut-être vu avant, mais lui m’a choisie en premier. C’est ça, la différence, ma pauvre *chola* ! »

Uma delas dizia, com um sotaque hispânico bem penetrante: “Es mi cliente, eu que lo vi primeiro.” **Uma outra, negra, respondeu de forma destemida:** “Não me importa! Você pode ter visto antes, mas ele veio em minha direção primeiro. É essa a diferença, minha pobre chola!”

²³ “Mas no espírito da lubricidade queer, espero que a inversão não seja apenas retomada por outros tradutores, mas, de fato, que eles a torçam para além da definição e proposições que apresentei, transformem-na em outra coisa.” No original: “But in the spirit of queer’s slipperiness, I should hope that inversion will not only be taken up by other translators, but indeed, that they will twist it away from the definition and propositions I have proffered, morph it into something else”. (BURTON, 2010, p. 67-68)

Antes de comentar a escolha, convém ressaltar que não se insere nos objetivos iniciais deste trabalho o exercício tradutório em especial pelo viés da afrodiáspora, por exemplo, apesar de essa temática também estar alinhada na trama dos importantes atravessamentos que compõem a narrativa. Para aquele tema, a propósito, Carrascosa (2017) assinala a necessidade de o sujeito que traduz “estar fortemente afetado pelo vetor de força da afrodiasporicidade em sua experiência subjetiva; seja em seu próprio corpo [...]; seja em seu desejo de uma experiência ética do social” (p. 72). Embora este exercício de tradução também se oriente no teor da práxis pós-estruturalista de uma “performatividade na linguagem capaz de deslocar, descentrar e rearticular possibilidades de sentidos reversores” (CARRASCOSA, 2017, p. 73), como situa a autora, tal processo se objetiva, aqui, pela crítica às forças que visam a atingir os espectros das sexualidades e de dissidências de gênero, especificamente sob a perspectiva dos tensionamentos provocados pela Teoria Queer.

No que se refere ao trecho, nota-se que o narrador do romance emprega uma relação estrita entre o tom da pele da personagem e o seu comportamento, em um sentido que tende a reforçar históricos estereótipos eurocêntricos quanto aos povos do Sul, por exemplo, por meio da construção da imagem da selvageria ou primitivismo. Essa imagem se mostra perigosa por associar a figura da mulher ao lado da sua língua latina (“chola”).

Se o Queer também pressupõe uma “consciência de interseccionalidade” (BURTON, 2010, p. 55), acerca de etnicidade e cruzamentos pós-coloniais de nacionalidades, elegi como opção tradutória, mais uma vez, deixar evidenciado o texto de partida no aparato paratextual, enquanto o texto traduzido busca desvincular o tom de pele da personagem e sua postura para responder à outra mulher. Nesse sentido, entendo que a escolha mantém a diversidade cultural e humana que compõe o texto (e ao mesmo tempo denuncia a abrangência do tráfico de mulheres na Europa) ao mesmo tempo que evita reducionismos críticos quanto à mulher negra, além de subverter a potencial imagem desfavorável em força combativa (“destemida”).

Avançando sobre as estratégias teóricas que estabelecem interrelações entre a Teoria Queer e os Estudos de Tradução, Weißegger (2011) apresenta uma contribuição adicional. Nesses cruzamentos teóricos, o autor enfatiza o papel do tradutor quanto ao “mito da neutralidade²⁴” (WEIßEGGER, 2011, p. 168), a qual sustenta que os sentidos são inerentes aos signos e textos, de modo que a tradução interlingual seria uma simples transposição de sentidos predefinidos de uma língua a outra.

²⁴ “neutrality myth” (WEIßEGGER, 2011, p. 168).

Assim, levando em conta que sentido e identidade estão ligados ao discurso, não se considera existir “decisões neutras” em tradução (WEIßEGGER, 2011, p. 169)²⁵, de modo que a partir das escolhas tradutórias manejadas é possível que o texto recaia na reprodução/naturalização ou contestação de discursos hegemônicos que atravessam especialmente questões identitárias de gênero e sexualidades. Nesse processo, uma estratégia queer apresentada pelo autor refere-se ao operador da “transcultural drag” (WEIßEGGER, 2011, p. 173), que tem por objetivo desestabilizar a heteronormatividade e demonstrar o caráter performativo do gênero, como também tornar visíveis as “identidades desviantes” (ou desviadas) que são comumente apagadas em relação a outras identidades privilegiadas/estereotipadas/homogeneizadas, como, por exemplo, ocorre em detrimento de drag queens (WEIßEGGER, 2011).

Algumas passagens de nossa tradução de “Rua de Berne, 39” foram influenciadas por essa perspectiva. Listo os principais exemplos:

Ele jamais trabalhou na vida, enfim... ele se casava e essa era sua profissão: ele era “**casador**”.

Agora pensava em seguir meus estudos em um ramo tradicionalmente reservado à **comunidade dita** feminina: a costura.

Essas lindas mulheres, todas elas eu conhecia.

Uma delas dizia, com um sotaque hispânico bem **penetrante**: [...]

Quanto a mim, eu amava sobretudo quando elas falavam de coisas de sexo: como fazer gozar à **vontade** um homem excessivamente incansável? Como limpar o derrière para saciar os desejos dos que **também** gostam de se divertir com a portinha dos fundos? [...] Quais posições poderiam **ser feitas** para aumentar o prazer de um cliente? (grifos nossos)²⁶

A estratégia de tradução pautou-se, no primeiro exemplo, em contestar o papel do homem hétero, ao traduzir “mariageur” por um quase homófono para “causa dor”. No segundo, busquei ampliar os espectros de gênero do texto em francês (“à la gent féminine”), mantendo o sentido de grupo do texto de partida, mas também destacando a noção de construção do que é

²⁵ “neutral decisions” (WEIßEGGER, 2011, p. 168).

²⁶ Respectivamente: “Jamais il n’avait travaillé de sa vie, enfin... il se mariait, c’était ça sa profession : il était mariageur.” / “Je songeais maintenant à poursuivre mes études dans une filière traditionnellement réservée à la gent féminine : la couture.” / “Je connaissais toutes ces belles femmes.” / Une telle disait dans un accent hispanique trop pointu : [...] / “Mais moi, j’aimais surtout lorsqu’elles se disaient leur trucs de fesses-là : comment arriver à faire jouir à loisir un homme trop endurant ? Comment bien se nettoyer le derrière pour honorer les désirs de ceux qui aiment utiliser la petite porte ? Comment bien saliver une pipe au point de rendre le client inconscient, comateux ? Quelles positions prendre pour augmenter le plaisir d’un client ? Comment et pourquoi éviter d’atteindre l’orgasme avec un client ? Que de belles astuces dont mes petites oreilles d’associé et de psychologue à la fois se délectaient avec plaisir.”

considerado feminino. A inversão sintática, no terceiro, buscou colocar em evidência as mulheres, cujo “feminino” é fonte de inspiração de Dipita. Nos demais destaques, busquei subverter uma eventual passividade das wolowoss e torná-la em certo agenciamento discursivo (uma fala que é penetrante) ou mesmo no próprio ato sexual (a ambiguidade sobre quem está à vontade e de fazer as posições), como também busquei jogar performativamente com o gosto de se divertir com o “derrière”, ao incluir o “também” (afinal, aqueles homens “viris” poderiam também gostar disso em quatro paredes?).

No tocante às inter-relações entre Queer, Estudos da Tradução e Pós-Coloniais, uma interessante contribuição é desenvolvida por Spurlin (2018). Considerando que a práxis tradutória tem deixado de ser um método puramente linguístico, cujos significados são extraídos ontologicamente entre as línguas, o autor sustenta que o processo de tradução implica antes um “ler relativamente”, em que as línguas, logo culturas, em contato produzem

cruzamentos não apenas através das fronteiras linguísticas e nacionais, mas também das categorias sociais, produzindo formas novas, híbridas, de significado e novo conhecimento por esses exatos encontros, até questionando as atuais fronteirizações, linguísticas ou outras, no ponto em que elas se cruzam (SPURLIN, 2018, p. 173)²⁷.

Nesse entendimento, o autor cita De Toro (2009 *apud* SPURLIN, 2018) para defender o termo *translation* ao invés do francês *traduction*, visto que este último seria restrito ao caráter linguístico e semântico do trabalho tradutório, enquanto o primeiro, além de abranger o segundo, incluiria “os espaços em que variados sistemas culturais, além da linguagem, cruzam-se, convergem-se e transformam-se” (DE TORO, 2009, p. 80 *apud* SPURLIN, 2018, p. 173)²⁸. Situando tal perspectiva pela Teoria Queer, as negociações de sentido na tradução podem criar conhecimentos sobre os espectros variados de identidade, sexualidade e gênero nos espaços vazios existentes entre uma língua/cultura de partida e como eles podem ser transmitidos na cultura de chegada.

Nesse sentido, avançando sob influências spivakianas, o autor sustenta a possibilidade de se pensar a tradução queer como movimento contrário ao monolinguismo ou à homogeneização linguística, assentados pela conveniência capitalista, que apagam diferenças nos contextos em contato. Nos espaços fronteiriços, portanto, emerge-se a ideia de “*intraduisible*”, não como uma impossibilidade de traduzir, mas como “algo que alguém nunca

²⁷ “crossings not only across linguistic and national borders, but across social categories as well, producing new, hybrid forms of meaning and new knowledge through these very encounters, even calling into question the actual borderizations, linguistic or otherwise, at the point at which they are crossed.” (SPURLIN, 2018, p. 173).

²⁸ “the spaces where various cultural systems, in addition to language, intersect, converge and transform” (DE TORO, 2009, p. 80 *apud* SPURLIN, 2018, p. 173).

para de (não) traduzir” (SPIVAK, 2010, p. 38)²⁹, um espaço queer, subversivo e de indeterminação, que contesta a ideia de tradução direta ou simplificada de uma língua a outra (SPURLIN, 2018). Em outras palavras, ao mesmo tempo que as identidades traduzidas podem se inter-relacionar com as domésticas, elas podem guardar um sentido, normalmente ocidental³⁰, que não necessariamente corresponda a um termo identitário potencialmente equivalente na cultura de chegada³¹.

Por essa perspectiva e nos limites que ora alcançam esta pesquisa, optei por manter os termos que se referem às identidades de gênero e sexualidade que são utilizadas pelo autor em língua bassa, como “wolowoss” e “depos”, a fim de se manter a interação fronteira entre as culturas, brasileira e franco-camaronesa, o que permite novos conhecimentos entre ambas, mas também para evitar reducionismos semânticos de uma cultura a outra. Isto porque, convém destacar, que os significados comumente encontrados para tais termos são parametrizados a partir do francês, como “prostitué” e “pédé”, respectivamente. No entanto, podem ser oportunas pesquisas futuras, situadas no campo das dissidências de gênero e sexualidades na África, que investiguem as nuances de significados entre uma e outra cultura a fim de se questionar ou promover formas negociadas de tradução ou outras subversões queer para os significados desses termos.

Em verdade, observa-se que Dipita, narrador do romance, além de sua mãe, expressam-se num espaço de cruzamentos linguísticos e culturais que se aproxima daquele conhecido como “camfranglais”. Na República de Camarões, país de origem de Mbila e de Dipita, coexistem o francês, o inglês e cerca de 250 línguas autóctones, e neste centro de considerável interação linguística, o “camfranglais” consiste em uma língua híbrida a partir da mistura entre francês, inglês, pidgin e empréstimos de outras línguas locais (VAKUNTA, 2008).

Segundo destaca Vakunta (2008), essa língua tem sido utilizada entre os escritores pós-coloniais do país, em razão de ter sido largamente falada entre alunos secundaristas, conhecedores dessas línguas em contato, como uma espécie de código, a fim de excluírem outros membros da comunidade, ou mesmo como uma “língua de resistência” (CASTELLS,

²⁹ “something one never stops (not) translating” (SPIVAK, 2010, p. 38).

³⁰ Segundo informa Baer (2021), a chamada segunda geração dos estudiosos queer discute a relação indissociável entre identidades ocidentais e legados de raça, classe e imperialismo.

³¹ Como exemplo, o autor cita o caso das mulheres de Lesoto, as quais mantêm entre elas uma *matsoalle* (algo como uma “amiga muito especial” na língua sesoto) que, embora também reproduzam as regras do casamento com a figura dominante do homem, iniciam desde a adolescência e continuam durante o casamento um vínculo afetivo muito intenso entre elas, o que “usualmente inclui um intenso nível de erotismo genital”, no sentido de que “são capazes de exercitar um grande jogo de iniciativa e autonomia, diferente das regras formais do casamento” (SPURLIN, 2018, p. 174). Nesse sentido, o autor questiona a (im)possibilidade de traduzir o termo da cultura do Lesoto para um termo que compreendemos no mundo ocidental, “bissexual”.

1997 *apud* VAKUNTA, 2008, p. 942). O fato de mesclar a sintaxe do francês e pelo menos uma palavra das outras línguas é considerado um fator que reforça a incompreensão para os falantes monolíngues delas.

Esse aspecto da narrativa se faz interessante para uma análise queer, ao pensarmos nos contextos multilíngues e o manejo de sentidos derivados desses contatos. Baer (2021) concentra sua análise no conceito dos cognatos, considerados elementos para “representar a diferença que paira atrás de uma fachada de uniformidade, como também o contrário, a uniformidade pairando atrás da fachada da diferença linguística”³², afirmando que eles possuem uma “certa força desconstrutiva vis-à-vis uma ordem internacional fundada no monolinguismo” (BAER, 2021, p. 32). O autor, então, utiliza o romance “Borderlands/*La Frontera*” (1987), da escritora Gloria Anzaldúa como exemplo paradigmático para refletir sobre como a Teoria Queer e os Estudos da Tradução podem analisar os contextos de escrita e tradução interlíngua.

Com efeito, o autor destaca, já no título do romance, que o que parece uma aparente equivalência dos termos, em verdade, resta problematizado não apenas pela diferença entre número, em que o plural implica um interesse pelas diferentes interconexões e direções, mas também pelas próprias tensões de significado: “frontera” carrega o eco do inglês “frontier”, termo que historicamente se refere, pela visão hegemônica, a um espaço inabitado e delimitado do oeste dos EUA e, portanto, apaga a colonização hispânica na região; porém, essa marca histórica é retomada por Anzaldúa ao reivindicar o espanhol “la frontera”; de modo que esse uso entre línguas acaba criando novos sentidos, e “frontera” se torna “um ponto de entrada linguístico que ecoa o termo inglês (imperial)” (BAER, 2021, p. 33)³³. Ademais, o uso em itálico do termo em espanhol na primeira edição da obra evidencia uma dimensão política da tradução, marcando um estrangeirismo que contrasta com a hegemonia da língua inglesa.

Por sua vez, ao longo do livro, o autor destaca que a escrita bilíngue de Anzaldúa parece se interessar pela produção entre fronteiras, distanciando-se do monolinguismo e de sentidos simplistas de equivalência, para explorar os cognatos e criar no espaço *entre* eles, por meio de sua escrita multilíngue, o *Spanglish*, que é a própria marca de sua identidade e de sua existência:

Então, se você quer realmente me machucar, fale mal de minha língua; identidade étnica e identidade linguística são duas faces da mesma moeda – eu sou a minha língua. Até que eu tenha orgulho de minha língua, não posso me orgulhar de mim mesma. Até que eu possa aceitar como legítimo o espanhol chicano do Texas, Tex-Mex e todas as outras línguas que falo, não posso aceitar minha própria legitimidade. Até que eu seja livre para escrever de forma bilíngue e mudar entre os códigos sem ter de traduzir sempre, enquanto tiver de falar inglês ou espanhol quando poderia antes

³² “a certain deconstructive force vis-à-vis an international order founded on monolingualism” (BAER, 2021, p. 32).

³³ “a linguistic point of entry that echoes the English (imperial) term” (BAER, 2021, p. 33).

falar spanglish, e enquanto tiver de me adaptar aos falantes de inglês ao invés de eles terem de se adaptar a mim, minha língua será ilegítima (ANZALDÚA, 2012 [1987], p. 81)³⁴.

A partir da leitura do romance, Baer (2021) conclui, então, que os cognatos para Anzaldúa “representam as fronteiras queer das línguas, um lugar de ecos linguísticos, semelhanças, distorções, que mina o mito do monolinguismo e do capital cultural que ele representa” (BAER, 2021, p. 34)³⁵. A propósito, o autor salienta que a escrita translíngua tem sido um espaço para o qual os autores queer são atraídos, tendo em vista que nela há uma tentativa de “encontrar emancipação nos interstícios, lacunas e falhas entre epistemologias políticas e sexuais, no constante movimento no meio”³⁶ (BAER, 2021, p. 34).

Voltando para o contexto de “Rua de Berne, 39”, percebo que o narrador se expressa nos espaços entre diversos contextos culturais e linguísticos, como se percebe sobretudo pelo uso do “camfranglais”, por si só um produto dos contatos linguísticos de seu país, como também pela própria narrativa de sua biografia, possivelmente influenciada por aquela do autor. Com efeito, Dipita tem sua origem camaronesa pelo vínculo familiar e está inserido em um país europeu e, especificamente, em uma comunidade também diversificada linguisticamente, como demonstram as origens variadas das garotas que frequentam a rua de Berne.

Nesse processo de escrita, entendo que o narrador se expressa em um contexto de multilinguismo para produzir significados *entre* esses contatos linguísticos diversos, seja para falar de sexualidades ou para demonstrar que eles existem em todo o contexto que o cerca. Sob outra perspectiva, o narrador não parece usar variadas línguas e evitar a tradução como forma de estabelecer apenas uma resistência contra a figura dominante da língua francesa, até porque a língua predominante do texto é esta. Ao revés, ele parece se interessar em estabelecer cruzamentos de significados entre elas, permeando espaços propícios, como se naturalmente identidade e língua estivessem indissociáveis e aptas a produzir formas de expressão múltiplas, que, por conseguinte, demonstram as instabilidades e falhas de tentativas homogeneizantes ou equivalências estritas de sentido, tal como se denuncia entre gênero e corpo no queer.

³⁴ “So, if you want to really hurt me, talk badly about my language. Ethnic identity is twin skin to linguistic identity - I am my language. Until I can take pride in my language, I cannot take pride in myself. Until I can accept as legitimate Chicano Texas Spanish, Tex-Mex and all the other languages I speak, I cannot accept the legitimacy of myself. Until I am free to write bilingually and to switch codes without having always to translate, while I still have to speak English or Spanish when I would rather speak Spanglish, and as long as I have to accommodate the English speakers rather than having them accommodate me, my tongue will be illegitimate” (ANZALDÚA, 2012 [1987], p. 81).

³⁵ “represent the queer borderlands of languages, a place of linguistic echoes, resemblances, and distortions, undermining the myth of monolingualism and the cultural capital it represents” (BAER, 2021, p. 34).

³⁶ “to find emancipation in the interstices, gaps, and fault lines between political and sexual epistemologies, in the constant movement between” (BAER, 2021, p. 34).

Além disso, essa produção linguística “conjunta” da obra, em que se utiliza as línguas como produtoras simultâneas de sentido, é observada quando o narrador abandona a equivalência de significados entre elas e se vale do francês para tornar um termo em *bassa mais* ou menos compreensível, ou quando busca demonstrar o significado de um termo pelo próprio aparato textual, sem anunciar um tom explicativo e deixando que a interpretação leitora tenha sua vez.

Portanto, a estratégia utilizada na tradução ora proposta objetivou manter tais cruzamentos, inspirado na prática que se aproxima do “*camfranglais*” do narrador, criando uma espécie de “*camportais*” como forma de evidenciar esse intenso contato linguístico e cultural e a condição identitária entre fronteiras por meio do cruzamento entre as línguas camaronesas, portuguesa e francesa/inglesa para o leitor brasileiro. Ao mesmo tempo que essa escolha pode aparentar uma “prevalência” da escolha do narrador sobre a tradução, por outro lado, mostra-se como um aspecto essencial para a leitura da obra e a sua possível percepção pelo público brasileiro, que poderá compreender as nuances fronteiriças do romance. Eis alguns exemplos:

Contentou-se em se casar com ela e receber seu **mbongo**.

Ele não me inspirava nada mais do que desprezo, ainda que nos olhos de mamãe sempre existisse uma pitada de **ndolo** cada vez que falava sobre ele. Parecia dividida entre amor e ódio, entre desejo e repugnância.

Elas compartilhavam, ali, suas coisas de **wolowoss**.

O multilinguismo do texto foi mantido também em relação às personagens de origem hispânica citadas pelo narrador. Nesse caso, optei por manter a remissão linguística ao espanhol ou enfatizá-lo quando isso poderia ser apagado pela tradução para o português, como se percebe mais nitidamente no exemplo “**Es mi** cliente, eu que **lo** vi primeiro” (“*Es mi cliente, c’est moi qui l’ai vu avant.*”), em que o pronome do espanhol foi inserido para enfatizar a naturalidade da fala entre as línguas.

Ainda em relação a esse aparato linguístico do romance, optei pela mudança de alguns nomes, em especial os de “Silvia la Blonde et Romaine la Brune³⁷” e o de “Pitou-la-pie” que foram traduzidos respectivamente para “Elvira Loira e Romana Morena” e “Pitou-tagarela”. No primeiro caso, optei por manter a repetição de sons (aliteração em “b” do francês) com uma rima obtida pela mudança de um dos nomes, e, no segundo, pela tradução do termo “la pie” para que a expressão fosse compreendida em português, mantendo-se a palavra composta do

³⁷ No texto em francês, o autor escreve “Silvia la Blonde et Romaine la Brune” no início do capítulo X o conclui com “**Silviane** la Blonde et Romaine la Brune” (grifo nosso). Embora haja essa diferença na edição utilizada, optei por manter a primeira referência às garotas.

autor. Por sua vez, manteve em geral os nomes próprios para guardar a referencialidade das origens dos personagens.

Por outro lado, quando alguns termos não puderam ser mantidos na língua de origem sem perda de referencial para a leitura, seja porque (1) poderiam insinuar uma aparência com o português, ou (2) quando informações adicionais poderiam acrescentar mais informações sobre a cultura citada, a estratégia consistiu em apresentar as explicações na tradução, em especial, no prólogo, para trazer índices de interpretação:

- (1) William estava entediado na casa de sua mãe, minha **cota**, em Bernex, então eu propus a ele de passar a noite na nossa casa, com você.
- (2) Minha mãe esboçou alguns passos de **Bikutsi**, enquanto mexia seu caldo de galinha. Eu dou risada. Uma voz suave e rouca nos interrompeu: [...].

Em outras passagens, busquei recuperar as demais línguas que também são utilizadas na escrita multilíngue do narrador, como o inglês e francês, que foram majoritariamente traduzidas para o português, mas, por outro viés, utilizando termos que podem ser entendidos na leitura em português. Além de enfatizar a existência dessa variedade do texto de partida, a estratégia demonstra também as próprias instabilidades linguísticas do português do Brasil, constantemente permeado por outras línguas de contato, e que podem passar despercebidos diante de sua “cristalização” em certas comunidades de fala:

Imediatamente deixei meu **notebook** Acer sobre a pequena escrivaninha do meu quarto,[...].

As mais experientes ensinavam às mais jovens como escapar das **blitz** policiais, da violência de certos clientes cultos em estupidez.

Como limpar o **derrière** para saciar os desejos dos que também gostam de se divertir com a portinha dos fundos?

Diante do caráter de fluidez entre línguas no romance, optei, ainda, por permitir uma produção de sentido no cruzamento entre o português e o *bassa*, a partir do que propõe o autor em seu texto (“Je suis toujours son petit Dipita, son petit *nkana* [...]”), e intercalando com uma nota para a construção de sentido pelo público brasileiro:

Ainda sou o **Dipitazinho**, seu **nkanazinho**, a quem ele falava como se fala a um filho, a um futuro herdeiro.

Um último ponto quanto ao aparato linguístico da obra refere-se à opção por não utilizar o itálico para marcar o caráter estrangeiro da língua *bassa*. Ao examinar a narrativa no texto de partida, observo que o próprio narrador demarca as expressões em língua estrangeira, a saber,

o *bassa* e o *espanhol*, recorrendo ao itálico. Por outro lado, ao se expressar em língua inglesa, esse recurso não é utilizado, como, entendo, uma marca evidente de seu multilinguismo identitário do “*camfranglais*”. Com isso, e a partir do que destaca Baer (2021) sobre a dimensão política da tradução que ocorre com a publicação do título de “*Borderlands/ La Frontera*”, optei, como estratégia na tradução, a supressão da hegemonia que eventualmente possa ser feita entre as línguas. Dito de outro modo, parece razoável entender que se o contexto de partida do romance demonstra uma construção de sentidos que flui naturalmente entre fronteiras linguísticas, esse aspecto pode ser mantido no texto traduzido, sem distinções textuais ou hierarquizantes que parecem mais atender à regra editorial.

Avançando um pouco mais sobre essa temática, a opção ora comentada se aproxima dos contornos teóricos estabelecidos por Louar (2008), autora queer em contexto francófono. Além de conjugar o queer enquanto pensamento, teoria e discurso político que põe fim, na contramão de binarismos reducionistas, ao “pensamento heterocêntrico” (p. 3)³⁸, a teórica analisa a obra “*Notre-Dame-des-Fleurs*” de Jean Genet e defende a necessidade de uma “tradução como transgressão” (LOUAR, 2008, p. 3)³⁹. Isto porque, influenciada pela escrita queer de Genet, ela enfatiza que o exercício tradutório deve se atentar às transgressões do texto de partida, visto que aquele autor francês demonstra o caráter irredutível da sexualidade, ao deslizar de forma fluida entre masculino e feminino e, assim, provocar as leis gramaticais quando se refere a personagens homossexuais.

Nesse sentido, essa prática “transgressora”, ao lado do que afirma Baer (2021) sobre o uso de empréstimos⁴⁰ da língua traduzida para desafiar a prática “standard” de tradução, serve como ponto de estratégia para problematizar normas gramaticais ou redacionais que atravessam a prática tradutória. Como visto, o recurso usado pelo autor para se expressar em línguas de contato (inglês e francês) sem utilizar o itálico pode ser estendido para todo o texto, como forma de se problematizar as sobreposições entre as línguas. A propósito, deslocando essa perspectiva para o português, vemos que às palavras de origem estrangeira já incorporadas ao uso cotidiano do português não são sugeridos grifos especiais, como itálico, segundo alguns manuais de redação. É o caso, por exemplo, de “*à la carte*”, “*toilette*” ou “*ménage*” da língua francesa que preferencialmente não é grafado com grifo no Senado Federal (SENADO FEDERAL, [S.d.]).

³⁸ “*pensée hétérocentrique*” (LOUAR, 2008, p. 3).

³⁹ “*traduction comme transgression*” (LOUAR, 2008, p. 3).

⁴⁰ O autor exemplifica a estratégia dos empréstimos citando a publicação de Tom Boellstorff, a etnografia “*The Gay Archipelago*”, em que o autor explica o uso de itálicos e termos em indonésio a partir de empréstimos do inglês: “Seguindo a prática standard, deixei em itálico os termos em indonésio apenas no primeiro uso, com exceção dos três termos seguintes: *gay*, *lesbi*, and *normal*. Segui a ortografia indonésia, salvo [...] quando escrevo termos da linguagem *gay*” (2005, s.p. *apud* BAER, 2021, p. 31).

Por outro lado, conforme indicado na Nota do Tradutor, optei por manter o estilo em itálico quando este também foi utilizado pelo narrador para enfatizar palavras e sentidos no texto traduzido, como em “*assim*” (“*comme ça*”) “*as*” (“*les*”) etc.

Por fim, uma importante perspectiva do texto pode ser analisada pela proposta de tradução queer de Démont (2018). O autor diferencia três tipos de tradução: a “misrecognizing translation”, que não reconhece o caráter queer do texto e recai em incongruências de culturas entre as línguas em tradução, o que torna a essência disruptiva em conservadora; a “minoriting translation”, que diminui os traços queer do texto; e a “queer translation”, de forma contrária às outras, despe-se do caráter hegemônico das anteriores para reconhecer “a força disruptiva e recriá-la na língua-alvo” (DÉMONT, 2018, p. 163)⁴¹, num esforço para preservar a “queerness” do texto fonte, de modo que o processo de domesticação dê espaço à preservação da “rede conotativa de associações” (DÉMONT, 2018, p. 167)⁴² e ambiguidades nele encontradas, tratando-se de um texto que não se fecha em si mesmo.

No romance de Max Lobe, pode-se afirmar que um dos principais traços, senão o mais evidente, do “queernes” do texto refere-se ao desejo homossexual do narrador, que culmina com a cena da relação sexual que ele mantém com William, descrita no Capítulo X. Nesse sentido, a estratégia queer desta tradução, seguindo a práxis apresentada por Démont (2018), consistiu num esforço para manter evidente o desejo homossexual e as influências do universo feminino do narrador, ou não os apagar, como também se valer de estratégias para possivelmente enfatizá-los. Em outros termos, a estratégia empregada preocupou-se em manter a “acuidade crítico-tradutória”, à qual se refere Matos (2014, p. 69), de modo a entender seu caráter disruptivo histórica e socialmente, não perdendo de vista a possibilidade de apagamentos ou assimilações das representações de gênero e sexualidades que são evidentemente subversivas quanto à normas heterocisgênero.

Ceguei perto de William. Levantei meus olhos e encontrei seu olhar. Fiz um carinho em seu rosto. Nossos lábios se aproximaram mecanicamente como se estivessem carregados com algo gracioso. Nos beijamos, afetuosamente, apaixonadamente, selvagemmente. Beije a sua boca e ele a minha. Ele baixou rapidamente a calça e vi sua cueca slip bem deformada pelo seu negócio.

Pensava em minha mãe, nessa posição de submissão, de joelhos, na frente do negócio ereto de um cliente feroz, ou até mesmo violento. Eu tinha ódio dos homens, ódio do pau, ódio de minha sexualidade. A ideia de dizer “não” me atravessou o espírito. Esse ressentimento era tão forte que eu quis morder ferozmente esse negócio duro que, me encarando, apenas aguardava minha língua.

⁴¹ “the disruptive force and recreating it in the target language” (DÉMONT, 2018, p. 163).

⁴² “connotative web of associations”(DÉMONT, 2018, p. 167).

Assim, quando o narrador chega “aos finalmentes” com seu amado, a tradução buscou utilizar termos referentes à nudez dos corpos em movimento na cena, mantendo o tom mais ou menos “eufemístico” em muitos deles conforme também se expressa o narrador em seu processo de autoafirmação quanto a sua sexualidade, afinal se tratava da primeira relação sexual que teve, contrariando as imposições de seu tio. Embora o romance apresente nitidamente a expressão homossexual do narrador (e, extensivamente, do autor), a tradução manteve igualmente a ótica da culpabilização, destacando as passagens em que esse sentimento se mostra na narrativa, uma vez que se trata de um elemento importante para a compreensão de toda a obra e das problemáticas por ela geradas.

DESAFIOS E DESDOBRAMENTOS

Esta pesquisa teve como objetivo a tradução comentada para o português do Brasil dos capítulos IX, X e XI do livro “39 rue de Berne”, de Max Lobe (2013), tendo como público-alvo o leitor e a leitora adulta brasileira. Nesse intuito, buscou refletir sobre o processo tradutório e as teorias que lhe serviram de escopo, traduzir os capítulos selecionados a partir das teorias escolhidas e, por fim, descrever as escolhas tradutórias e comentá-las com base nas escolhas teóricas propostas e no público ao qual se destina.

Para a realização da pesquisa, interessou-me, especialmente, utilizar os aportes teóricos que compõem a denominada Teoria Queer e como eles poderiam se relacionar com os Estudos da Tradução.

Articulada com estudos pós-coloniais e os chamados saberes subalternos (MISKOLCI, 2012), a perspectiva teórica queer se mantém numa contínua preocupação com as relações de poder e num questionamento quanto às normas impostas, evidenciando-se, nesse processo, a ausência de fixidez identitária e a instabilidade das relações humanas. Nesse sentido, afirma-se que enquanto “lugar de articulação teórica, como espaço epistêmico de produção de conhecimentos politicamente situados, o queer é um lugar de crítica, um ponto de vista, um locus epistemológico para se pensar questões de corpo, sexo, gênero e sexualidade” (ALÓS, 2020, p. 7).

Das instabilidades e pluralidades sociais reverberadas por tais estudos emerge, assim, o conceito de tradução como uma possível zona de encontro dessas diferentes fronteiras de

identidade, atravessadas por discursos de poder, que não devem, no entanto, estar alheias à percepção tradutória.

Com efeito, por meio das construções teóricas estabelecidas na metáfora da tradução cultural, desenvolvida especialmente pelo teórico anglo-indiano Bhabha (1998), para quem a atividade tradutória é “a natureza performativa da comunicação cultural” (BHABHA, 1998, p. 313), nota-se que os Estudos da Tradução passaram a explorar seus limites e rediscuti-los diante das camadas semânticas que o conceito de tradução obtém. Assim, a partir do que se observa no contexto global de migrações e diásporas, o movimento tradutório se define por meio de um espaço híbrido de negociação entre culturas e alteridades, que preconiza uma postura aberta e não totalizante entre os elementos em contato. Desse modo, considerando uma interdependência entre os conceitos de língua e cultura, a tradução gestada por essa metáfora demanda uma postura ética que conheça “a fundo não só as línguas, mas as culturas envolvidas”, uma vez que essas “são blocos de sentido que devem ser decifrados e mapeados para que possam ser conhecidos” (DARIN, 2020, p. 62).

A propósito, esse caráter de abertura para as diferenças parece ser imanente à própria prática tradutória, como afirma Coracini (2005), para quem a tradução consiste em saber “operar com sentidos que se cruzam, provenientes de várias regiões de discurso, o que nos leva a afirmar que, em vez de fixidez, o que existe é contingência; lugar onde o que parece determinado é, na verdade, fluido e inseguro, sem pontos de fechamento e estabilidade (CORACINI, 2005, p. 48). Ao estar situada em espaços de diferença entre textos, ser marcada por instabilidades e conflitos, interessa à tradução não simplesmente a sua plena conclusão, mas o seu processo de construção.

Assim, por meio desses conceitos, interessou-me, para a compreensão *entre* as línguas-culturas inseridas em “Rua de Berne, 39”, que a tradução estivesse permeada pelos aportes teóricos que me ajudassem a negociar os sentidos que compõem a narrativa e (re/des) construí-los para o leitor e a leitora brasileira sob uma perspectiva ética atenta às diferenças. Assim, a escolha dos pressupostos da Teoria Queer, em especial, deu-se pela necessidade de estar sensível às questões de gênero e sexualidade apresentadas na narrativa, como também por uma postura questionadora em relação às normatividades que cercam o texto literário e, certamente, a conjuntura social atual.

Nesse processo, portanto, busquei manter uma “acuidade crítico-tradutória”, postura que, penso, Matos (2014, p. 69) resume bem quanto às traduções que intermediam dissidências e elementos queer encontrados nos textos de partida e para os quais o tradutor não pode se eximir, sobretudo quando a realidade contemporânea a sua prática já permita uma compreensão

mais crítica quanto a essas questões. Estendendo o olhar para os estudos pós-coloniais, a postura tradutória consiste em “um processo que envolve não só a língua, mas também a cultura, sistemas políticos e a história”, conforme assinala Agra (2013, p. 9).

Além disso, acompanhando as discussões propostas por Venuti (2019), entendo que a prática tradutória, no espaço ambivalente entre a literatura estrangeira e a cultura doméstica, assume também o papel de formação de identidades e de sujeitos aptos a descentralizar normas internas, uma vez que possibilita o autorreconhecimento de seus leitores e o questionamento dos valores selecionados em jogo, pois “uma prática tradutória não pode deixar de produzir um texto que seja uma fonte potencial de mudança” (VENUTI, 2019, p. 177).

A propósito dessa perspectiva tradutória, notou-se que a própria temática apresentada por Max Lobe, também situada em um contexto pós-colonial, se mostrou disruptiva para cultura doméstica brasileira. Isso porque, Dipita, caracterizado pelo escritor camaronês, ainda que vivencie conflitos internos, alimenta também um íntimo desejo de “transgredir essas recomendações que regulamentariam a sexualidade”⁴³ (MOUSSAVOU, 2020, p. 200) e por meio dessa transgressão pudemos observar performatividades, corpos e desejos que desafiam os olhares homogeneizantes.

Uma leitura dessa obra por meio dos chamados estudos pós-coloniais, dentre os quais se inserem a Teoria Queer e a tradução cultural, nos conduziu ao questionamento de normas relacionadas à sexualidade e seus consequentes estigmas identitários, uma vez que a tradução comentada sob um olhar queer e pós-colonial pode contribuir com outros estudos ou traduções de obras que retratem personagens pouco representados na literatura e para se repensar essa representação.

Com base nessas premissas, a escolha por uma tradução comentada justificou-se como um procedimento no qual os comentários serviram como suporte destinado à contextualização do autor e da obra, como também à explicitação das escolhas tradutórias, das análises efetuadas que concernem à fundamentação teórica empregada e dos procedimentos empregados para a sua consecução (ZAVAGLIA; RENARD; JANCZUR, 2015).

Em relação à estratégia tradutória, além do cruzamento das teorias utilizadas, considero que em muitas situações “a decisão tomada pela tradutora/tradutor é política” (REIS, 2017, p. 98). Assim, busquei uma tradução que equalizasse a construção de sentidos necessária à compreensão do texto e a demonstração de recursos estilísticos, linguísticos e culturais empregados pelo autor, para que sejam captados pelo público brasileiro, com base em sua

⁴³ “transgresser ces recommandations qui régleraient la sexualité” (MOUSSAVOU, 2020, p. 200).

bagagem sociocultural, para que não houvesse uma “invizibilização das marcações fonológicas, lexicais e sintáticas” do texto de chegada (REIS, 2017, p. 115). Dito de outro modo, busquei criar um espaço intermediário entre as estratégias de domesticação e de estrangeirização na tradução.

Assim, mantive como elementos estrangeirizadores, entre outros, as línguas utilizadas, os topônimos quando não comumente conhecidos e alguns dos nomes próprios, além de alguns recursos estilísticos do autor, em especial seu vocabulário, como forma de apresentar aos leitores as marcas de diferença para a cultura brasileira conhecê-las. Outros aspectos foram domesticados, como a supressão de algumas marcas estilísticas e a reorganização de ordem sintática, como forma de conferir mais fluidez à leitura ou mesmo quando se mostrou importante para os pressupostos teóricos adotados, além de adotar certos elementos da oralidade e da informalidade em diálogos. As demais escolhas e algumas passagens, as quais foram indicadas com “(*)”, foram reservadas especialmente para ser objeto de comentários mais analíticos fora do texto traduzido, na seção “Enqueerizando a tradução”.

No caminho percorrido nesta pesquisa, foi possível realizar a tradução dos capítulos selecionados que foram propícios à discussão teórica proposta, com especial destaque para a Teoria Queer e seu entrelaçamento com os Estudos da Tradução. Por outro lado, em relação ao aporte teórico, embora tenha sido objeto da pesquisa a tradução também baseada em contribuições do âmbito das produções pós/decoloniais, ao final, os resultados apresentados no trabalho tiveram como recorte as inter-relações entre o queer e a prática tradutória, que também tem comportado uma amplitude de estudos já realizados. Entendo que essa restrição se deveu principalmente aos limites temporais e à própria natureza desta monografia, o que possibilita o desenvolvimento de pesquisas futuras que trabalhem tais temáticas de forma conjunta e aprofundada.

Para a realização da pesquisa, por vezes se apresentaram como desafios o encontro de informações e dicionários produzidos fora do âmbito do contexto europeu que pudessem dar suporte à tradução em relação à cultura camaronesa e à língua bassa, principalmente para compreender os usos de expressões e construções linguísticas do autor. Contudo, ainda assim, foi possível estabelecer escolhas com base nas referências utilizadas neste trabalho e em outras fontes em que é possível visualizar os atuais usos da língua (como redes sociais, principalmente o Twitter). Essa busca “para fora” de contextos eurocêntricos foi um importante mecanismo para a compreensão da obra.

Outro desafio da pesquisa consistiu na formulação do equilíbrio entre a compreensão leitora e o estranhamento, derivado da influência do queer na tradução. Embora essa prática

faça parte do escopo das teorias utilizadas, ela envolve a decisão entre manter a subversão pela língua, contrariando normas e convenções, e permitir que a leitura não seja comprometida para o entendimento da obra. Esses casos puderam ser vistos, por exemplo, nas escolhas tipográficas (uso de grifos, destaques etc.), manutenção das línguas de partida, tradução por termos não comuns e a manutenção ou alteração de registros formais/informais.

Ainda quanto ao queer e à postura ética do tradutor, a “acuidade crítico-tradutória” (MATOS, 2014, p. 69) e o papel da formação de identidades (VENUTI, 2019) configuraram-se como métodos essenciais para a pesquisa, ao mesmo tempo que demandou reflexões mais detidas, a fim de estar atento às sensíveis questões de gênero e sexualidades, sobretudo quando consideramos que a heteronormatividade, dada a sua imposição social e abrangência, muitas vezes se reproduz de forma inconsciente.

Ressalto, ainda, que a presente pesquisa se restringiu em seus limites metodológicos a uma análise mais imanente da obra, não se valendo, por exemplo, de interferências autobiográficas obtidas a partir de elementos constantes em entrevistas (que poderia ser elaborada pelo próprio tradutor), demais pesquisas sobre o autor e suas outras obras escritas. Entendo que uma análise nesta área, que coteje a sua performance externa e a sua projeção na obra, em especial com a sua recente (pelo que se pôde identificar) expressão identitária como pessoa queer, pode se mostrar como uma proposta interessante para pesquisas futuras.

Pelo produto obtido com esta pesquisa, entendo que as inter-relações entre os Estudos da Tradução e outras áreas do conhecimento, a Teoria Queer e, em certa medida, as reflexões pós-coloniais e os saberes subalternos, me permitiram não apenas o interesse inicial por uma obra e por conhecimentos que extrapolam produções que são comumente estudadas em língua francesa, mas também se configuraram como pressupostos metodológicos que me possibilitariam entender ou mesmo desvelar nuances e sentidos que envolvem as temáticas da obra, como homossexualidade, diáspora, racismo, entre outras.

Por fim, esta pesquisa não objetivou ser um caminho definitivo para a tradução proposta. Há diversos desdobramentos possíveis e, evidentemente, cada leitor verá outras tantas possibilidades. Eu, enquanto tradutor-leitor elenquei algumas. Uma primeira delas é traduzir toda a obra ampliando as relações entre o queer e a tradução para aportar ainda mais reflexões sobre as dissidências de gênero e sexualidades que podem ser extraídas da escrita de Max Lobe. Uma segunda possibilidade refere-se à análise da escrita do autor no conjunto de sua obra, para uma compreensão ampla das temáticas por ele tratadas, mantendo-se, entretanto, a contextualização individualizada de cada produção. Pensei, finalmente, na relação dos estudos tradutórios com pesquisas sobre dissidência de gênero no contexto africano, a fim de ampliar

as reflexões sobre as escolhas tradutórias de textos escritos por autores e autoras pós-coloniais LGBTQIA+.

REFERÊNCIAS

- ABONDO, Loïc. Enquête : Qu'est ce qu'est devenu le Bikutsi de nos jours ? **C'Koment Magazine**, [s. l.], 5 abr. 2019. Disponível em: <https://ckoment.com/blog/enquete-qu-est-ce-qu-est-devenu-le-bikutsi-de-nos-jours.html>. Acesso em: 13 jun. 2022.
- AFP. Au Cameroun, les chanteuses de bikutsi célèbrent la sexualité féminine. **La Croix**, [s. l.], 21 jan. 2020. Disponível em: <https://www.la-croix.com/Culture/Au-Cameroun-chanteuses-bikutsi-celebrent-sexualite-feminine-2020-01-21-1301073064>. Acesso em: 01 jun. 2022.
- AGRA, Klondy Lúcia de Oliveira. A Teoria Pós-Colonial na Tradução: Caminhos à Descolonização Através da Arte e Educação. [s. l.], **Recensio**, 2013. Disponível em: <http://www.recensio.ubi.pt/modelos/documentos/documento.php3?coddoc=3443>. Acesso em: 11 maio 2021.
- ALÓS, Anselmo Peres. Traduzir o queer: uma opção viável?. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n260099>. Acesso em: 12 abr. 2021.
- ANZALDÚA, Gloria. **Boderlands / La Frontera : The New Mestiza**. 4. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012 [1987].
- BAER, Brian James. Queering translation, or what queer theory can do for Translation Studies. In: BAER, Brian James. **Queer Theory and Translation Studies: Language, Politics, Desire**. Londres; Nova York: Routledge, 2021. p. 22-52.
- BANDEIRA, Arkley Marques. A teoria Queer em uma perspectiva brasileira: escritos para tempos de incertezas. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, v. 13, n. 1[22], p. 34–53, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8654815>. Acesso em: 30 abr. 2022.
- BENETTI, Fernando José. **A bicha louca está fervendo: uma reflexão sobre a emergência da Teoria Queer no Brasil (1980-2013)**. 2013. 127 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História), Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000019/000019b1.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2022.
- BHABHA, Homi K.. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.
- BURTON, William M. Inverting the text: A proposed queer translation praxis. **In other words**. Norwich, n. 36, p. 54-68, 2010.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. E-book.

CARRASCOSA, Denise. Traduzindo no Atlântico Negro: por uma práxis teórico-política de tradução entre literaturas afrodiáspóricas. In: CARRASCOSA, Denise (org.). **Traduzindo no Atlântico Negro: cartas náuticas afrodiáspóricas para travessias literárias**. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2017. p. 63-75.

CORACINI, Maria José R. Faria. Discurso sobre tradução: aspectos da configuração identitária do tradutor. **TradTerm**, São Paulo, v. 11, p. 29–51, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2005.49674>. Acesso em: 04 mar. 2021.

DARIN, Leila Cristina de Mello. A tradução cultural como metáfora. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. 43, p. 47–66, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/42785>. Acesso em: 10 jun. 2022.

DE LAURETIS, Teresa. Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities An Introduction. **Differences**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 3–18, 1991.

DÉMONT, Marc. On Three Modes of Translating Queer Literary Texts. In: BAER, Brian James; KAINDL, Klaus. **Queering Translation, Translating the Queer: Theory, Practice, Activism**. Londres; Nova York: Routledge, 2018. p. 157-171.

FERREIRA, Amanda Álvares. Queering the Debate: Analysing Prostitution Through Dissident Sexualities in Brazil. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 40, p. 525–547, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/cint/a/gxzR3ZSjdCk78LtgPc7XVLw/?lang=en>. Acesso em: 16 jun. 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da C. Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

JUOMPAN-YAKAM, Clarisse. Littérature: avec « Loin de Douala », Max Lobe fait l'éloge de la légèreté. **Jeuneafrique**, Paris, 02 maio 2018. Disponível em: <https://www.jeuneafrique.com/mag/553263/culture/litterature-avec-loin-de-douala-max-lobe-fait-leloge-de-la-legerete/>. Acesso em: 16 fev. 2021.

LOBE, Max. **39 rue de Berne**. Carouge-Genève: Éditions Zoé, 2013. E-book (224 p.)

LOUAR, Nadia. Notre Dame du Queer ou du mauvais genre en traduction. **Palimpsestes**, Paris, 21, p. 121-134, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/palimpsestes/78>. Acesso em 29 ago 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541–553, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/ref/a/64NPxWpgVkt9BXvLXvTvHMr/?lang=pt>. Acesso em: 1 maio 2022.

LOURO, Guacira Lopes. Os Estudos Queer e a Educação no Brasil: articulações, tensões, resistências. **Contemporânea**, São Carlos, v. 2, n. 2, p. 363–369, 2012. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/87>. Acesso em: 30 abr. 2022.

MATOS, Henrique Augusto Barbosa de. **Uma crítica de tradução à luz da desconstrução/Estudos Queer: O Corydon**, de André Gide. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/16545>.

MAX LOBE BLOG. **Max Lobe Bio**. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.maxlobe.com/about-5>. Acesso em: 21 maio 2022.

MENDOS, Lucas Ramón. *et al.* **Homofobia de Estado 2020: Actualización del Panorama Global de la Legislación**. Tradução Enrique López de la Peña, Alejandro Hilarión Moncada, Lucas Ramón Mendos. Genebra: ILGA, 2020. Disponível em: https://ilga.org/downloads/ILGA_Mundo_Homofobia_de_Estado_Actualizacion_Panorama_global_Legislacion_diciembre_2020.pdf. Acesso em: 11 abr. 2021.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 21, p. 150–182, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/soc/a/BkRJyv9GszMddwqpnrcrJvdn/>. Acesso em: 1 maio 2022.

MISKOLCI, Richard. Estranhando as Ciências Sociais: Notas Introdutórias sobre Teoria Queer. **Florestan**, São Carlos, n. 2, p. 08–25, 2014. Disponível em: <http://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/view/62>. Acesso em: 30 abr. 2022.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MOUSSAVOU, Liria Bakita. **Les représentations de l’homosexualité dans les littératures francophones contemporaines** : entre insultes, silence, transvaluation et sexualité. Analyse de “Le Flamant noir” (Berthrand Nguyen Matoko), “39 rue de Berne” (Max Lobe), “Chuchote pas trop” et “Portrait d’une jeune artiste de Bona Mbella” (Frieda Ekotto) et “La Fête des masques” et “Al Capone le Malien” (Sami Tchak). 2020. Thèse (Doctorat en Littérature Générale et Comparée), Université Grenoble Alpes, Grenoble, 2020. Disponível em: <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-03022025>. Acesso em: 22 mar. 2021.

OLIVEIRA, Kris Herik de. Intensos encontros: Michel Foucault, Judith Butler, Paul B. Preciado e a teoria *queer*. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, 2021. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/ref/a/f8xM5gZFZxn9yZwxZbxd8Tt/?lang=pt>. Acesso em: 30 abr. 2022.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?. **Revista Periódicus**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 68–91, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150>. Acesso em: 30 abr. 2022.

REIS, Luciana. Entendendo a travessia: por uma tradução escrivente. *In*: CARRASCOSA, Denise (org.). **Traduzindo no Atlântico Negro**: cartas náuticas afrodiáspóricas para travessias literárias. Salvador: Ogum’s Toques Negros, 2017. p. 77-117.

REPUBLIQUE DU CAMEROUN. **Loi n° 2016/007 du 12 juillet 2018**. Portant Code Penal. Droit Afrique, 2016. Disponível em: <https://www.droit-afrique.com/uploads/Cameroun-Code-2016-penal1.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2021.

ROBERT-FOLEY, Lily. Vers une traduction queere. **TRANS – Revue de littérature générale et comparée [En ligne]**, [S.l.], 2018. Disponível em: <http://journals.openedition.org/trans/1864>. Acesso em: 29 ago 2021.

ROMY, Katy. LGBTIQ: les mentalités peinent à évoluer. **SWI - swissinfo.ch**, Berne, 09 fev. 2020. Disponível em: <https://www.swissinfo.ch/fre/lgbtiq--les-mentalit%C3%A9s-peinent-%C3%A0-%C3%A9voluer-en-suisse/45810106>. Acesso em: 22 mar. 2021.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução e notas Guacira Lopes Louro. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SAN MARTÍN, Rivas. Diga “queer” con la lengua afuera: Sobre las confusiones del debate latinoamericano. **Por un feminismo sin mujeres**. Santiago de Chile, CUDS, 2011. pp. 59-75.

SENADO FEDERAL. Estrangeirismos grafados sem itálico ou aspas, **Manual de Comunicação da Secom**. Brasília, [s. d.]. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/estilos/estrangeirismo/estrangeirismos-grafados-sem-italico-ou-aspas>. Acesso em: 11 jun. 2022.

SESC SÃO PAULO. **O que é o queer? Com Richard Miskolsci**. São Paulo: Sesc São Paulo, 2018 [2015]. 1 vídeo (93min36s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ar19rH0H6IM>. Acesso em: 30 abr. 2022.

SPIVAK, Gayatri C.. Translating in a World of Languages. **Profession**, [s. l.], p. 35–43, 2010. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41419859>. Acesso em: 21 maio 2022.

SPURLIN, William J.. Queering translation: Rethinking gender and sexual politics in the spaces between languages and cultures. *In*: Epstein, B.J.; GILLETT, Robert. **Queer in Translation**. Londres; Nova York: Routledge, 2017. p. 172-183.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VAKUNTA, Peter. On Translating Camfranglais and Other Camerounismes. **Meta**, Montréal, v. 53, n. 4, p. 942–947, 2008. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/meta/1900-v1-n1-meta2550/019665ar/>. Acesso em: 21 maio 2022.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. Tradução Laureano Pelegrin *et al.* São Paulo: Editora Unesp, 2019.

WEIßEGGER, Roland. Queering Translation: Transcultural Communication and the Site of the You. **Graduate Journal of Social Science**. Los Angeles, v. 8, n. 2, p. 164-178, 2011.

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla M. C. Renard; JANCZUR, Christine. **A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em**

construção. Aletria, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 331-352, 2015. Disponível em:
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18655>. Acesso em: 9 maio 2021.

SUMÁRIO

NOTA DO TRADUTOR	4
Rua de Berne, 39	8
PRÓLOGO	9
IX	13
X	18
XI	28
NOTAS E COMENTÁRIOS	33
EPÍLOGO	35
QUEER, CUIER, CUIR, CU: estranhamentos teóricos	40
ENQUEERIZANDO A TRADUÇÃO	44
DESAFIOS E DESDOBRAMENTOS	60
REFERÊNCIAS	66
SUMÁRIO	71
ANEXOS	72
Max Lobe - 39 rue de Berne	73
IX	73
X	78
XI	88

ANEXOS

IX

Je n'ai jamais connu mon père.

J'avais une mère. Cela me suffisait largement. D'ailleurs, autour de moi, la plupart de mes petits copains d'école n'avaient pas de père. Alors, pourquoi s'en faire ? Mes copines Silvia la Blonde et Romaine la Brune n'avaient que leur mère et leurs poupées Barbie. Mon ami latino, Saarinen, lui aussi n'avait que sa mère, Bélen. La notion de paternité ne représentait rien pour moi, si ce n'était qu'une simple curiosité.

À vingt-trois ans – ou plus précisément à dix-huit ans – ma mère était enceinte d'Oyono Bivondo, et mariée à Bertrand Rappard. Le monsieur-là n'avait jamais rencontré sa fausse épouse pendant sa grossesse. Il s'était contenté de l'épouser et de récolter son *mbongo*. Il devint mon père comme ça, comme les amusements, sans même être informé de mon existence. Voilà pourquoi je m'appelle Dipita Rappard !

Je n'ai jamais rencontré mon géniteur, Oyono. Enfin, une fois... mais c'est une autre histoire. J'y reviendrai plus loin. Et puis, franchement, après tout ce que maman m'a raconté sur lui, je dois dire que je n'ai jamais eu envie de le voir. Il ne m'inspirait rien d'autre que du mépris, même si dans les yeux de maman, il y avait toujours un brin de *ndolo* chaque fois qu'elle parlait de lui. Elle semblait partagée entre amour et haine, entre désir et répugnance. Ma mère semblait restée sous son charme, mais moi je le détestais sans même l'avoir jamais vu.

Pour moi, si je devais avoir un père, ç'aurait été le faux mari de ma mère, Bertrand Rappard. Mais ce Monsieur Rappard – comme je l'appelais avec un certain détachement –, je ne le connus que bien plus tard, à mon adolescence.

J'avais déjà seize ans lorsque ma mère me présenta à son ex-mari. Si je dis son « ex-mari », c'est parce qu'ils n'étaient plus ensemble, et ce depuis fort longtemps. D'ailleurs ils n'avaient jamais été ensemble pour de vrai. Administrativement, ils avaient été mariés et leur union avait duré cinq ans. Puis, ils avaient divorcé une fois ma mère naturalisée.

Marché conclu.

C'était ça le business de Monsieur Rappard : recevoir de l'argent, même « beaucoup d'argent », précisait ma mère, en échange de mariages frauduleux. Monsieur Rappard ne servait qu'à ça dans son partenariat avec Oyono Bivondo, mon géniteur. Il ne servait qu'à donner les

documents aux filles « trafiquées » et exploitées qui se distinguaient par leur soumission et leur endurance. Ne pensez pas que le type-là était idiot. Moi, je crois même qu'il était bien malin ! En effet, il faisait alterner ses mariages d'au moins trois ans pour ne pas attirer l'attention de l'administration qui, elle, devait bien se poser mille et une questions sur la vie de cet homme façon-façon qui passait tout son temps à se marier, divorcer, puis se remarier, puis redivorcer... Jamais il n'avait travaillé de sa vie, enfin... il se mariait, c'était ça sa profession : il était *mariageur*.

— Dipita ! Dipita ! m'appela ma mère à haute voix comme si je me trouvais à plusieurs kilomètres d'elle.

Rapidement j'abandonnai mon ordinateur Acer sur le petit bureau de ma chambre, le seul meuble que j'avais pour réviser mes leçons quand la rue de Berne était en accalmie. Du reste, notre appartement – un trois pièces et demi – était si exigu que même les pas feutrés d'un chat à la cuisine s'entendaient aisément de la chambre de Mbila ou de la mienne. C'était la même chose lorsque les voisins faisaient leurs mauvaises choses-là, si ce n'était ma mère dans l'exercice de ses fonctions. Le vieil immeuble que nous habitions semblait fait de cartons.

Je n'avais pas eu besoin de trois pas pour retrouver ma mère à l'entrée de notre appartement. Là, je la vis en compagnie d'un homme. Un homme de taille et de corpulence moyennes. Un peu ventru, mais pas tant que ça. Juste un petit bidon. L'homme était cintré dans une chemise à carreaux bleu ciel, des pantalons de jean et une veste de velours, et chaussé de mocassins noirs. Il était sobre et élégant. Certainement la quarantaine sonnée depuis quelques années. Une moustache bien entretenue courtoisait sa lèvre supérieure sans toutefois l'occulter. Des cheveux courts, grisonnants sur les tempes lui donnaient une allure à la George Clooney. Il paraissait sexy. À vrai dire, il n'était pas si mal en comparaison des types bizarres qui se présentaient chez nous pour des consultations d'un autre genre.

L'homme n'avait non plus rien à voir avec les Noirs toujours tirés à quatre épingles, aux manières énigmatiques, au regard bien dissimulé derrière de grosses lunettes de soleil, même dans les nuits les plus noires d'hiver, qui s'enfermaient avec Mbila dans sa chambre pendant des heures entières pour discuter.

— Dipita, me dit ma mère, je te présente Monsieur Rappard.

— Bonjour, m'sieur.

Il me tendit la main. Je fis de même. La poignée de main fut courtoise et brève. Mbila nous invita à prendre le thé dans le salon.

Je m'étais installé dans mon pouf poire. J'observai longuement ce type-là dont j'avais plusieurs fois entendu parler. Je me demandai ce qu'il venait bien chercher chez nous après tant

d'années d'absence. Venait-il demander encore de l'argent à Mbila ? Venait-il lui faire du chantage ? Je prêtais attention à ses manières, à sa façon de parler. Charlotte la coiffeuse disait toujours que ce sont les petites choses comme ça qui permettent de détecter vite-vite les salauds-gigolos. Mais là, après observation, le type me parut plutôt sympa, peut-être pas riche, mais financièrement stable. Je me dis que Mbila et moi aurions tout intérêt à renouer avec lui. Il aurait pu aider ma mère à payer mes études de designer. Il aurait pu aider mon oncle et camarade au pays. N'avait-il pas permis à Mbila de rester en Suisse ? « Et s'il finissait par la sortir de la prostitution ? » pensai-je. Si ma mère abandonnait son métier, je risquerais de perdre toutes mes fonctions : chargé de communication, associé, partenaire et même psychologue ! Je commençai à craindre le retour d'un tel type dans notre vie, à maman et moi. Mais il n'y avait rien à craindre ; je le lus dans les gestes de princesse bantoue de Mbila : elle se balançait lentement dans sa chaise à bascule en fumant un joint.

La rencontre fut cordiale. Peu après, je retournai dans ma chambre, abandonnant ma mère et son hôte. D'un geste de la main, j'avais dit au revoir à Monsieur Rappard. Je ne l'ai plus jamais revu.

Je grandis dans l'univers strictement féminin de ma mère : étoiles, beautés, *bling-bling*, et surtout commérages. Un univers ô combien passionnant ! Il me passionnait à tel point que j'avais renoncé à devenir banquier comme je l'avais pourtant promis à mon tonton. Je songeais maintenant à poursuivre mes études dans une filière traditionnellement réservée à la gent féminine : la couture. Je voulais désormais devenir couturier. Mon ami Saarinen me reprenait tout le temps sur cette appellation. Selon lui, on devait dire « designer » et pas « couturiÈRE ».

« Tu ne vas quand même pas devenir couturiÈRE », s'indignait-il, me regardant comme s'il avait *des* hontes pour moi. « Petite couturiÈRE, argumentait-il, ça fait trop petite nana cucul du coin de la rue qui n'a rien su faire de sa vie que de se piquer les doigts de mille aiguilles. Alors que designer, eh bien, ça, c'est plus viril, c'est plus déterminé, c'est plus éduqué. C'est même bourgeois ! *Un* designer, ça fait Yves Saint-Laurent, Giorgio Armani et les autres. Rien à voir avec les petites couturiÈRES du coin. » Comme j'étais entièrement d'accord avec lui, je lui disais : « Oui, Saarinen, tu as raison, moi je veux devenir *un* designer ! »

Un univers féminin. Juste des femmes. De belles femmes qui, comme ma mère, étaient préoccupées par leur apparence physique, la beauté de leur tenue vestimentaire, le choix de leur paire d'escarpins ou l'exclusivité de leur coiffure. Hormis Charlotte la coiffeuse nigériane, toutes les femmes qui fréquentaient notre appartement étaient des *wolowoss* de la rue de Berne et des environs. Elles travaillaient par tour ; certaines la matinée, d'autres l'après-midi et la soirée, d'autres encore la nuit. Les horaires de travail garantissaient l'alternance. Chaque fille

devait travailler la nuit, au moins une fois par semaine. Car c'était le moment où il y avait le plus de clients. Tous ces petits timides niais et puceaux, tous ces hommes mariés et discrets, tous ces hommes dont l'envie de faire de mauvaises choses ne se manifestait que la nuit... tous, ils déferlaient rue de Berne après minuit.

Enfant, j'assistais, depuis la fenêtre de ma chambre, à des bagarres entre les filles de la rue. Une telle disait dans un accent hispanique trop pointu : « *Es mi cliente*, c'est moi qui l'ai vu avant. » Une autre, aussi noire que sauvage, répondait : « Je m'en fiche ! Tu l'as peut-être vu avant, mais lui m'a choisie en premier. C'est ça, la différence, ma pauvre *chola* ! » Comme les deux femmes ne s'entendaient pas, elles se mettaient à tirailler le client. Dépassé, le type se retirait mollo-mollo dans sa bagnole et disparaissait par peur de perdre en discrétion. Et les deux femmes, derrière, se bagarraient comme des poules pour un coq. Moi, je riais à m'en tenir les côtes. Et le lendemain matin, lorsque je racontais le tout à mes copains de classe, ils n'y comprenaient rien ; ils ronflaient tous les soirs dès vingt et une heures. Leurs parents ou plutôt leur mère, les mettaient très tôt au lit. Alors que moi, je me couchais quelquefois à une heure voire à deux heures du matin.

C'est donc pour remédier à ces grosses-grosses rivalités entre les filles de la rue de Berne que ma mère et quelques anciennes de la rue avaient décidé de créer un mouvement associatif : l'Association des Filles des Pâquis, en abrégé, AFP.

L'AFP avait son siège, évidemment, au quatrième étage du 39 rue de Berne. Maman et ses copines auraient voulu l'avoir dans le majestueux quartier des Nations à Genève, là où se trouvent le grand bâtiment de l'ONU et bien d'autres organisations internationales. Mais elles pouvaient toujours rêver debout. Leur AFP-là n'était qu'une simple association, sans règlement proprement dit. Sa présidence neutre était assurée par Charlotte. Bélen, elle, en était l'animatrice principale. Pour le reste, les filles de l'AFP n'avaient aucun objectif précis, si ce n'était celui de se retrouver de temps en temps pour boire un verre et se raconter leurs expériences professionnelles.

Je connaissais toutes ces belles femmes. Elles avaient d'ailleurs participé d'une manière ou d'une autre à mon éducation. Je les considérais toutes comme mes mères puisque chez nous, au Cameroun, celle qui élève un enfant est sa mère. Et ce, n'en déplaît à mon couso Pitou-lapie qui s'entêtait à différencier les notions de géniteur et parent.

Mes mères se retrouvaient souvent, et même très souvent, dans notre petit salon, autour d'une vodka, d'un thé noir, d'une bière blanche, d'un gros joint ou simplement d'une mince cigarette. Elles partageaient leurs trucs de *wolowoss*-là. Les plus expérimentées enseignaient aux plus jeunes comment échapper aux patrouilles policières, à la violence de certains clients

érudits en bêtise. Mais moi, j'aimais surtout lorsqu'elles se disaient leur trucs de fesses-là : comment arriver à faire jouir à loisir un homme trop endurant ? Comment bien se nettoyer le derrière pour honorer les désirs de ceux qui aiment utiliser la petite porte ? Comment bien saliver une pipe au point de rendre le client inconscient, comateux ? Quelles positions prendre pour augmenter le plaisir d'un client ? Comment et pourquoi éviter d'atteindre l'orgasme avec un client ? Que de belles astuces dont mes petites oreilles d'associé et de psychologue à la fois se délectaient avec plaisir.

Je passais beaucoup de temps avec mes mères de l'AFP, toujours assis sur mon pouf poire, à écouter leurs ragots et leurs choses de *wolowoss*-là. Lorsque je n'étais pas avec les prostituées, j'étais bien sûr avec mes copines à Barbies, Silvine la Blonde et Romaine la Brune – sans aucune mauvaise pensée derrière la tête, bien sûr. Il n'y avait strictement pas d'hommes dans mon univers, à l'exception peut-être de Saarinen.

X

Depuis la fenêtre de ma cellule que j'appelle aussi ma chambre, je contemple les couleurs de l'automne qui brillent au-dehors comme des feux d'artifice. La routine saisonnière veut que les feuilles mortes tombent pesamment, les unes après les autres, avant de s'amasser sur le sol humide. Et c'est exactement le cas. Des feuilles mortes d'automne tapissent le sol autour de la forteresse du pénitencier et dans la cour bétonnée. Au loin, dans la plaine de Champ-Dollon, brille un décor bigarré jaune vert rouge. Quand je regarde ce cocktail de couleurs-là, je retrouve un peu d'espoir. Espoir de changement, espoir de liberté, espoir de se reconstruire une nouvelle vie après la prison.

Un léger vent frais souffle là-bas dehors et balaye les feuilles mortes qui gisent, orphelines, sur le sol gris de la cour de béton. Moi, j'ai envie de me laisser emporter par ce vent. Je veux qu'il m'emmène avec lui, loin, loin, loin, hors de ce milieu où je me trouve. Je veux que ce vent léger me transporte comme dans un taxi brousse jusqu'en Afrique, au Cameroun, où je pourrai revoir mon tonton et lui dire que même si j'ai commis une faute grave, je n'ai pour autant pas changé. Je suis toujours le petit Dipita, son petit *nkana*, à qui il parlait comme on parle à un fils, à un futur héritier. Je veux lui dire que je suis toujours son petit *nkana* qui ne deviendra peut-être plus banquier comme nous étions convenus, mais, un jour, designer. Et puis, *un* designer, ce n'est en tout cas pas moins élogieux qu'un banquier, n'est-ce pas.

Je veux lui dire que je suis toujours son Dipita, son garçon sage à qui il peut livrer le secret de sa banque sans un sou ; je suis le garçon qui ne laisse pas fuir un seul secret de son ventre au travers d'un rot. Je veux lui dire que je ne pleure pas, que je ne pleure même jamais. Ce sera un mensonge, oui, mais ce genre de mensonge-là est permis. C'est maman qui m'a appris ça quand j'étais son chargé de communication. Je dirai donc à tonton que moi, je ne pleure jamais, même si du reste je suis devenu *comme ça* comme il n'aurait jamais voulu que je sois. Je me souviens encore bien-bien de ses mots. Ils résonnent toujours là à mes oreilles : « Mon fils, ne sois jamais comme ces hommes blancs qui pleurent comme des femmes ou qui font des mauvaises choses avec des hommes comme eux. » Je pense très souvent à ces mots si forts, à ces recommandations si claires que j'ai quand même fini par transgresser. Chaque fois que j'y pense, c'est comme si j'avais un camion de douleur dans mon ventre. J'aurais tout donné pour enlever *ça* de ma peau, afin de plaire à mon oncle.

Je veux dire à tonton que je n'ai pas oublié le plus important : la famille. Je veux lui dire que je pense à lui, à tantie qui se brûle les doigts à frire ses beignets de bananes tous les matins.

Je pense également à mon cousin Pitou-la-pie, même s'il m'embête avec ces machins trucs de déviances-là. Je veux lui dire que je pense à eux tous, sans relâche, tous les jours. Je veux raconter tout cela à tonton pour reconquérir sa confiance et avoir une deuxième chance. N'est-ce pas que le superviseur formateur de notre prison dit tout le temps que « faire de la prison n'est pas la fin de la vie » ? Alors, pourquoi ne pourrais-je pas reprendre tout à zéro et tenir la promesse d'aider ma famille en Afrique ?

Depuis ma chambre, je regarde au loin des oiseaux voler dans les cieux ensoleillés de cet automne doux. Je voudrais les inviter à relayer mon message à mon bien-aimé oncle, à des milliers de kilomètres de là. Je voudrais parler au Dieu Soleil comme le faisait si bien mon tonton. Je voudrais lui demander de m'aider. Je ferme alors les yeux et je lui adresse une prière : « Ô Dieu céleste ! Ô astre divin ! Ô Dieu de tonton ! Donne-moi le courage de purger ma peine dans la sérénité. Donne-moi le courage de penser à un avenir un tant soit peu meilleur. Ô Dieu céleste ! Ô astre divin ! Ô Dieu de mon oncle ! Ne ferme pas les oreilles à mes supplications. »

Après cette courte prière, je serre dur-dur ma mâchoire pour ne pas laisser s'échapper la moindre larme. Moi, je ne veux pas pleurer. Il faut au moins, à cet instant, que je reste fidèle à cette promesse : ne jamais pleurer. Ne jamais pleurer comme ces hommes blancs-là... Mais impossible. C'est plus fort que moi. Je pleure abondamment.

Et pour sécher mes larmes, je plonge mon esprit dans une certaine évasion. Je jette mon regard dans la cour grise de la prison. Je vois le cercle gazonné qui siège au centre. Cette cour terne de la prison de Champ-Dollon contraste profondément avec les vives couleurs automnales qu'il y a au-delà. Un vent repasse et fait virevolter les feuilles mortes comme dans un tourbillon. Je m'imagine à la place de ces feuilles, léger, très léger, emporté, emporté par le vent...

Un soir, alors que je révisais mes leçons dans ma très petite chambre, les yeux fixés sur l'écran de mon vieil ordinateur Acer, ma mère entra.

— Ça va, mon chéri ?

Je souris à ma mère. Elle s'approcha de moi et essaya de lire quelques mots des diaporamas que je révisais. Elle lut, non sans peine, le titre qui s'affichait à l'écran : « L'élasticité de la demande par rapport au prix. »

— Eééh mon fils Dipita ! s'exclama-t-elle en tapant dans ses mains. Tu fais maintenant les choses compliquées-là des Blancs. Les élasticités de ci, les élasticités de ça.

— Mais non, arrête ! C'est pas un truc de Blancs. L'élasticité de la demande par rapport au prix, c'est simplement la variation de la demande par rapport au prix...

— Stop ! Stop ! Stop ! Va là-bas avec ces choses des Blancs.

— Mais non ! C'est pas compliqué. C'est même très simple. Ça peut t'aider à piger des trucs dans ton travail.

— Ah bon, mon fils ?!

— Si tu augmentes tes prix, tu perdras beaucoup de tes clients, et si tu baisses tes prix, alors tous ces hommes iront chez toi et pas chez les autres. C'est tout !

— C'est tout ? Mais ça-là, je le savais déjà. Comme quoi les Blancs aiment compliquer les choses simples avec des gros-gros mots. Élasticité par-ci, élasticité par-là. Ils veulent nous rendre tous élastiques ou quoi ? Je vais te dire un truc, Dipita : moi, je ne baisserai jamais mes prix. Au contraire, je ne peux que les augmenter, parce que si je baisse mes prix, les clients penseront que je ne suis pas de bonne qualité. Tu comprends ?

— C'est ça même ! Tu es un bien de luxe, maman !

— Oh là là ! Dipita ! tu es en train de me dire que je suis un produit de luxe comme les robes Yves Saint-Laurent ou Gucci ?

— Exact.

— Moi, Mbila, devenue un produit de luxe ! Je pense que je vais le dire demain soir à l'ouverture de notre réunion de l'AFT.

Ma mère esquissa quelques pas de Bikutsi, en remuant son cube magie. Je ris. Une voix douce et rauque nous interrompit :

— Eh bien, tata Mbila, vous ne m'aviez pas dit que vous dansiez si bien.

Je levai les yeux vers la porte de ma chambre et j'aperçus un jeune homme blond, grand, le regard cyan, les lèvres pulpeuses, les épaules larges et carrées, majestueusement taillées. Nom d'un beignet de banane ! Mon sang ne fit qu'un tour, et mon cœur se mit à battre si fort dans mon thorax que je crus qu'il se mettait à danser le Bi-Zizi. Je n'avais jamais vu un aussi beau type de ma vie. Je venais de connaître le coup de foudre.

Ma mère avait cessé de danser. Elle remit sa mini-jupe à l'endroit, se racla la gorge et dit :

— Vraiment, Dipita, tu m'as troublée avec tes histoires élastiques et tes produits de luxe. Tiens, je te présente William. C'est le fils de Monsieur Rappard.

Puis elle se tourna vers la belle gueule blonde et lui dit :

— William, je te présente Dipita, mon fils.

Monsieur Rappard avait donc un fils ? Jusque-là, j'étais persuadé que ce Monsieur ne se limitait qu'à se marier et à divorcer. Avec qui donc avait-il pu avoir un si beau garçon ? Était-il son père biologique, ou au contraire, comme pour moi, son père adoptif ? Avais-je donc un frère ? Un frère tout blanc et blond ?

William me tendit la main. Je lui tendis la mienne, tremblante et suante.

— Salut, Dipita, me dit-il souriant.

— Sa-a-a-lut Wi-i-il-li-i-iam, balbutiai-je, complètement étourdi par sa beauté.

— William s’ennuyait chez sa mère, ma *cota*, à Bernex, alors je lui ai proposé de venir passer la nuit chez nous, avec toi. Je suis sûre que vous vous entendrez parfaitement. Moi, je suis pressée. Je dois filer au travail. Ce soir, je vais chez mon amie Charlotte ; elle est en voyage et m’a demandé de donner de la vie à son appartement. Je serai donc chez elle. Ainsi, vous pourrez être tranquilles et étudier les élastiques et les produits de luxe sans que je ne vous dérange avec mes clients. Allez, les gars, je vous laisse. Soyez sages.

Ma mère s’en alla comme ça en me laissant avec mon frère, un garçon dont le charme me mettait K. O. Moi, je voulais crier à Mbila : « Non !!! Ne me laisse pas avec lui ! S’il te plaît, ne nous laisse pas tous les deux seuls ! Non ! » Mais Mbila était déjà dans la rue de Berne en train de chasser ses clients. Et moi, je me retrouvai là nez à nez avec William.

Il paraissait bien plus à l’aise que je ne l’étais. Il me souriait sans cesse, pensant peut-être que cela me rendrait moins nerveux, moins stressé. Mais c’était tout le contraire qui se produisait ; il ne faisait qu’ajouter du feu à mon cœur déjà complètement incendié. Que lui dire ? Par quoi commencer ? De quoi parler avec lui sans roter un seul brin de mes sentiments ? Évoquer notre filiation improbable ? Ç’aurait été trop intrusif pour un début. Parler du métier de ma mère ? Pourquoi pas, mais pas avec un inconnu. Il ne me restait plus qu’à mettre un caleçon à ma bouche.

— Ta mère dit que tu étudies les élastiques et les produits de luxe ? me demanda-t-il, certainement pour assurer une transition moins brutale.

— Non. Ce ne sont pas les élastiques et les produits de luxe. Je lui expliquais tout simplement la notion d’élasticité de la demande par rapport au prix.

— Ah ! Mais c’est toute autre chose, ça.

— Exactement. Tu connais ?

— Bien sûr. Bien sûr que je connais. Je prépare un Certificat fédéral de commerce. J’étudie ces notions économiques de base.

— T’as quel âge ?

— J’ai dix-huit ans, et toi ?

— Dix-sept.

William se tut. Je tournai mon regard vers mes diaporamas, feignant une grande concentration, alors que tout dans ma tête était mélangé. William regarda avec attention ma

chambre. Il parcourut du regard les murs et y trouva de quoi lancer une autre conversation : mes croquis de designer.

— C'est toi qui les as dessinés ?

— Oui.

— Oh, mais c'est génial !

— Merci.

— Je ne pourrais pas dessiner de si belles robes sur des figurines. Si tu continues comme ça, tu seras couturier et célèbre.

— Non, pas couturier, mais de-si-gner.

— O.-K., designer. Tu pourras devenir comme Yves Saint-Laurent et gagner beaucoup d'argent.

— Uhum.

— Seulement, souviens-toi de moi une fois que tu seras célèbre. Avec mon Certificat fédéral de commerce, je pourrais t'aider dans tes stratégies marketing et de vente.

— O.-K..

Je n'ajoutai aucun mot. Je restai planté sur ma chaise à roulettes. Seul Dieu Soleil savait ce qui se tramait dans mon corps. C'était comme un manège de sentiments : la peur, la honte, l'angoisse, l'envie, la douleur, et bien sûr le *ndolo*, l'amour.

William se plaignit de la chaleur de notre petit appartement. Sur-le-champ, il déboutonna sa chemisette et s'allongea sur mon lit. Grrr ! Grrr ! J'ordonnai à mes yeux de rester collés sur l'écran de mon ordinateur. Mes yeux me désobéirent arrogamment pour aller découvrir le torse athlétique du type qui était là avec moi, pauvre Dipita, dans ma propre chambre, sur mon lit. William avait un corps de frappeur de parpaings, comme les Asso de tante Bilolo. Il avait un ventre travaillé, des tablettes de chocolat comme j'en voyais tous les matins dans les programmes télévisés de vente en ligne. William aurait même pu être mannequin dans ces programmes-là qui, tôt-tôt le matin, vous rappellent qu'il faut consommer pour exister. La maxime était simple : je consomme, donc je suis.

— Euh Wi-i-il-li-i-iam, veux-tu un thé ?

— Oui, volontiers, répondit-il avec enthousiasme.

Sans doute était-il content de m'entendre parler, enfin. Il devait être ravi de m'entendre lui poser une question, de me voir me mettre délibérément à son service. Moi, j'étais aussi content, mais pour d'autres raisons : j'allais enfin m'éloigner de lui pendant quelques secondes. Ouf ! M'éclipsant dans la cuisine, j'allais pouvoir corriger mon rythme cardiaque et implorer

Dieu Soleil, Allah, Jésus et sa Vierge de mère, et même Bouddha en personne de m'aider à remettre du zen dans ma respiration. Juste un tout petit peu de zen.

Quelle corvée, préparer ces tasses de thé ! Une vraie torture ! Je tremblais comme une feuille. Je me brûlai les doigts mille fois. Je poussai de nombreux « aïe ! » pour lesquels William s'inquiétait : « Ça va, Dipita ? ». Et je répondais : « Oui tout va bien ! T'inquiète ! »

Pour me calmer, j'ouvris la fenêtre de la cuisine et plongeai ma tête dans le boucan de la rue de Berne. Des voitures se disputaient la chaussée étroite au point d'en venir à réclamer une partie du trottoir aux piétons : « Pim ! Pim ! Pim ! Casse-toi pauvre con ! – mais c'est le trottoir ici, imbécile ! » ; des klaxons retentissaient en apportant encore plus de rythme à cette rue déjà assez bruyante ; les kébaberies grillaient encore plus de viande de porc pour satisfaire leurs clients aussi affamés qu'idiots ; les petits commerces des Sri Lankais continuaient d'écouler de l'alcool, et même beaucoup d'alcool, malgré l'interdiction d'en vendre après neuf heures du soir (« ben, on s'en fout ! ») ; des bars accueillaienent leurs clients tantôt satrapes bon chic bon genre, les museaux pointés vers le haut, tantôt malheureux mythos sans un seul *mbongo* ; une rangée de mecs beurs se brûlaient les poumons, une cigarette ou un joint bloqué entre l'index et le pouce : comme ça, ça fait plus masculin, plus viril ; des hommes et des femmes, le visage long, s'impatientaient devant les buanderies payantes ; les dealers – oh ! que j'allais les oublier, ces types-là ! – calculaient leurs clients comme un fauve sa proie ; et bien sûr les *wolowoss*, certaines perchées sur leurs très hauts talons à la Lady Gaga, d'autres assises sur des tabourets, attendaient tranquilles-tranquilles leurs clients. À voir cette ambiance turbulente dans laquelle j'avais grandi sereinement, je retrouvai naturellement mon souffle. Je me remis à respirer normalement. J'étais là, comme un petit poisson rouge dans son aquarium. J'étais dans mon milieu naturel, dans mon biotope, rue de Berne. Mais pour combien de temps ?

Je me retournai vers les deux tasses de thé que j'avais difficilement préparées et qui commençaient à refroidir. Je les saisis, inspirai profondément et m'engageai à retourner dans ma chambre où je devais faire face à William et à son charme. Je n'avais même pas fait un pas en direction de ma chambre que William se planta devant moi, à la porte de la cuisine, souriant, mon ordinateur Acer dans ses bras, et me dit :

— Tiens, Dipita, t'es gay ?

Il y a des questions surprises qui, lorsqu'on te les pose, font l'effet d'un coup du *ndongo ndongo* de tonton Démoney sur la tête. Pan ! Pan ! Déconcerté et désorienté, je laissai tomber les deux tasses de thé que je tenais dans mes mains. Elles échouèrent par terre dans un bruit d'éclats. Un tesson de porcelaine me blessa très légèrement le pied droit. « — Aïe !

— Ça va, Dipita ? — Oui tout va bien ! T'inquiète ! » menteur !

Mais quel bon diable m'avait-il même fait oublier mon profil GayRoméo ouvert sur mon ordinateur ? Seule une grosse burqa aurait pu dissimuler toutes *les* hontes-là qui recouvraient mon visage et mon corps entier à ce moment.

GayRoméo est un site de rencontres pour hommes. Je consacrais une bonne partie de mon temps à y « chatter » avec quelques *depsos* de la région romande et au-delà, dans toute la Suisse et en France voisine. C'était une façon pour moi de me socialiser, du moins virtuellement, avec d'autres gens *comme ça* comme moi. C'était là une façon de ne pas me sentir seul au monde avec une différence qui me paraissait énorme. Je me souvenais toujours des mots de mon oncle Démoney : « Mon fils, ne sois jamais comme ces hommes blancs... » Mais même les mots durs-durs-là de tonton n'arrivaient pas à me décourager de traîner sur ce site que j'appelais aussi « Le Supermarché ». J'appelais ça comme ça parce qu'on y trouve de tout : des minces, des gros, des cochons, des jeunes, des vieux, des cercueils ambulants, des mignons, des moches, des monstres, du prêt-à-consommer comme du périmé, etc.

Les mots de tonton m'avaient tellement condamné, isolé, que je m'étais senti moins seul lorsque j'avais découvert l'existence du Supermarché. Je me sentis encore moins seul lorsque je m'aperçus qu'y rôdaient beaucoup de types super machos des Pâquis que je voyais tous les jours traîner dans ma rue.

Moins seul, je me sentais mis en confiance, parmi les miens, protégé par la clandestinité de notre univers virtuel, fier de comprendre, avec le temps, que je n'étais peut-être pas si façon-façon comme l'aurait pensé tonton.

Au Supermarché, je m'amusais à « chatter » à longueur de journée. Je connaissais de mieux en mieux le langage des *depsos*-là. Les *plans* pour dire plans culs, les BM pour parler des Bien Montés, les A pour les Actifs, les P pour les passifs, les S pour les soumis, le BBK pour le *Barebaking*, hein, de la bouffe crue, les *sketeurs* pour les types qui aiment sniffer les chaussettes sales, les *pics* pour les photos, et j'en passe.

Les conversations au Supermarché étaient simples et brèves : « - *Salut ! - slt ! - cmt vas-tu ? - bien et toi ? - bien - que cherch tu ? - Un peu de tout et toi ? - plan - cool, t'es BM ? - Oui et toi ? - Normal. T'es A ou P ? ...* »

Je ne passais jamais à l'acte. J'avais trop peur parce que je n'avais pas le droit d'être sur ce genre de site. Je n'avais que dix-sept ans. Par souci de discrétion, je me limitais aux « chat », sans jamais dévoiler mon identité ni mon visage. Mon profil n'avait aucune *pic*.

Je me souviens de l'ami invisible que j'avais rencontré au Supermarché. Son pseudo était BoJeunMec, et le mien GossCurieux. Avec BoJeunMec, je partageais beaucoup de choses. Nous parlions de nos journées au collège, de nos professeurs chiants, de nos désirs d'avenir, de

notre volonté de connaître le grand amour, de nos parents absents, mais jamais de leur profession. Nous parlions de nos envies matinales de faire ces choses-là, de nos rêves classés « séries roses », de nos pollutions nocturnes, de nos branlettes sous la douche, de notre peur de la sodomie.

Malgré tout, je n'avais jamais montré une *facepic* à BoJeunMec. C'était pareil pour lui. Nous étions amis, même amoureux, sans jamais nous voir : c'était ce que j'adorais dans Le Supermarché, cette possibilité de partager mes craintes, mes joies et mes désirs avec les autres sans pourtant jamais me révéler à eux.

Je pensais tout le temps à BoJeunMec, mon amoureux imaginaire. Je me le représentais beau, jeune, enfin, comme l'indiquait son pseudo. Je me le représentais en fonction des données inscrites sur son profil : 1 m 87, 80 kg, caucasien, allure athlétique. Parfois, je me demandais si BoJeunMec était vraiment beau et jeune, s'il ne s'agissait pas en fait d'un petit vieux en quête de jeunots. Mais au fond-fond de mon cœur, je savais que j'avais un camion de *ndolo* dans mon ventre pour BoJeunMec.

Mon profil restait toujours ouvert, parallèlement aux diaporamas de mes cours sur PowerPoint et à mon compte Facebook, bien sûr. J'avais une devise : rester social, même lorsqu'on étudie. Voilà que cela me jouait le mauvais tour de révéler le secret de ma *chose-là* à William.

J'étais allé dans ma chambre pour soigner ma micro-blessure, et William était resté dans la cuisine pour éponger le thé que j'y avais renversé. Il me rejoignit quelques minutes plus tard. Attentionné, il s'assit près de moi, posa une main sur mon épaule et s'enquit de mon état : « Alors, ça va Dipita ? », et bien sûr que je lui avais balancé le même refrain : « oui tout va bien ! T'inquiète ! » Oh ! le menteur ! — Je suis désolé si je t'ai offensé. Je n'aurais pas dû m'aventurer sur ton ordinateur.

— Oh, y a pas de quoi s'excuser, répondis-je négligemment.

— Je voulais juste jouer à un jeu vidéo, histoire de t'attendre tranquillement.

— Y a pas de souci. Tout va bien.

Entre nous, c'était de nouveau le silence. J'avais décidé de ne pas me défaire de ma blessure afin de ne pas affronter William. Lui gardait sa main sur mon épaule. Je me transformais en beurre dans une poêle bien chaude. Je retins bien mon souffle pour ne rien roter. Mais mon cœur ne faisait que bondir-bondir. Comme j'aurais voulu me servir du *ndongo ndongo* de mon oncle pour le frapper et le rappeler à l'ordre.

— Au fait, c'est moi BoJeunMec, me murmura William.

Que dire lorsqu'on se retrouve face à face avec son rêve secret ? Je n'y crus pas, moi. C'était trop beau pour être vrai. Ce devait être une blague. « Et si c'était la vraie vérité, ce que j'entends là ? » me questionnai-je. Ma lèvre inférieure trembla comme celle d'un fiévreux. Était-ce là un coup monté par maman ? Ce serait trop facile de croire à un complot. Mais quel mot placer après une telle révélation ? Lui dire que je l'avais bien imaginé ? Lui dire que je le savais ? Trop facile, non ? Lui dire qu'il se trompait ? Peut-être. Et même s'il se trompait, comment avait-il su que je « chattais » avec un certain BoJeunMec dans Le Supermarché ? L'avait-il découvert en mettant son nez dans mon compte ? Probablement, oui. Mais laissons ça, car le plus important dans sa révélation était bien là : il était lui aussi *comme ça* !

Lentement, je relevai la tête et tournai mon regard vers mon interlocuteur dont la main n'avait toujours pas quitté mon épaule.

— C'est donc toi, BoJeunMec ?

Pour seule réponse, William se contenta de hocher la tête de haut en bas. Il retira sa main de mon épaule. Il perdit son regard quelque part ailleurs. Que regardait-il ? Je ne saurais le dire. Mes croquis de designer sur les murs de ma chambre ? Mon ordinateur Acer ? Ma micro blessure dont je ne souhaitais vraiment pas me détacher ? Toujours assis sur le lit, je m'éloignai de quelques petits centimètres, prétextant avoir besoin d'un peu d'air. « Il fait chaud-chaud ici dedans », réussis-je à dire. William me tint par la main. Que signifiait ce geste ? Où étaient donc les filles de l'AFP pour me dire comment me comporter dans ce genre de situation ? Ce n'était apparemment pas une blague. Il y avait du concret. Je vivais mon rêve. Je me rapprochai de William. Je levai les yeux et croisai son regard. Je lui caressai le visage. Nos lèvres s'approchèrent mécaniquement, comme portées par quelque chose de gracieux. Nous nous embrassâmes, tendrement, passionnément, sauvagement. Je lui bouffai la bouche et il en fit autant. Il baissa rapidement son pantalon et j'aperçus un slip déformé façon-façon par son machin-là. C'était aussi raide et doux que les bananes sauvages que ma tante Bilolo utilisait pour faire sa pâte à beignets.

BoJeunMec, oups ! William avait de quoi être fier là-bas en bas. Dans le jargon des *depos*, on dirait qu'il est TBM, Très Bien Monté. Je palpai sa chose pendant qu'il me déshabillait vite-vite. Il porta ses mains à mes épaules et me contraignit, par la force de ses bras, à tomber à genoux. J'eus un instant de réticence, pensant à mon oncle Démonéy et à ses recommandations. J'eus la désagréable impression d'être un traître. Je sentis surgir en moi un relent d'autocondamnation. Je pensai également au métier de ma mère, putain de *wolowoss*, à ces hommes qui entraient tous les soirs dans sa chambre à coucher. Je pensai à ma mère, dans cette position de soumission-là, à genoux devant le machin en érection d'un client acharné,

peut-être même violent. J'éprouvai de la haine pour les hommes, de la haine pour la bite, de la haine pour ma sexualité. L'idée de dire « non » me traversa l'esprit. Ce ressentiment était si fort que je voulus mordre féroce­ment ce truc tendu qui, face à moi, n'attendait plus que ma langue. Mais le désir croissant au fond de mes tripes submergea toute ma haine naissante. « Ô mon Dieu, m'entendis-je dire, pardonne-moi car je ne sais pas ce que je fais. » Inconsciemment, machinalement, j'ouvris grand ma gueule. William l'emplit de sa banane et moi, je sentis l'arrière-goût des beignets de tante Bilolo.

William alias BoJeunMec posa ses mains sur ma tête comme pour me bénir, me baptiser, amen. Je m'activai autour de ce qu'il avait de plus saillant à cet instant. Je fermai les yeux et me laissai emporter d'une part de mon plein gré, et de l'autre à contre-cœur. Toutes les belles astuces partagées dans un entrain de solidarité lors des réunions de l'AFP me revinrent en pagaille ! Où poser sa langue ? Comment ouvrir sa bouche pour éviter l'asphyxie ? Comment produire le plus de salive possible pour mieux manger son fruit-là ? Ah, pensai-je, presque fier de moi, Charlotte la coiffeuse soulignait toujours qu'il est important, sinon indispensable, de ne pas oublier les œufs ! William gémit comme un animal pris au piège lorsque je passai ma langue là-bas sur ses œufs-là. Sans me prévenir, il me saisit avec force et me projeta sur mon petit lit. Fesses en l'air, je n'eus pas le temps de lui demander d'attendre que je me rince comme le préconisait une astuce de l'Association des Filles des Pâquis... Planté derrière moi, de son imposant gabarit d'athlète, il releva légèrement mon bassin vers lui, et... hop, le tour était joué.

Je poussai un cri semblable aux cris d'un guerrier zulu. Pourquoi avais-je même crié ? Était-ce parce que je souffrais dans ma chair ? Était-ce parce que je me croyais en train de faire la *wolowoss* comme les femmes de l'AFP ? Était-ce parce que je revoyais, là, dans mon imagination, le visage de mon oncle Démoney, son *ndongo ndongo* de brosse à dents dans la bouche, me disant que ce que je faisais était mal ? Je criai peut-être pour toutes ces raisons mises dans le même panier. Je n'en sais rien, moi. Je criai, c'est tout. C'est pour ça que William porta une main musclée à ma bouche. Je me sentis alors rabaissé, privé de paroles, humilié. Des flashes de la sombre histoire de ma mère me revinrent en mémoire. Je voulais me ressaisir, me révolter, crier encore plus fort comme les vendeurs à la sauvette du marché improvisé de Ngodi-Akwa. Mais ma chair céda, faible. William se coucha contre mon dos et je sentis la chaleur de sa présence me pénétrer. « Chut ! relaxe-toi », me dit-il. Je me clouai la bouche et me laissai faire.

XI

— Alors, ça va avec ton petit amoureux ? me demanda Charlotte la coiffeuse sous l'éclat des rires des filles de l'AFP.

Je ne m'attendais pas à une telle question. Comment avait-elle su que j'avais un type ? Comment en était-elle si convaincue ? Ça se voyait que son regard de colporteuse-là en était sûre-sûre.

— Je ne vois pas de quoi tu parles, mama Charlotte, répondis-je.

Les filles poussèrent à nouveau un éclat de rire qui me déconcerta. Elles semblaient si convaincues de leur information que mon air pantois et indifférent ne les désorientait pas.

— Bah, mon fils, reprit Charlotte en meneuse de peloton. Tu sais, je t'ai toujours dit que j'étais née avant toi. Et ces petites histoires de chéri coco, il y a bien longtemps que je les ai connues.

— Ah, Charlotte, laisse notre bébé tranquille, l'interrompit Bélen, la mère de Saarinen et l'animatrice principale de l'AFP.

Bélen était bolivienne. Physiquement, elle avait plutôt un corps de *wolowoss*. Sa poitrine était pointue-pointue comme pour faire du mal à quelqu'un. Une poitrine qu'elle voulait toujours mettre en avant. Elle l'enfilait dans un soutien-gorge ou un corset bien trop petit pour sa taille.

Les autres filles de l'AFP avaient acquiescé à l'interruption de Bélen. « Bélen a raison ! » dit Maïmouna, une Rwandaise aux formes de guêpe, et accro au crayon à lèvres noir. « Bélen a raison, continua Tran-Hui, une Thaïlandaise au corps aussi minuscule que le visage. Soit tu vas droit au but, soit tu laisses notre petit Dipita en paix. »

« C'est toujours comme ça dans cette association. Je ne peux jamais aller au bout de mes idées. Vous me coupez toujours la parole », s'énerma Charlotte.

Un grand Ah ! de désapprobation s'éleva et emplit l'air pollué de nicotine. « Parle donc, Charlotte ! », « Parle ! » lui crièrent les filles de l'AFP. « Parle, Charlotte. Nous, nous ne voulons que *la Paz* », conclut Bélen. Charlotte savoura le vote de confiance qu'on venait de lui attribuer.

Dans cette ambiance de cour de récréation, William entra, un plateau à la main. Il y transportait plusieurs tasses, du sucre et la théière orientale de ma mère – cadeau de Tran-Hui, la Thaïlandaise. Mais lui, que foutait-il là ? Il ne m'avait pas averti qu'il passerait me rendre visite.

William déposa délicatement le plateau de thé sur la petite table de notre salon étroit. Il prit place près de Mbila, à même le sol, sur le tapis. Toutes les filles le regardèrent en souriant, puis tournèrent en chœur leur regard vers moi, dans un même sourire provocateur. C'était trop bizarre pour être facilement vrai comme ça-là. Et si tout ce truc était faux ? Et si William n'était pas le vrai-vrai fils de Monsieur Rappard ? Et si c'était vraiment un gros piège des femmes de l'AFP pour me faire roter ma part de secret que je cachais bien-bien dans mon ventre-là ?

Charlotte installa soigneusement son postérieur dans le fauteuil à bascule de ma mère. Elle se racla la gorge comme le ferait un chef de village africain, et reprit la parole.

— Bon. Bon. Voilà, fiston. Nous savons que tu es homosexuel. Pas besoin de nier, car William a tout avoué à ta mère qui, à son tour, nous a tout dit.

— Ah, vous m'avez donc tendu un piège. C'est ça, non ?

— Mais qu'est-ce que tu veux dire ? s'étonna Charlotte.

Son regard colporteur s'était transformé en un regard malheureux, innocent. « Eh Dipita, mon fils, nous, on ne peut jamais te tendre de pièges. Surtout pas à propos de trucs comme ça », dit-elle en levant trois doigts en l'air pour jurer.

J'avais envie de déposer mes fesses quelque part. Des yeux, je cherchai mon pouf poire pour m'y fondre comme j'avais l'habitude de faire durant toutes les réunions de l'AFP. Peut-être aurait-il su me consoler. Peut-être aurait-il su couvrir *les* hontes que je ressentais. Je voulais sortir de cette pièce, m'éloigner, m'enfuir, les abandonner à leurs convictions. Mais ç'aurait été trop lâche. Et l'estime que j'avais pour mes mères ne m'aurait simplement pas permis pas de le faire. Il ne me restait plus qu'à souffler et m'asseoir à même le sol.

Charlotte reprit la parole :

— Mon fils, tu peux me croire. Il n'y a pas de complot dans tout ça. Ta mère vous a trouvés hier soir, William et toi...

— Et alors ?! lançai-je du tac au tac. William, dis-moi, c'est quoi ces histoires-là ? Déjà, tu fous quoi là ?

— Calme-toi. Calme-toi, mon fils, intervint Mbila.

— Tu nous a trouvés nus dans mon lit, et alors ?! Où est ton problème ?

— ...

— Oui, je suis pédé ! Oui, j'ai baisé avec lui ! Oui ! C'est ça que vous vouliez entendre, non ? Bah voilà ! C'est fait !

Le salon était plongé dans un lourd silence. C'était la première fois que je haussais le ton devant mes mères. Je me mis à pleurer. Honteux, je voulus m'enfuir dans ma chambre, mais la voix de Charlotte freina mon pas.

— Ne pleure pas, mon fils. Il ne faut pas t'énerver. Tout est maintenant clair pour tout le monde, et pour finir avec ça, je dois te dire que tu es libre d'être qui tu es. Nous ne te condamnons pas et ne te condamnerons jamais. Tu peux toujours compter sur nous pour te défendre, que ce soit ici aux Pâquis ou ailleurs.

La gentillesse de ces mots me toucha. Je sentis la colère naissante en moi s'évanouir. L'émotion me fit rougir. J'en vins de nouveau aux larmes. Je pleurai comme un petit enfant. Je pleurai comme tonton ne l'aurait jamais souhaité. William se leva et vint à mon secours. Il me prit dans ses bras et me caressa le dos. Je me sentis aimé.

J'avais toujours su que mes mères finiraient un jour ou l'autre par m'accepter tel que j'étais. Mais je ne savais pas que cette acceptation se ferait aussi gaiement, avec de si bons mots. Après tout, certaines de mes mères venaient de pays où les gens *comme ça* ne sont pas les plus aimés. Mbila, par exemple, venait du Cameroun où les présumés *depos* sont emprisonnés ; Charlotte venait du Nigéria qui les lapidait à cœur joie.

Dans ce micmac d'émotions et d'accolades chaleureuses, je prêtais une attention particulière à ma mère. Elle était là, comme ses consœurs de l'AFP, emportée dans le vent de gaieté qui soufflait fort-fort dans notre salon. À voir son sourire radieux, on aurait dit qu'elle était aussi heureuse qu'une mère qui vient d'apprendre que son fils est diplômé de l'université de Genève, ou qu'il a été engagé par une grande multinationale dans le quartier des Nations, ou qu'il se mariera avec une belle et douce épouse et qu'ils auront un village d'enfants. Mbila semblait aussi heureuse qu'une mère dont le fils a été mis en haut par les autorités politico-administratives.

Mais, avec un peu de recul, je me demandai pourquoi maman était si heureuse. Pourquoi tant de joie pour une histoire de *ndolo* entre deux garçons ? Qu'est-ce qu'il y avait de si joyeux ou de si jouissif au point de célébrer comme elle le faisait ? Puis je me rappelai que tantie disait toujours que pendant les moments de joie, il est dur-dur de montrer qu'on a un camion de colère dans son ventre. C'est pour ça que j'avais pensé que la joie de ma mère cachait peut-être de la tristesse que les circonstances ne lui permettaient pas d'afficher.

Mbila ne voulait-elle pas, comme n'importe quelle autre mère, avoir des petits-enfants ? Elle qui avait tant souffert de l'exagération forcée de son âge, du trafic et de l'exploitation sexuelle, ne voulait-elle pas avoir une descendance qui témoignerait de sa victoire sur la bêtise humaine dont elle avait été victime ? Elle qui avait été élevée par tantie Bilolo dans les règles coutumières de chez nous, ne voulait-elle pas laisser ce savoir-faire à une belle-fille ? Alors pourquoi ne montrait-elle aucun signe de désapprobation, du moins de déception, de désarroi, d'égarement, d'embarras ? Pourquoi n'affichait-elle pas un peu de malaise, voyons ? Eh bien

non. Elle semblait franchement fière de moi. Elle semblait fière d'avoir un fils *comme ça*. Dans son regard humide et chatoyant, je vis qu'elle se fichait du qu'en-dira-t-on. Elle se fichait des cancans des radios trottoirs. Elle se fichait de ceux qui laisseraient entendre que son fils était devenu *comme ça* – oui *comme ça là* – à cause d'elle. Elle se fichait de ceux qui tireraient leur langue comme du chewing-gum pour raconter qu'elle avait élevé son fils comme on élève une fille, comme s'il y avait des façons différentes d'élever une fille ou un garçon. Non, Mbila semblait pisser sur tout ça. Elle était fière, fière d'être ma mère, fière d'être la mère de son fils unique. *Depso* ou pas, je restais son fidèle associé.

C'est vrai, l'atmosphère festive de la pièce ne me laissait pas indifférent. Mais je n'étais pas pour autant complètement emballé par leurs youyous. En fait, tout au long de mon adolescence, je m'étais tellement nourri d'histoires de *révélations* ayant tourné au vinaigre, au pugilat, à de brutales ruptures familiales, à des rejets, et même à des suicides, que je me sentais triste d'avoir tant de chance. J'étais tellement imprégné de ces sombres histoires-là que je trouvais étrange de bénéficier d'une si naturelle acceptation de la part de mes mères. Pourquoi cette chance m'arrivait-elle à moi ? Je sentais mon cœur se balader entre la satisfaction et l'amertume. Surtout l'amertume. Je vivais l'amertume de n'avoir pas connu de repréailles dues à ma *chose-là*. Je me sentais traître vis-à-vis des autres adolescents dont je m'étais passablement abreuvé d'histoires malheureuses postées sur la toile, dans les forums. Je trouvais dommage de n'avoir pas eu un parcours semblable aux leurs. Je voulais connaître moi aussi la souffrance du rejet, le tourment de l'exclusion par sa famille, par ses amis, par son entourage. Je voulais connaître les contours de la pensée suicidaire, le génie de mettre en scène sa mort, de se l'imaginer, et même de la réaliser avec courage.

Pour moi, l'heure de la *révélation* rimait forcément avec le suicide. Il me faudrait tout préparer, minutieusement, avant de tout roter. Je pensais par exemple qu'il fallait préparer une tonne de médicaments à avaler, si possible avec beaucoup d'alcool. Pas si convaincu par ce scénario d'intoxication, j'entendais me servir d'une arme – celle du service militaire, par exemple. Quelques balles dans la tête solderaient en un éclair tous mes soucis. Mais le hic était que je ne m'imaginai pas en train de jouer à la recrue dans leurs camps militaires-là. J'avais toujours pensé que je me finirais plutôt que d'y aller. Ce n'était vraiment pas mon truc. Alors, pour quelle solution opter afin de me finir en paix après ma *révélation* ? Une corde ? « Oui, sans doute, une corde », me disais-je, allongé sur mon lit. Une corde, une chaise. Je m'étais souvent imaginé, là, le cou tordu, accroché à une corde nouée au lustre en bronze de notre salon. Mais lorsque j'envisageais la tête de ma mère devant la découverte macabre de mon corps ainsi suspendu à une corde comme une guirlande sur un sapin de Noël, je me disais qu'il valait mieux

trouver une autre option. Peut-être ne plus m'alimenter ? Maigrir et devenir anorexique ?
« Mais l'anorexie, pensais-je, c'est une maladie de meufs, ça ! »

J'échafaudais alors plusieurs scénarios : me noyer dans le lac Léman, me jeter sur les rails, me jeter sous les roues d'une voiture sur une autoroute, etc. Du fond de ma détresse, je pensais à toutes ces possibilités. Mais surtout, je me disais qu'il fallait laisser une trace avant de m'en aller. Il fallait laisser par exemple une petite lettre. Je voulais faire comme Dalida, mon idole. Je voulais rédiger une lettre d'adieu où j'aurais pu dire à ma mère, non, à mes mères, combien je les aimais. Je voulais leur dire que c'était par amour pour elles que je préférais partir et leur laisser la paix.

Ma lettre, je l'avais d'ailleurs soigneusement préparée. Je voulais la laisser dans mon ordinateur Acer, sur un fichier de Microsoft Word. Puis, j'y renonçai, pensant que ma mère n'y aurait pas accès ; elle ne savait pas se servir d'un ordinateur. Alors, je m'étais muni d'une feuille blanche, et j'y avais écrit : « Pardonnez-moi, une vie de *deps* m'est inimaginable. » J'avais plié cette feuille en quatre et l'avais bien bien cachée sous mon lit, attendant patiemment le jour J.

Mais ce matin, en écoutant les éclats de rire de ma mère et de ses copines de l'AFP, je me sentis honteux. Tous mes plans tombaient à l'eau.

Pour moi, c'était important de vivre une histoire turbulente, bouleversante, afin d'avoir quelque chose de choquant à poster sur un forum, quelque chose de blessant à partager avec les autres. Pour moi, ç'aurait été la meilleure façon non seulement de combattre avec les autres persécutés, mais aussi et surtout d'exister. Oui, exister. Car j'étais persuadé que pour exister avec ma *chose-là*, il me fallait avoir une histoire à raconter. Et une histoire de vie aussi rose et dépourvue de toute souffrance, de tout soubresaut douloureux, pareille à celle que m'offraient ma mère et les femmes de l'AFP, me paraissait si ennuyeuse que j'en fus déçu.